

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

CHARLLEY FREITAS CAMPOS

**PERFORMANCES CORPORAIS DE HOMENS GAYS AFEMINADOS E
TENSIONAMENTOS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO
HEGEMONICAMENTE CISHETERONORMATIVO EM PONTA GROSSA-PR**

PONTA GROSSA

2026

CHARLLEY FREITAS CAMPOS

**PERFORMANCES CORPORAIS DE HOMENS GAYS AFEMINADOS E
TENSIONAMENTOS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO
HEGEMONICAMENTE CISHETERONORMATIVO EM PONTA GROSSA-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia, curso de Mestrado em Gestão do
Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa,
como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientação: Alides Baptista Chimin Junior

PONTA GROSSA

2026

C198 Campos, Charley Freitas

Performances corporais de homens gays afeminados e tensionamentos na produção do espaço geográfico hegemonicamente cisheteronormativo em Ponta Grossa-PR / Charley Freitas Campos. Ponta Grossa, 2026.
142 f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Alides Baptista Chimin Junior.

1. Geografia das sexualidades. 2. Homens gays - Identidade. 3. Masculinidade. 4. Geografia feminista. I. Chimin Junior, Alides Baptista. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. III.T.

CDD: 304.2



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

Charlley Freitas Campos

PERFORMANCES CORPORAIS DE HOMENS GAYS AFEMINADOS E TENSIONAMENTOS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO HEGEMONICAMENTE CISHETERONORMATIVO EM PONTA GROSSA – PR.

Ponta Grossa, 26 de fevereiro

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão do Território no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Alides Baptista Chimim Junior UEPG Presidente

Joseli Maria Silva UEPG Membro

Karla do Rosário Brumes Unicentro Membro Externo

Almir Nabozni UEPG Suplente

Adelaine Ellis Carbonar Dos Santos UFSJ Suplente Externo



Documento assinado eletronicamente por **KARLA BRUMES, Usuário Externo**, em 26/02/2026, às 16:26, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Alides Baptista Chimim Junior, Professor(a)**, em 26/02/2026, às 16:26, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Joseli Maria Silva, Professor(a)**, em 26/02/2026, às 16:27, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **2980461** e o código CRC **375951D4**.

Dedico essa dissertação a minha avó Ana (*in memoriam*), cuja memória continua a iluminar meus caminhos. E aos gays afeminados que me concederam entrevistas, sem a colaboração deles essa pesquisa não seria possível.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria e ao meu pai Pedro, que sempre me apoiaram e tornaram meu sonho possível, e que através de seus suores, proporcionaram a mim a uma vida que a eles foi negada.

Às minhas irmãs Patrícia, Bilidiane e Poliane pelo eterno apoio que me proporcionaram um ambiente seguro.

Ao meu orientador Dr. Alides, por abraçar minha ideia, por fazer um exímio trabalho, por falar e por me ouvir.

À minha banca Dra. Adelaine; Dra. Joseli e Dra. Karla pelas considerações, generosidade e inspiração.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

Ser afeminado é revolucionário (Pablo Vittar,
Performance, Prêmio Multishow, 2018)

RESUMO

Esta dissertação investiga como as performances corporais de homens gays afeminados produzem tensionamentos na estrutura cisheteronormativa de Ponta Grossa-PR, revelando que o espaço urbano não é neutro, mas regulado por lógicas de poder que remontam à colonialidade do gênero. A pesquisa fundamenta-se em uma metodologia qualitativa com raízes epistemológicas feministas na qual o pesquisador se posiciona como sujeito e objeto do estudo, articulada ao trabalho de campo que envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas com oito colaboradores locais. Dessa forma permitiu-se espacializar e visualizar as vivências de homens gays autodeclarados afeminados, identificando geograficamente os sentimentos de opressão e alívio no cotidiano da cidade. Bem como, responder às seguintes questões de pesquisa: Como as performances corporais de homens gays afeminados constituem tensionamentos na produção do espaço geográfico hegemonicamente cisheteronormativo em Ponta Grossa? Sendo as sub-questões: Como se constitui o processo de auto identificação das pessoas como gays afeminados? Como as performances corporais de homens gays são reconhecidas socialmente como traços afeminados em diferentes espaços? De que forma se estabelecem os tensionamentos entre as vivências espaciais e gays afeminados? Os resultados evidenciam que a experiência desses sujeitos é marcada por uma cartografia de afetos onde a “topofobia” é instaurada por uma necropolítica cotidiana (Mbembe, 2006) em espaços de grande circulação, como o Terminal Central. E ao cruzar esses dados com os conceitos de performatividade e interseccionalidade, o trabalho demonstra que a autoidentificação como gay afeminado constitui uma estratégia de resistência decolonial, transformando a performance afeminada e a masculinidade afeminada em uma ferramenta de desobediência política que reivindica o direito à cidade e reconfigura as sensibilidades na paisagem urbana da cidade média brasileira.

Palavras-chave: Masculinidades Plurais; Performance de Gênero; Geografia das Sexualidades; Geografias Feministas.

ABSTRACT

This dissertation investigates how the bodily performances of effeminate gay men produce tensions within the cisheteronormative structure of Ponta Grossa-PR, revealing that urban space is not neutral, but regulated by power logics that hark back to the coloniality of gender. The research is based on a qualitative methodology with feminist epistemological roots, in which the researcher positions themselves as both subject and object of study, articulated with fieldwork involving semi-structured interviews with local collaborators. This allowed for the spatialization and visualization of the experiences of self-declared effeminate gay men, geographically identifying feelings of oppression and relief in the daily life of the city. It also answered the following research questions: How do the bodily performances of effeminate gay men constitute tensions in the production of the hegemonic cisheteronormative geographical space in Ponta Grossa? How is the process of self-identification of people as effeminate gay men constituted? How are the bodily performances of gay men socially recognized as effeminate traits in different spaces? How are tensions established between spatial experiences and effeminate gay men? The results show that the experience of these subjects is marked by a cartography of affects where "topophobia" is established by a daily necropolitics (Mbembe, 2006) in spaces of high circulation, such as the Central Terminal. And by crossing these data with the concepts of performativity and intersectionality, the work demonstrates that self-identification as an effeminate gay man constitutes a decolonial resistance strategy, transforming effeminate performance and effeminate masculinity into a tool of political disobedience that claims the right to the city and reconfigures sensibilities in the urban landscape of the average Brazilian city.

Keywords: Plural Masculinities; Gender Performance; Geography of Sexualities; Feminist Geographies.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Contagem das espacialidades discursivas	90
Gráfico 2 Frequência das Principais Categorias Discursivas	91
Gráfico 3 Distribuição das Espacialidades Discursivas Agrupadas	93
Gráfico 4 Sujeitos Predominantes nas Narrativas sobre o Espaço Doméstico	95
Gráfico 5 Recorrência dos Sujeitos da Relação nos Discursos	97
Gráfico 6 Natureza das Experiências por Tipo de Espaço	103
Gráfico 7 Perfil das Vivências em Espaços de Lazer Noturno	105
Gráfico 8 Dinâmicas de Sentido no Espaço Escolar e Universitário	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Perfil dos Entrevistados.....	26
Quadro 2 Sistematização das Entrevistas com homens gays autodeclarados afeminado com base em Bardin (1995)	30
Quadro 3 Espacialidades de homens gays afeminados com base nas entrevistas realizadas...	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1- O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: ENTRE O PESSOAL E O CIENTÍFICO.....	20
1.1 Um homem gay afeminado na geografia.....	20
1.2 Os procedimentos metodológicos na operacionalização da pesquisa.....	24
CAPÍTULO 2- ESPAÇO E PERFORMANCES CORPORAIS NA VIVÊNCIA DE MASCULINIDADES NÃO HEGEMÔNICAS.....	32
2.1 Espaço e sexualidades na abordagem geográfica.....	32
2.2 Corpo, performance e espaço.....	41
2.3 Masculinidades plurais e geografia.....	51
CAPÍTULO 3- HOMENS GAYS AFEMINADOS, CORPOS E PERFORMANCE CORPORAL NA VIVÊNCIA DO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA.....	61
3.1 As memórias corporais e o processo de identificação como gay afeminado.....	62
3.2 Performe coanrcporal, espaços cisheteronormativos e homonormativos.....	75
CAPÍTULO 4- TENSIONAMENTOS ENTRE PERFORMANCES DE HOMENS GAYS AFEMINADOS E SUAS ESPACIALIDADES.....	87
4.1 As experiências de acolhimento espacial.....	87
4.2 As experiências de tensionamentos, exclusão e dor na vivência espacial.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICES.....	134

INTRODUÇÃO

A Geografia, em sua trajetória hegemônica, frequentemente tratou o espaço como um palco neutro e o corpo como uma abstração universal, desvinculado de marcadores sociais (Rose, 1993). Essa visão tradicional obscureceu as imbricações entre espaço, corpo e poder. Em contraponto, esta dissertação propõe uma “geografia corporificada”, abordagem crítica que centraliza as experiências de corpos historicamente marginalizados, silenciados e invisibilizados, muitas vezes tachados de “abjetos” pela norma (Butler, 1993; Rodó-Zárate, 2021). Tal perspectiva alinha-se às contribuições das geografias feministas e *queer* ao enfatizar que no espaço se refletem hierarquias de gênero e sexualidade, e que compreender essas dinâmicas exige considerar os corpos em sua materialidade e diversidade.

Nesse contexto teórico-crítico, o foco recai sobre o corpo do gay afeminado, cuja presença e performance desestabilizam fundamentos de uma disciplina erigida sobre um pensamento predominantemente branco, eurocêntrico, masculino e heterossexual (Silva, 2019; Lima, 2023). Trata-se de investigar um sujeito cuja corporalidade dissidente questiona frontalmente as normas espaciais vigentes e os saberes geográficos tradicionais.

Compreender o espaço urbano a partir dessa perspectiva significa rejeitar a ideia de que a cidade seja um contêiner passivo de atividades sociais. Pelo contrário, o espaço é produto e produtor ativo de relações de poder (Lefebvre, 1991). Como ensina Henri Lefebvre, o espaço é socialmente produzido e moldado por forças dominantes (capitalismo, patriarcado, colonialidade) que inscrevem suas lógicas na materialidade urbana. Paralelamente, opera sobre os corpos um poder disciplinar, nos termos de Michel Foucault, que por meio de instituições, discursos e normas fabrica corpos “dóceis” e subjetividades inteligíveis (Foucault, 1987). Desse modo, espaço e corpo se co-constroem: o planejamento das cidades e as práticas espaciais refletem e reforçam relações sociais de dominação, ao mesmo tempo que são contestadas pelas vivências corporificadas dos sujeitos dissidentes.

Nas cidades contemporâneas, especialmente em centros urbanos de porte médio e caráter conservador como Ponta Grossa, essa dinâmica manifesta-se na lógica da cisheteronormatividade que estrutura os espaços públicos e privados. Cisheteronormatividade descreve a presunção social de que a heterossexualidade e a correspondência entre sexo biológico e identidade de gênero são o padrão “natural” e desejável (Mattos; Cidade, 2016). Essa norma hegemônica materializa-se de múltiplas formas: nas políticas de planejamento

urbano que desconsideram determinadas populações, na arquitetura excludente de espaços públicos, na regulação moralista de comportamentos considerados “desviantes” e na simbologia que define o que pode ser exibido no espaço público e o que deve permanecer oculto no privado. Em suma, a cidade cisheteronormativa erige fronteiras visíveis e invisíveis que distinguem corpos legítimos daqueles marcados como indesejáveis. É nesse cenário urbano normativo que a presença visível do gay afeminado assume uma dimensão política e espacial de alta voltagem.

A aparição de um corpo afeminado em espaços regidos pela norma cisheterossexual não constitui um ato passivo: é um catalisador que torna evidentes as engrenagens do poder urbano, frequentemente de forma explícita e violenta. A simples caminhada de um homem afeminado pela rua pode deflagrar olhares de reprovação, comentários jocosos, recusas de atendimento e, em casos extremos, agressões físicas, reações que escancaram a intolerância latente que sustenta a “normalidade” cotidiana desses lugares. Portanto, apesar de sua frequente marginalização, o corpo afeminado revela o funcionamento do poder no espaço: ele denuncia, por sua visibilidade e expressão de gênero dissidente, as normas que tentam regulá-lo.

Tradicionalmente, análises superficiais poderiam conceber esse processo de forma unidirecional, o espaço normativo atuando sobre o corpo dissidente apenas para excluí-lo. No entanto, ao articular a teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (Butler, 1990) com a concepção lefebvriana de produção do espaço (Lefebvre, 1991), emerge uma compreensão mais complexa e dialética. A performance afeminada, nos gestos, na entonação da fala, no vestuário e na expressão corporal, constitui um espaço de representação vivido, subjetivo e subversivo, que colide frontalmente com as representações dominantes do espaço (planejamento urbano, regras de conduta, expectativas sociais). Esse confronto produz fricções palpáveis na vida urbana: da tensão silenciosa de um ambiente hostil aos atritos abertos, ele evidencia que os espaços não são neutros, mas sim campos de disputa simbólica entre projetos de mundo opostos. Nessa luta cotidiana, o corpo afeminado não é apenas vítima, ele também age, mesmo que involuntariamente, como uma espécie de teste social que expõe as contradições e violências necessárias para sustentar as normatividades de gênero. Sua existência pública, por si só, evidencia a fragilidade das normas de masculinidade hegemônica e o grau de coerção empregado para mantê-las. Os homens gays afeminados vivenciam, assim, uma dupla marginalização ou “inferiorização” (Santiago; Castello; Rodrigues, 2017; Lima, 2023). Por um lado, enfrentam o preconceito da sociedade

heterossexual dominante, que os relega à condição de abjeção por transgredirem os padrões patriarcais de masculinidade. Por outro lado, sofrem exclusão e estigma dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+, em um fenômeno de policiamento interno associado à chamada homonormatividade.

A homonormatividade, conforme cunhado por Duggan (2002), diz respeito à assimilação, no seio da comunidade gay, de valores e normas heterossexuais convencionais como estratégia de obtenção de respeito e aceitação social. Na prática, essa dinâmica se traduz em pressão para a conformidade a um ideal de masculinidade “aceitável” mesmo entre homens gays, ideal que valoriza a discricção, a virilidade e o alinhamento às performances de gênero tradicionais. Essa pressão manifesta-se de forma contundente em espaços de sociabilidade gay, onde a feminilidade masculina é frequentemente desincentivada ou repudiada.

Estudos sobre aplicativos de relacionamento, por exemplo, evidenciam a prevalência de perfis de homens gays que explicitamente rejeitam parceiros afeminados, funcionando como um mecanismo de exclusão e hierarquização interna, expressão de um preconceito conhecido como afeminofobia, profundamente enraizado na misoginia e no machismo (Silva *et al.*, 2023). Em suma, a mesma sociedade que marginaliza corpos afeminados do espaço público “convencional” produz ecos dentro de espaços supostamente inclusivos, replicando ali formas de exclusão e invisibilidade. A performance da feminilidade por homens gays (usar roupas, trejeitos ou estéticas culturalmente codificadas como “femininas”) viola a regra fundamental do patriarcado e da heteronormatividade, tornando esses sujeitos alvos preferenciais de hostilidade. Costuma-se dizer que ocupam a posição da “margem da margem”: são marginalizados pela norma externa heterocisnormativa e, simultaneamente, policiados pela norma interna homonormativa, que tenta regular quais corpos e expressões têm lugar mesmo dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Importante frisar que essa rejeição aos afeminados não pode ser banalizada como mera “preferência pessoal” ou questão de gosto individual; ela configura, na verdade, uma estratégia espacial e política sofisticada de manutenção de fronteiras normativas.

A disputa pelo direito à cidade (Lefebvre, 1991), isto é, pelo acesso pleno aos espaços urbanos e à visibilidade cidadã, muitas vezes leva parte da comunidade gay a negociações por assimilação: adotam-se performances de gênero higienizadas, discretas e consideradas socialmente palatáveis, buscando-se assim maior aceitação em espaços de poder dominantes. Nesse contexto, o corpo gay afeminado, com sua dissidência visível e irredutível, torna-se um

elemento desestabilizador dessa negociação por aceitabilidade. Ele expõe o acordo tácito de “respeitabilidade” justamente por romper com ele, e por isso é ativamente excluído de certos espaços, seja um bar, um ambiente de trabalho ou mesmo grupos de convivência, num ato de policiamento de fronteiras internas da comunidade. Em outras palavras, a homonormatividade traduz-se também em processos de territorialização excludente: criam-se novas geografias de pertencimento e não-pertencimento dentro da própria comunidade marginalizada, nas quais os afeminados são frequentemente colocados à parte (Rodó-Zárate, 2021).

A cidade, assim, não é apenas segmentada pelas linhas tradicionais de classe, raça e gênero, mas também por sutis divisórias dentro da população LGBTQIAPN+, que definem quem pode ocupar visivelmente determinados espaços e quem deve ser mantido à sombra. Diante desse quadro de marginalização e invisibilidade, justifica-se a realização desta pesquisa pela identificação de uma lacuna crítica e sintomática no campo da Geografia brasileira. Trata-se de um vazio teórico-empírico revelador: até o momento, a literatura geográfica nacional pouco ou nada explorou as vivências espaciais de gays afeminados. Para tanto, a investigação alinha-se ao chamado de Lima (2023) para valorizar a afeminação como categoria analítica relevante nos estudos de gênero e sexualidade, um marcador social da diferença que imprime particularidades à experiência urbana desses sujeitos, especialmente quando entrelaçada a fatores de classe social e raça/etnia.

Além da contribuição teórico-empírica, a relevância da pesquisa também se sustenta em termos sociais e políticos, dado o contexto de violações de direitos e violências recorrentes contra essa população. Fundamentando a justificativa em termos teóricos, sociais e epistemológicos, destaca-se a quase total ausência de trabalhos em Geografia que versem especificamente sobre gays afeminados, fato evidenciado por levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES¹, no qual não se encontrou nenhuma dissertação ou tese geográfica dedicada a essa temática na Geografia. Esse silêncio contrasta com a existência de pesquisas em outras áreas do conhecimento, o que evidencia que o tema já vem sendo abordado, ainda que de forma dispersa, fora do campo geográfico. Por exemplo, no campo da educação, estudos exploram as vivências escolares e estratégias de resistência de jovens homossexuais afeminados (Ferreira; Ferreira, 2015; Oliveira, 2017); na psicologia social, investigam-se os efeitos da rejeição à afeminação na subjetividade de homens

¹CAMPOS, C. F. & CHIMIN JUNIOR, A. B.. A importância das discussões sobre afeminação e antiafeminação na geografia: um estudo sobre gays afeminados. In: XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Campina Grande: Realize Editora, 2025. **Anais** Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/124060>. Acesso em: 14/12/2025.

não-heterossexuais (Ramos *et al.*, 2021); áreas como a comunicação e a antropologia analisam a marginalização de gays afeminados nos meios digitais e sociabilidades urbanas (Rezende; Cotta, 2015; Cunha, 2016); e nos estudos de linguagem e cultura aparece a discussão sobre representações de feminilidades em corpos masculinos (Pacheco *et al.*, 2022).

Esse contraste interdisciplinar reforça a relevância de um olhar geográfico: se por um lado a invisibilidade dos gays afeminados perpassa diferentes esferas sociais, por outro a Geografia, ao negligenciar essa questão, mantém lacunas em sua compreensão das dinâmicas sócio-espaciais contemporâneas. A presente dissertação, portanto, pretende contribuir para suprir essa ausência, dialogando com aquelas outras áreas mas enfatizando as especificidades espaciais do problema. Vale frisar que a lacuna de estudos geográficos sobre o tema não se deve a mero descuido ou esquecimento fortuito, mas é sintoma da própria constituição histórica da disciplina, que durante muito tempo negligenciou e silenciou debates acerca de gênero e sexualidade. A Geografia hegemônica privilegiou objetos de estudo alinhados a visões de mundo dominantes (Estado, mercado, planejamento “racional” dos territórios) relegando a segundo plano sujeitos e corpos considerados marginais à ordem estabelecida (Rose, 1993; Silva, 2009).

Nesse sentido, a ausência quase completa do corpo gay afeminado na produção geográfica não representa um vazio neutro, e sim o resultado de um processo ativo de exclusão epistemológica: foram construídas fronteiras normativas que definiram o que conta como conhecimento válido e quem é reconhecido como sujeito geográfico legítimo. O corpo afeminado, por ser percebido sob estereótipos de irracionalidade, emotividade, fragilidade ou improdutividade, acabou situado fora do escopo “respeitável” da disciplina, torna-se, na formulação butleriana, um corpo “ininteligível” dentro da matriz disciplinar dominante (Butler, 1990). Questionar essa ausência e trazer esses sujeitos para o centro da análise configura, assim, mais do que a simples incorporação de um novo tema: trata-se de um ato insurgente que desafia as bases epistemológicas estabelecidas, reivindicando a legitimidade de novos atores, outras narrativas e modos alternativos de pensar a relação entre corpo, identidade e espaço.

A problemática teórico-empírica delineada ancora-se em um contexto espacial e temporal bem definido. Ponta Grossa, município paranaense de médio porte, foi escolhida como campo empírico por suas características socioculturais específicas: marcada por valores culturais conservadores, forte influência de instituições religiosas e histórico de políticas locais pouco progressistas em relação à população LGBTQIAPN+, a cidade funciona como

um microcosmo das tensões e contradições que marcam o Brasil contemporâneo (Hanke, 2016; Lima, 2023).

Delimitou-se o recorte temporal de 2015 a 2025 por compreender uma década em que, nacionalmente, observaram-se significativas oscilações no cenário político e social, com reflexos diretos na vivência de minorias sexuais no espaço urbano. Em especial, esse período engloba o avanço e a consolidação de discursos ultraconservadores e anti-LGBTQIAPN+ associados à ascensão da extrema-direita brasileira, notadamente durante o governo de Jair Bolsonaro (2019–2022), bem como os anos da pandemia de COVID-19, contexto em que vulnerabilidades sociais foram exacerbadas (Lima, 2023). A combinação desses fatores resultou em uma intensificação de discursos de ódio e atos discriminatórios contra populações dissidentes de gênero e sexualidade. Os reflexos desse contexto nacional em Ponta Grossa são evidentes. Discursos políticos excludentes e moralistas repercutiram no plano local, materializando-se em eventos concretos de hostilidade. Por exemplo, registraram-se agressões motivadas por homofobia na cidade e, institucionalmente, decisões que afrontam os direitos LGBTQIAPN+: em 2024, a Câmara Municipal de Ponta Grossa rejeitou o projeto de concessão de título de utilidade pública à Associação Flor de Lis, única entidade local de apoio à população LGBTQIAPN+ numa clara demonstração de resistência política ao reconhecimento formal dessa comunidade. Tais acontecimentos ilustram como o discurso nacional conservador remodela geografias locais de medo, segurança e pertencimento, transformando espaços públicos em palcos de batalhas simbólicas (e por vezes efetivas) pelo direito de existir e ser visto. O resultado tem impacto direto sobre as dinâmicas espaciais de corpos dissidentes na cidade: praças, escolas, igrejas, bares, ruas, todos esses lugares passam a ser sentidos e vividos de modo diferente por sujeitos gays afeminados conforme o clima social se torna mais ou menos acolhedor ou hostil.

Frente a essa problemática, definiram-se de forma clara as perguntas que norteiam a pesquisa. A questão geral consiste em: Como as performances corporais de homens gays afeminados constituem tensionamentos na produção do espaço geográfico hegemonicamente cisheteronormativo em Ponta Grossa? E tendo como sub-questões: Como se constitui o processo de auto identificação das pessoas como gays afeminados? Como as performances corporais de homens gays são reconhecidas socialmente como traços afeminados em diferentes espaços? De que forma se estabelecem os tensionamentos entre as vivências espaciais e gays afeminados?

Essas indagações cobrem diferentes escalas e dimensões do problema, da construção

identitária subjetiva à interação prática com o espaço, passando pelos embates e conflitos explícitos, e orientam o percurso metodológico adotado. Elas permitem estruturar a análise de maneira coerente, transitando da esfera micro (do corpo e da identidade) à macro (do urbano e do político), sempre com a compreensão de que o corpo afeminado aqui é concebido como um agente ativo no espaço, simultaneamente produtor e produto do espaço geográfico que habita (Lefebvre, 1991; Butler, 1990). Em suma, parte-se do princípio de que não se pode desvencilhar a vivência corporal da produção do espaço (sobretudo quando se trata de vivências dissidentes), e é exatamente essa relação recíproca que as questões de pesquisa buscam desvendar.

Quanto aos procedimentos metodológicos e à perspectiva epistemológica adotada, a pesquisa insere-se em uma abordagem qualitativa de cunho crítico, inspirada em princípios decoloniais e feministas. Reconhece-se, antes de tudo, a posicionalidade do pesquisador como componente intrínseco do processo de conhecimento, um rompimento necessário com a pretensão positivista de neutralidade e objetividade absoluta (Haraway, 1988; Rose, 1997). O autor da pesquisa, ele próprio um homem gay afeminado, assume sua vivência e lugar de fala não como um viés a ser eliminado, mas como uma fonte de ideias e empatia analítica. Em consonância com a ideia de conhecimento situado, parte-se do entendimento de que todo saber é produzido a partir de um lugar social e que explicitar esse lugar torna a pesquisa mais transparente e crítica (Haraway, 1988). Assim, adota-se como princípio metodológico a máxima de que “pesquise o que me afeta”, invertendo a noção de distanciamento apático e convertendo o afeto em caminho para a produção de conhecimento. A indignação pessoal diante das injustiças e violências sofridas pelos afeminados não é ocultada, mas sim canalizada em motivação e rigor reflexivo, uma postura engajada que culmina na afirmação coletiva e empoderadora resumida no mote “NÓS SOMOS POTÊNCIA” (Lima, 2023).

Desse modo, a experiência vivida do pesquisador atua como ferramenta hermenêutica essencial, permitindo apreender nuances, códigos e micro-resistências que passariam despercebidos a um observador completamente externo. Isso implica um exercício contínuo de reflexividade crítica, no qual se avalia o impacto das próprias subjetividades na pesquisa, transformando essa consciência em parte da análise. Tal postura está em linha com a tradição das geografias críticas e feministas, que há décadas advogam por uma ciência socialmente localizada, ética e politicamente comprometida (Rose, 1997; Haraway, 1988).

Foram realizadas oito entrevistas em profundidade com homens gays que se autodeclararam afeminados residentes em Ponta Grossa, buscando-se abranger diferentes

perfis quanto à idade, classe social, raça/etnia e bairros de moradia, de modo a captar a pluralidade de experiências. Nessas entrevistas, de caráter semiestruturado (em anexo) e muitas vezes próximas a relatos de vida, exploram-se os trajetos pessoais, as percepções sobre os espaços da cidade, as vivências de discriminação e as estratégias de resistência e apoio mútuo. Complementarmente, emprega-se a observação participante em eventos, sociabilidades e locais frequentados pela população LGBTQIAPN+ local, o que permite ao pesquisador vivenciar in loco as dinâmicas espaciais em estudo, registrando em diário de campo impressões e situações do cotidiano urbano que envolvem a expressão da afeminação.

Os dados coletados (transcrições das entrevistas e notas de campo) são interpretados à luz da análise de conteúdo (Bardin, 1995) e de referências teórico-críticas pertinentes, buscando-se extrair categorias e temas emergentes que dialoguem com o arcabouço conceitual adotado. Todo o tratamento das informações é permeado pelo compromisso ético de resguardar o anonimato e o bem-estar dos participantes, seguindo os preceitos de pesquisa comprometida com os sujeitos envolvidos. Em síntese, o percurso metodológico adotado (qualitativo, reflexivo, situado e participativo) concretiza, no fazer científico, a perspectiva teórico-epistemológica do trabalho: desafiar estruturas opressoras não apenas no que se pesquisa, mas também em como se pesquisa, privilegiando narrativas subalternas e co-construindo o conhecimento de forma horizontal e emancipatória (Colling; Arruda; Nonato, 2019).

Por fim, apresenta-se brevemente a estrutura da dissertação para orientar o leitor. Além desta introdução, que delimita o tema, a problemática, a justificativa e os caminhos metodológicos, o trabalho divide-se em quatro capítulos principais. No Capítulo 1, intitulado “O Processo De Construção da Pesquisa: Entre o Pessoal e o Científico”, este capítulo aborda inicialmente a perspectiva do autor diante o tema e o situa como um agente ora pesquisado ora pesquisador, uma vez que o autor também é um gay afeminado. Em um segundo momento constrói-se o percurso metodológico que embasa a pesquisa, expondo as bases epistemológicas insurgentes da pesquisa, explicitando-se o posicionamento do pesquisador e o delineamento dos métodos qualitativos empregados (entrevistas, observação), bem como apresenta e discute as principais categorias e temas do trabalho.

O Capítulo 2, “Espaço e Performances Corporais na Vivência de Masculinidades não Hegemônicas” detalha o percurso epistemológico e realiza uma análise crítica dos dados à luz do quadro teórico, o capítulo articula a geografia das sexualidades com conceitos fundamentais como a performatividade, as masculinidades plurais, o corpo e o espaço. No

subcapítulo “Espaço e sexualidades na abordagem geográfica” apresenta-se as abordagens teóricas que sustentam a análise das sexualidades dentro da geografia destacando a importância da geografia feminista para tal. No subcapítulo “Corpo, performance e espaço” é destacado uma leitura decolonial do corpo e suas implicações para a performance de gênero e o espaço urbano. Por fim, o subcapítulo “Masculinidades plurais e geografia” é abordado a construção teórica que estabelece como as masculinidades se espacializam e formam geografias.

O Capítulo 3, “Homens Gays Afeminados, Corpos e Performance Corporal na Vivência Do Espaço Urbano De Ponta Grossa” adentra o contexto socioespacial ponta-grossense definindo e apresentando os achados empíricos da pesquisa. Nele examinam-se, em primeiro momento, a partir do subcapítulo “As memórias corporais e o processo de identificação como gay afeminado”, a subjetividade dos colaboradores, analisando como se constitui a autoidentificação como gay afeminado através de memórias corporais muitas vezes marcadas pelo estigma. Já no subcapítulo “Performance corporal, espaços cisheteronormativos e homonormativos” discute a performance corporal como um texto lido pela cidade, demarcando os espaços cisheteronormativos e espaços homonormativos revelando como o corpo afeminado transita entre esses espaços.

O capítulo 4, “Tensionamentos entre Performances de Homens Gays Afeminados e suas Espacialidades” demonstra os tensionamentos reais: como o olhar, a agressão verbal e física a exclusão institucional materializam uma necropolítica (Mbembe, 2006) cotidiana. No subcapítulo “As experiências de acolhimento espacial” é abordado as espacialidades de acolhimento e as relações estabelecidas com os espaços da cidade. Já o subcapítulo “As experiências de tensionamentos, exclusão e dor na vivência espacial” dá ênfase para agressão verbal e física a exclusão institucional que materializam uma necropolítica (Mbembe, 2006) cotidiana.

Dessa forma, espera-se que esta dissertação, em sua totalidade, consiga articular um conteúdo academicamente rigoroso e teoricamente embasado com um engajamento crítico e transformador, honrando as vozes e experiências dos gays afeminados e iluminando novas trilhas para se pensar a relação entre espaço, corpo e poder.

CAPÍTULO 1- O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: ENTRE O PESSOAL E O CIENTÍFICO

O estudo da geografia urbana contemporânea exige um olhar que ultrapasse as estruturas físicas do concreto e das vias, voltando-se para os corpos que habitam, tensionam e produzem o espaço. Esta dissertação dedica-se a investigar as performances corporais de homens gays afeminados e a forma como suas existências desafiam a produção de um espaço geográfico hegemonicamente cisheteronormativo na cidade de Ponta Grossa, Paraná. O ponto de partida é a compreensão de que o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas a primeira escala da geografia.

Dessa forma, neste primeiro capítulo, estabeleceremos os fundamentos que sustentam esta investigação. Iniciaremos com a apresentação da trajetória do pesquisador e sua posicionalidade, assumindo o caráter de um conhecimento situado que reconhece a subjetividade como ferramenta de análise científica. Na sequência, detalharemos os procedimentos metodológicos, desde a seleção dos colaboradores e a realização das entrevistas semiestruturadas até a aplicação da análise de conteúdo. Este percurso servirá de base para que, nos capítulos posteriores, possamos cruzar os relatos empíricos com o suporte teórico da Geografia do Gênero e da Sexualidade, transformando memórias individuais em dados sobre a produção do espaço urbano.

1.1- Um homem gay afeminado na geografia

Eu sou um homem gay afeminado de um Município do interior do Estado de Minas Gerais chamado Mercês com cerca de 10.373 habitantes (IBGE, 2022). Cresci na Zona Rural deste Município, inserido em uma família conservadora e desde a infância/adolescência presenciei e sofri inúmeros tipos de violência tanto por parte de familiares quanto pela comunidade ao meu redor.

Pois sempre apresentei trejeitos ligados à feminilidade e as implicações disso perante a sociedade que cria normas reguladoras de gênero é a abjeção e repulsa ao diferente, ou seja, ao fugir da lógica binária de gênero ou tenciona-la a partir da sua existência estamos questionando o sistema heteronormativo que impõe normas de como ser mulher e como ser homem. Lembro-me que a minha voz sempre incomodou muito o meu pai e a minha irmã mais velha, sempre diziam “fala igual homem” ou “fala direito”, e na infância eu não conseguia entender o que isso significava. Chegou um momento que esses comentários eram

tão frequentes que eu simplesmente me silencieei e comecei a falar somente o necessário e ou quando questionado sobre algo.

No fundamental I e II eu sofri muito bullying por falar fino, por andar rebolando, por simplesmente existir e com o tempo falar que eu era viado, viadinho foi se agravando até chegar na minha primeira agressão física, não lembro ao certo a minha idade, mas sei que foi no fundamental I na primeira escola que estudei e como ocorreu: foi no intervalo onde duas meninas do 5º ano me disseram que eu era fraco e parecia uma menina foi então que uma puxou os meus braços para traz das costas e a outra ficou dando socos na minha bariga até a hora que a professora viu e chamou atenção delas. Mas o que fez essa história ficar marcada na minha memória foi o que ocorreu depois, quando cheguei em casa chorando fui contar para o meu pai o que tinha ocorrido e ele bravo e gritando me disse que se isso ocorresse de novo não era para ir contar para ele, era para eu abaixar as calças e mostrar o que eu tinha no meio das pernas.

Mas no ensino médio fui salvo pela Educação, pois fui estudar no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste-MG, que se localiza na cidade vizinha chamada Rio Pomba. No Instituto Federal, pude ser eu pela primeira vez na vida, pude me expressar, ser livre e desde então nunca mais parei de estudar, e a educação tornou-se um grande alicerce da minha vida.

Já na Graduação em Geografia, tive o meu primeiro contato com a Geografia das Sexualidades a partir das aulas com o Profº Dr. Carlos Maia que tem um trabalho excepcional sobre a parada LGBTQIAPN+ de Juiz de Fora. E a partir de então, comecei a pesquisar mais a fundo a temática e conheci o trabalho da Profª Dr. Joseli Maria Silva, Profº Dr. Alides Baptista Chimin Junior e Profº Dr. Marcio Jose Ornat. Nesse sentido, o processo de leitura feminista sobre as relações de gênero e sexualidade na geografia desencadearam um processo de cura e de reflexão que aos poucos foi transformando-se em vontade de conhecer os mesmos e desenvolver a minha pesquisa de mestrado no Grupo de Estudos Territoriais (GETE) do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Contudo, é importante entender a minha relação com o tema, pois o conhecimento científico constrói-se mediante a relação do pesquisador com o pesquisado (Rose, 1997). Diante disso, Rose (1997) argumenta que o conhecimento precisa ser situado e para isso deve-se entender quem o produz, logo, o pesquisador deve-se colocar como ativo na produção do conhecimento, refletindo sobre como sua posição sociopolítica influencia o processo de

pesquisa. Portanto, a reflexividade crítica sobre a posicionalidade é uma prática indispensável para esta pesquisa feminista.

Nessa mesma direção, Rose (1997) expõe que nenhum pesquisador feminista “deveria produzir conhecimento que afirme ter aplicabilidade universal a todas as mulheres (ou homens)” (Rose, 1997, p. 307, tradução própria)². E durante muito tempo imperou na geografia a ideia de um “homem universal”, nessa perspectiva os dissidentes da norma, seja por sexualidade, gênero e raça não eram considerados dentro do conhecimento geográfico gerando assim uma exclusão epistemológica (Silva, 2009). Ou seja, ao abordarmos as questões acerca de homens gays autodeclarados afeminados estamos contribuindo para a ruptura dessa ideia de “homem universal” e de uma ciência imparcial. Que para Haraway (1988) não existe conhecimento imparcial, uma vez que apenas a perspectiva parcial estabelece um olhar de objetividade, essa perspectiva abre possibilidades de análises e não engessa o pensamento e coloca em questão a responsabilidade pela geração do conhecimento. A autora também critica à falsa pretensão de neutralidade na ciência, rompendo com a perspectiva positivista de neutralidade e objetividade absoluta, argumentando que todo saber é produzido a partir de um lugar social. Nesse sentido, o “conhecimento situado e corporificado” advoga contra formas de conhecimento não localizáveis, enfatizando a importância dos saberes parciais e críticos.

Não distante, Costa (2011) refletindo sob a perspectiva butleriana de gênero performático e a construção identitária a partir do seu posicionamento como um pesquisador gay argumenta que as mediações sobre “si” são performáticas e situacionais. Ou seja, para o autor a relação de identificação de “si” e dos “outros” ocorre mediante uma dialética situacional e pelas relações sociais estabelecidas no cotidiano, logo, “em situações diferenciadas, identificações diferenciadas (de si e dos outros) são objetivadas” (Costa, 2011, p. 337). Diante disso, estabelece-se um espaço paradoxal de identificação sobre os comportamentos, negociações, jogos de poderes e expressões dos sujeitos que sugerem uma complexidade que questiona as interpretações dos pesquisadores e desconstrói qualquer identidade e categoria criada científico, cultural ou socialmente (Costa, 2011). Nesse caso, a pesquisa geográfica refere-se à atenção dada às situações interacionais de determinados grupos de análises, cujas relações emergem a partir de identificações e expressões diversas, objetivadas por performances que podem ser categorizadas pelos dados extraídos em campo

² No feminist should produce knowledge that claims to have universal applicability to all women (or men) (Rose, 1997, p. 307).

e/ou em participação efetiva em atividades com os sujeitos pertencentes ao grupo analisado (Costa, 2011). Desse modo, fica evidente que a relação entre a minha sexualidade e a performance de gênero acompanham o modo como eu visualizo as situações da pesquisa e me relaciono com elas.

Corroborando com essa perspectiva Knopp (2007) ao analisar os pontos de convergência entre a Geografia Feminista e a Geografia *Queer*, argumenta que a geografia *queer* não existiria sem as bases epistêmicas da geografia feminista. O autor também expressa que a chave para repensar o espaço está nas emoções e na capacidade empática e humilde de pensar as espacialidades de gênero, as homofobias e heterossexismos, que estão presentes de forma proeminente nas experiências políticas feministas e *queer*, e que juntos podem configurar uma materialidade incorporada a geografia. Ou seja, o corpo, os sentimentos, emoções, desejos e experiências podem atuar na produção do conhecimento.

Desse modo, Hopkins (2009) sugere que o pesquisador deve exercer a reflexividade crítica sobre como a sua própria presença afeta o campo. Ou seja, para eu que assumo um lugar de "um homem gay afeminado na geografia" é válida essa posicionalidade para o fato de que posso compartilhar códigos e vivências com os entrevistados que permitem acessar camadas de emoção que um pesquisador "distante" não alcançaria.

Além disso, essa pesquisa também busca cumprir as reivindicações de Belarmino, Dimenstein e Leite (2023) para considerar afeminação como um marcador para nos estudos de gênero/sexualidade, pois os mesmos não tomam a afeminação e os elementos a ela associados como uma categoria analítica decisiva, sobretudo no recorte das experiências urbanas. Nesse sentido, os autores apontam para a relevância da compreensão interseccional dos marcadores da diferença, visto que ser negro, pobre, jovem e periférico funcionam como vetores da precarização da experiência urbana de homens gays afeminados, fazendo-os enxergar a cidade de forma temerosa e violenta.

Um outro fator interessante é retratado por Browne (2014) ao questionar o privilégio Anglo-americano na produção de conhecimento na geografia de gênero e sexualidade. Para a autora, as geografias das sexualidades constroem-se através de um o privilégio criado por meio de heteronormatividades e homonormatividades, bem como uma dominância de discussões sobre o tema no meio Anglo-americano. Essa dominância dita o que é estudado e como é estudado as sexualidades no sul global, ou seja, as pesquisas sempre estão marcadas por conceitos e perspectivas importadas do norte em uma lógica universalizante que deve ser criticada, assim, é notório que o lugar de onde você fala importa e legítima o que você

pesquisa (Browne, 2014).

Nesse sentido, é importante expressar o meu privilégio enquanto sudestino, classe média, branco que teve o privilégio de mudar-se para o Paraná e desenvolver a pesquisa em um grupo de pesquisa e com um orientador que me permite pensar diferente e com financiamento via bolsa de demanda social CAPES com dedicação exclusiva. Dessa forma, minha posicionalidade quanto às reflexões apresentadas na pesquisa é de um professor de geografia e pesquisador, gay afeminado, mineiro que pesquisa os homens gays autodeclarados afeminados e suas performances de gênero no espaço urbano de Ponta Grossa. Ou seja, apesar de apresentar uma proximidade com o tema por ser um gay afeminado, apresento também um certo distanciamento por não ter crescido em Ponta Grossa. Portanto, pesquisar homens gays afeminados em Ponta Grossa significa também pesquisar aquilo que me atravessa, contudo, existe uma preocupação em transformar a experiência em lente analítica, e não apenas em desabafo.

1.2- Os procedimentos metodológicos na operacionalização da pesquisa

A abordagem adotada para a pesquisa é qualitativa, crítica e situada em perspectivas das geografias feministas, das geografias das sexualidades e de leituras decoloniais e interseccionais. Assim através das Geografias Feministas a reflexividade torna-se indispensável na construção científica (Rose, 1997) e a posicionalidade do pesquisador torna-se fundamental para entender os limites e os avanços da pesquisa e suas implicações práticas para a validação de dados (Haraway, 1988). Nesse sentido, essa seção se destina a apresentar a forma como a operacionalização metodológica foi organizada tendo como base as questões da pesquisa. Para além disso, busca posicionar as escolhas metodológicas realizadas e a reflexão sobre os seus limites, tendo em mente um olhar decolonial e interseccional.

Entende-se por interseccionalidade as relações de poder que influenciam as relações sociais, bem como as experiências individuais da vida cotidiana (Collins; Bilge, 2021). Logo, a interseccionalidade é uma ferramenta analítica, que considera as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária são intrinsecamente conectadas e moldam-se mutuamente (Collins; Bilge, 2021). Nesse sentido, essa pesquisa busca refletir sobre as interseções acerca da performance de gênero, a sexualidade, a raça e a faixa etária de homens gays autodeclarados afeminados. Bem como, é possível observar um

ambiente fértil para buscarmos entender como a produção de um espaço cis heteronormativo e também homo normativo é construído mediante as análises das experiências de homens gays auto declarados afeminados.

Além disso, Colling, Arruda e Nonato (2019) propõem o conceito de perfechatividade. Este termo funde a fechativa (gíria do universo LGBTQIAPN+ brasileiro para uma ação de impacto e visibilidade) com a performatividade. Para os autores, a perfechatividade é uma forma de performance que não apenas cita a norma, mas o faz de modo tão ostensivo e exagerado que acaba por expor a fragilidade da própria norma cisheteronormativa. No espaço geográfico, a bicha que ferve ou que dá o close utiliza o seu corpo como uma ferramenta de interrupção do fluxo heteronormativo da cidade (Colling; Arruda; Nonato, 2019).

Nessa mesma direção, Foucault (1988) expressa que a sexualidade não é uma natureza biológica, mas um dispositivo histórico que produz saberes e verdades sobre os corpos. Assim, o gay afeminado, ao desviar-se desta norma, é colocado na posição daquilo que Foucault (1988) chama de anormal ou perverso, tornando-se alvo de procedimentos de exclusão e vigilância. Ainda sobre uma perspectiva foucaultiana, esta exclusão é operada através do que o autor denomina de procedimentos de interdição do discurso (Foucault, 2004). Nesse sentido, Foucault (2004) explica que a fala (e aqui incluímos a performance corporal) não é livre, mas controlada por sistemas de exclusão que decidem quem pode falar e o que pode ser dito. Assim, em Ponta Grossa, o corpo afeminado é um discurso proibido no espaço público conservador, a sua simples presença é uma ruptura na ordem do discurso heteronormativo.

O recorte espacial usado na pesquisa é o da cidade de Ponta Grossa que está localizada no segundo planalto do Estado do Paraná tem uma população 358.371 pessoas (IBGE, 2022) historicamente conhecida por valores culturais conservadores e forte influência religiosa. Logo, “cidades com fortes tradições rurais e religiosas exercem um controle muito maior sobre os corpos e as sexualidades e raramente possibilitam a emergência da bicha” (Oliveira, 2017, p.149). As religiões, incluindo as de vertente pentecostal, frequentemente referendam a heterossexualidade e a branquidade como pilares de uma existência centralizada e aceita socialmente. Consequentemente, indicam a margem como o lugar “adequado” para gays afeminados. Nesse contexto, a interseccionalidade emerge como uma ferramenta analítica indispensável. Ela permite destacar as múltiplas fissuras e marcas que essas pessoas acumulam ao serem colocadas à margem da sociedade. A persistência e a resistência desses indivíduos em ocupar e reivindicar seus próprios espaços, apesar da opressão sistêmica,

tornam-se um testemunho da urgência em reconhecer e combater as diversas formas de exclusão e preconceito.

Nessa mesma direção, a escolha por investigar as experiências espaciais de homens gays autodeclarados afeminados em uma cidade média como Ponta Grossa alinha-se à crítica de Binnie e Valentine (1999) ao guetocentrismo da Geografia das Sexualidades. Os autores defendem que a análise geográfica deve expandir-se para além dos enclaves segregados, focando em como a heteronormatividade é produzida e contestada no cotidiano urbano. Logo, o corpo do sujeito afeminado é compreendido como a escala primária da resistência, pois ao ocupar espaços públicos naturalizados como heterossexuais, este corpo denuncia a natureza política do espaço e reivindica uma cidadania sexual que desafia as fronteiras entre o visível e o invisível.

Não distante, no que tange o recorte temporal estabelecido entre os anos de 2015 a 2025 se dá mediante o crescimento de discursos de ódio contra à população LGBTQIAPN+ devido ao exponencial avanço da extrema direita brasileira a partir do golpe de 2016 que influenciou dinâmicas regionais. Sobretudo, na cidade de Ponta Grossa que mesmo apesar dos avanços conquistados como a criação do conselho municipal LGBTQIAPN+ em 2015 a partir da Lei Nº 12.180 e decreto nº11.024/2016, a criminalização da homofobia equiparada ao racismo em 2019 a nível federal que estabelecem um contraste com ondas conservadoras do impeachment 2016, governo federal 2019–2022. Apesar disso, as violências contra a comunidade permanecem e essa dissertação a partir das experiências de homens gays afeminados evidencia essa situação. Também, é válido frisar que o período considerado na pesquisa mostra que esse intervalo coincide com fases da vida dos participantes em que as performances corporais ficam mais expostas e mais reguladas. Conforme os dados apresentados na quadro abaixo com as principais características dos entrevistados:

Quadro 1- Perfil dos Entrevistados

Nome	Idade	Identificação Étnico-racial	Escolaridade	Profissão	Bairro em que Reside
Diamante Amarelo	19	Preto	Ensino Fundamental II completo	Secretário	Uvaranas
Diamante Marrom	41	Branco	Ensino Médio completo	Cabeleireiro e <i>Drag Queen</i>	Centro
Diamante Rosa	53	Branco	Superior Completo	Jornalista e Modista	Nova Rússia
Diamante Azul	26	Branco	Pós-Graduação Incompleto	Pedagogo e Estudante	Oficinas
Diamante Verde	28	Branco	Ensino Médio completo	Maquiador, Figurinista	31 de maio

				<i>e Drag Queen</i>	
Diamante Laranja	29	Pardo	Superior Completo	Professor e <i>Drag Queen</i>	Centro
Diamante Cinza	20	Branco	Superior Incompleto	Atendente de Loja e Estudante	Boa Vista
Diamante Vermelho	25	Branco	Superior Incompleto	Estudante	Uvaranas

Organização: Pelo Autor

O perfil dos entrevistados foi bastante heterogêneo, contudo, essa heterogeneidade apresenta-se como um aspecto positivo ao considerarmos a interseccionalidade como lente analítica e nos permite obter diferentes inferências de acordo com as diferenças estabelecidas. Uma outra questão importante é que todos os nomes utilizados aqui são fictícios, embora os colaboradores da pesquisa fizessem questão de registrar o nome com que se identificavam. Optei pelo anonimato a fim de protegê-los. Pois, como não sei do alcance da publicização dos dados de pesquisa, achei melhor mantê-los anônimos. Assim, troquei o nome dos colaboradores por tipos de diamantes, pois como o diamante é o mais resistente dos minerais da mesma forma os homens gays afeminados representam uma resistência à norma cisheteronormativa do espaço.

Nesse sentido, a aproximação com os entrevistados foi estabelecida a partir de um contato com a comissão organizadora da parada LGBTQIAPN+ dos campos gerais (Ponta Grossa) que foi um dos meus entrevistados e ao final ele me indicou outros para realizar as entrevistas. Contudo, do terceiro para o quarto entrevistado houve um desencontro de ideias, pois ao mandar mensagem (via *whatsapp*) para as indicações do meu entrevistado para ver a viabilidade da entrevista os mesmos não me responderam ou disseram que não se consideravam gays afeminados e diante desse desencontro as entrevistas da dissertação ficaram paradas por meses. Mas ao frequentar um evento de *Drag Queens* chamado Holofotes que ocorreu no Cine Teatro Ópera, resolvi interagir com os artistas que estavam fazendo *drag* e questionei se os mesmos se consideravam gays afeminados, alguns disseram que não, mas outros disseram que sim. Contudo, eu ainda não tinha conseguido fechar os oito entrevistados, pois de 17 abordagens apenas 6 concederam-me entrevistas, foi nisso que comecei a pedir indicação de amigos próximos e mais uma vez começou a ter os desencontros de ideias, ou seja, meu amigo considerava a pessoa afeminada, mas a pessoa não se enxergava da mesma forma, assim depois de ouvir muito não consegui fechar o meu grupo de oito entrevistas.

Mediante esse desencontro de ideias, é pertinente expressar que o olhar social sobre o que é afeminado por vezes é marcado por estigmas e estereótipos que serão apresentados de forma mais aprofundada no capítulo três da dissertação. Nesse sentido, a autodeclaração se faz importante, uma vez que essa pode divergir da percepção social da mesma forma que a percepção social pode divergir da autoidentificação. Portanto, para essa pesquisa a autodeclaração como afeminado estabeleceu-se como critério fundamental para realização da entrevista.

Complementarmente, para a realização das entrevistas foi construído um roteiro semiestruturado (em anexo), esse roteiro foi adaptado da pesquisa de Hanke (2016) que pesquisou as espacialidades de homens gays de ponta grossa, mas não se aprofundou nas questões de performances de gênero afeminadas.

Nesse sentido, as entrevistas foram gravadas com o auxílio do celular, para serem transcritas posteriormente, tendo uma duração total de 7 horas, 33 minutos e 45 segundos. Durante as entrevistas mantive uma postura empática em relação às experiências de dor e violência dos entrevistados, mas busquei manter uma postura firme sem demonstração de gestos e/ou expressões faciais que pudessem influenciar nas respostas dos entrevistados. Logo, a condução ética e política desta pesquisa distancia-se de uma visão positivista de neutralidade, fundamentando-se na ética feminista de campo proposta por Cahill, Sultana e Pain (2007). Dessa maneira, o pesquisador, enquanto homem gay afeminado inserido na mesma realidade socioespacial dos colaboradores, exerce uma reflexividade crítica sobre a sua posicionalidade. Nessa mesma direção, adota-se a perspectiva de Cahill (2007), onde o método é compreendido como um processo onde 'o pessoal é político'. Assim, a coleta de dados transforma-se em um espaço de produção de novas subjetividades, permitindo que os colaboradores analisem as intersecções de opressão em Ponta Grossa como agentes ativos de resistência e não apenas como objetos de estudo.

A transcrição das entrevistas foi realizada com a ajuda do *Turboscribe*³ que é uma Inteligência Artificial que transcreve áudio e vídeo. Contudo, como foi utilizada a versão gratuita da mesma que permite apenas a transcrição de 30 minutos de áudio por vez, foi necessário uso do aplicativo *Capcut* para cortar os áudios em partes de até 30 minutos para sua transcrição. Após a transcrição de todas as entrevistas foi realizada uma revisão manual e integral das mesmas, pois apesar da Inteligência Artificial ter ajudado e agilizado o processo de transcrição, ela ainda apresenta dificuldade de decodificação de falas e expressões usadas

³ Acessado no endereço eletrônico <https://turboscribe.ai/pt/> em 15/01/2026.

pelos entrevistados. Associado a revisão houve também a leitura flutuante do material visando observar os temas que aparecem repetidamente; termos nativos importantes (gírias, expressões locais, metáforas espaciais); referências a lugares, trajetos, fronteiras, situações territoriais; sentimentos ligados a espaços (medo, pertencimento, vergonha, orgulho, etc.).

De forma análoga, a estrutura desta investigação segue o modelo de etapas proposto por Quivy e Van Campenhoudt (2008), assegurando que a passagem da teoria à observação empírica ocorra de forma sistemática. Nesse sentido, a construção do objeto de estudo sendo as performances de gays afeminados em Ponta Grossa não é encarada como um dado imediato da realidade. Mas sim, como o resultado de uma ruptura epistemológica, conforme preconizado por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2010) que expressa que o ofício do investigador exige a vigilância contra as prenoções e o senso comum. No contexto desta pesquisa, isso significa desnaturalizar as categorias de masculinidade e espaço urbano, operando o que os autores denominam como o primado da construção do objeto. A partir disso optou-se pela sistematização dos dados e operacionalização mediante a análise de conteúdo do discurso proposta por Bardin (1995) e da adaptação a geografia realizada por Gomes (2018).

Para Bardin (1995) a análise de conteúdo do discurso constitui-se mediante um conjunto de técnicas de análise das comunicações que busca, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, evidências que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dos mesmos. Assim, as técnicas possibilitam uma análise sistematizada baseada na inferência, onde polos de atração são estabelecidos na prática de comunicação (Bardin, 1995; Gomes, 2018). Logo, é possível organizar sobre um corpo discursivo, categorias temáticas que possibilitam uma coesão interna, e posiciona enquanto central ou não a frequência dos elementos do discurso.

Ou seja, por meio de uma análise geográfica a organização de um texto pode ser adaptada com mais elementos ou menos elementos do discurso, possibilitando assim a identificação de espacialidades discursivas que podem ser organizadas enquanto um complexo de “múltiplas inter-relações capazes de identificar as condutas, acordos e possibilidades provenientes da dinâmica de vida do grupo social pesquisado” (Gomes, 2018, p. 61).

Nesse sentido, é apresentado um trecho de uma entrevista, para demonstrar como a análise e extração de dados foram realizadas:

Mas aí, por exemplo, você falou agora da escola, teve violência física, agressão, ou foi mais uma violência psicológica ou você não sabe especificar? Era muita violência psicológica, né, por parte dos outros alunos, meninos, até meninas também, porque como era muito diferente na época, não tinha essa questão de aí, todo mundo entendia, todo mundo aceitava, então parecia que era só eu na escola, entende? Então era bem complicado, inclusive já teve agressão física, sei lá, quebrar ovo na cabeça, empurrar no corredor, ameaça, era uma época complicada, assim, não era como hoje em dia que é um pouco melhor, claro que a gente tem muito preconceito ainda hoje em dia, mas é um pouquinho melhor, né, mas acho que na minha época era mais pesado. (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025)

Mediante ao trecho apresentado podemos enquadrá-lo na categoria temática violência, pois a narrativa da violência foi predominante no que concerne a pergunta feita e a resposta dada. Já a espacialidade diz respeito ao lugar/espço que ocorreu a violência, no caso, a escola. E os elementos do discurso são referentes ao preconceito e discriminação por ser gay e os sujeitos da relação são os colegas do entrevistados que comentaram as violências. Essa pequena demonstração será complexificada nos capítulos 3 e 4 onde são apresentados resultados da pesquisa, o que foi pretendido com essa demonstração é que o leitor entenda os caminhos utilizados para elaboração da quadro abaixo.

Quadro 2- Sistematização das Entrevistas com homens gays autodeclarados afeminado com base em Bardin (1995)

Categorias Temáticas	Espacialidades discursivas	Elementos do discurso	Sujeitos da relação
Acolhimento	Baladas	Afeto	Amigos(as)
Segurança	Casa	Discriminação; Preconceito	Agente público
Afeminofobia	Centro Urbano	Exclusão Espacial	Colega de escola
Identidade afeminada	Cidade média	Memória Corporal	Comunidade LGBTQIAPN+
Homonormatividade; Heteronormatividade	Escola	Práticas Espaciais	Família
Liberdade Corpórea	Lazer	Performance Corporal	Homens Gays de idade avançada
Performatividade	Universidade	Sociabilidade	Homem gay afeminado
Resistência	Rua	Trajetória	Grupo Conservador
Reconhecimento	Shopping	Violência Simbólica	Parceiro
Violência	Terminal central	Conflito Geracional	Sociedade Local
Visibilidade	Trabalho	Medo do desemprego	Colega de trabalho
-	ONG'S	-	-
-	Parada LGBTQIAPN+	-	-

Organizado pelo autor

Após essa definição foi elaborada uma planilha eletrônica considerando as categorias temáticas, espacialidades discursivas, elementos do discurso e sujeitos da relação de cada um dos entrevistados a fim de elaborar dados de frequência e hierarquias apresentados nos capítulos 3 e 4.

Cabe ressaltar também que o uso de ferramentas digitais e de Inteligência Artificial, usadas na pesquisa, funcionaram como apoio técnico, nunca como substituição de autoria. Sendo assim o *TurboScribe* foi utilizado para a transcrição como apontado acima e além dele foram utilizados o *NotebookLM* (produto *Google*)⁴ para organização das leituras.

Em suma, este capítulo introdutório buscou não apenas delimitar o objeto de estudo, mas, sobretudo, estabelecer a posicionalidade do pesquisador. Ao assumir o conhecimento situado, foi possível traçar um caminho metodológico que valoriza a memória e o corpo como fontes legítimas de dados geográficos, permitindo que a investigação escape da neutralidade científica tradicional para mergulhar nas subjetividades que produzem o espaço.

A estrutura aqui apresentada serviu para organizar o componente basilar sobre o qual a pesquisa se sustenta, definindo as ferramentas de análise que guiarão a leitura dos relatos dos colaboradores. Ficou claro que entender a vivência desses sujeitos exige uma lente que capta tanto a escala do corpo quanto a escala da cidade, percebendo como ambas se retroalimentam em dinâmicas de poder e resistência.

No entanto, para que as vivências e as experiências relatadas no cotidiano de Ponta Grossa sejam compreendidas em sua profundidade, é necessário ancorá-los em um arcabouço conceitual sólido. Assim, o Capítulo 2 avançará na fundamentação teórica, explorando as categorias de gênero, performance e sexualidade sob a ótica da Geografia. Nele, buscaremos o diálogo com autores que nos ajudarão a entender como o espaço é hegemonizado pela cisheteronormatividade e de que maneira o corpo dissidente tensiona essas estruturas pré-estabelecidas.

⁴ Para garantir a transparência científica acesse a pasta do *NotebookLM* para obter mais detalhes: <https://notebooklm.google.com/notebook/87406a68-1045-4696-ab3d-316434235ff1>

CAPÍTULO 2- ESPAÇO E PERFORMANCES CORPORAIS NA VIVÊNCIA DE MASCULINIDADES NÃO HEGEMÔNICAS

Após o delineamento dos caminhos metodológicos e da posicionalidade que sustentam esta pesquisa no capítulo anterior, torna-se imperativo construir a base conceitual que permitirá interpretar as vivências dos homens gays afeminados em Ponta Grossa. Neste capítulo, debruçaremos sobre o diálogo entre a Geografia e as Teorias de Gênero e Sexualidade. Iniciaremos a discussão desconstruindo a neutralidade do espaço urbano para entendê-lo como uma estrutura hegemonizada pela cisheteronormatividade. Para tal, utilizaremos o conceito de performatividade de Judith Butler, transpondo-o para a escala geográfica.

Ao longo das próximas seções, exploraremos como a categoria corpo emerge como a escala primária da análise geográfica, sendo o receptáculo das normas, mas também o veículo das insurgências. Discutiremos as noções de homonormatividade e as hierarquias internas que marginalizam as performances afeminadas, preparando o terreno para entender como esses tensionamentos teóricos se materializam em conflitos, silenciamentos e resistências que serão explorados nos capítulos de análise empírica que se seguem. Também, ocorre o debate sobre interseccionalidade e decolonialidade e a relação entre geografia de gênero e sexualidade contextualizado e justificando a opção teórica do autor.

2.1- Espaço e sexualidades na abordagem geográfica

A compreensão do espaço na ciência geográfica contemporânea exige, fundamentalmente, o rompimento com a herança positivista que o descrevia como um receptáculo neutro, passivo e meramente geométrico (Silva, 2009). Nesse sentido, Lefebvre (1991) expressa que o espaço social não é apenas o local onde as relações ocorrem, mas é, em si, um produto social, político e ideológico. Lefebvre (1991) argumenta que cada sociedade produz o seu próprio espaço, o qual reflete e sustenta relações de dominação. Sob essa ótica, a hegemonia da cisheteronormatividade não é apenas um conjunto de ideias abstratas, mas uma força material que organiza a cidade, as arquiteturas e os fluxos urbanos, estabelecendo o que é considerado normal e o que é lido como desviante.

Corroborando com essa perspectiva de um espaço socialmente construído, Massey (1994; 2005) busca discutir as intersecções entre espaço, lugar e gênero. Nesse sentido, Massey (1994; 2005) enfatiza que o espaço é a dimensão da coexistência da multiplicidade, para a autora, as relações sociais de poder são inerentemente espaciais, o que implica que a

organização do território é frequentemente utilizada para reforçar binarismos de gênero e hierarquias sexuais. Massey (1994; 2005) demonstra que a separação histórica entre o público (associado ao masculino e à razão) e o privado (associado ao feminino e ao corpo) foi uma estratégia geográfica de controle. E isso reverbera nas formas como corpos gays afeminados negociam a sua presença nas ruas.

Nessa linha de pensamento, Valentine (2001) explica que o espaço público não é neutro, mas sim heterossexualizado, para a autora a heterossexualidade é tão onipresente que se torna invisível. Ou seja, o espaço público é naturalizado como heterossexual, o que projeta o homem gay afeminado para uma condição de constante visibilidade e vigilância. Nessa mesma direção, Valentine (2001) traz a ideia que o espaço não é apenas algo externo, ele é sentido e negociado através da pele, dos gestos e da percepção sensorial, posicionando o corpo como a primeira escala da geografia. Dessa forma, o corpo é o lugar onde as normas sociais são inscritas, sendo assim, o corpo inscreve uma dissidência num espaço que Valentine (2001) chamaria de espaço naturalizado como heterossexual. Logo, a proximidade física com corpos normativos gera reações espaciais que por meio do olhar alheio fixa o corpo dissidente no espaço (Valentine, 2001).

Assim, as reflexões de Valentine (2001) nos permite compreender o corpo do homem gay afeminado como uma escala primordial onde os conflitos de Ponta Grossa se materializam. Para a autora, o espaço público é ativamente heterossexualizado por performances cotidianas, o que faz com que o corpo afeminado seja lido como um elemento “fora do lugar” (*out of place*). Dessa forma, estar fora do lugar gera o que a autora chama de fronteiras de exclusão, onde o medo não vem de muros de concreto, mas da consciência corporal de que sua presença ali rompe a ordem natural heteronormativa da cidade. Sendo assim, Valentine (2001) propõe que o espaço não existe antes da performance, ele é criado por ela, ou seja, quando o gay afeminado entra em cena, ele está realizando uma contra-performance. Ou seja, o gay afeminado dissidente da norma está, mesmo que temporariamente, transformando aquele espaço em uma geografia subversiva (Silva, 2009).

Um outro ponto interessante é levantado por Hubbard (2000) que argumenta que a heteronormatividade não se mantém apenas por leis, mas por uma reação visceral de “nojo” em relação a corpos que desafiam as normas sexuais e de gênero. Assim, o autor discute como a sociedade tenta “limpar” o espaço público de “poluentes morais”, dessa maneira, os lugares (praças, ruas, centros comerciais) têm contornos morais (Hubbard, 2000). Ou seja, certas práticas e corpos são permitidos, enquanto outros são considerados imorais e, portanto,

expulsos. A partir disso podemos depreender que o gay afeminado em Ponta Grossa não é apenas alguém que está no lugar errado, ele também pode ser lido como um corpo que provoca “nojo” ou “repulsa” naqueles que defendem a masculinidade heteronormativa e homonormativa. Sendo assim, enquanto Valentine (2001) foca no sentimento do sujeito de estar *out of place*, Hubbard (2000) foca na reação da sociedade que vê esse sujeito como algo que precisa ser removido para restaurar a ordem e a “pureza” do lugar.

Nessa lógica, as Geografias Feministas desempenharam um papel crucial na desconstrução ao denunciar o que Rose (1993) denomina de “imaginação geográfica masculinista”. A autora critica a forma como o conhecimento geográfico foi construído a partir de uma posição que se pretende universal, mas que ignora o corpo e as subjetividades. Assim, ao trazer o corpo para o centro da análise e tratando o como a primeira escala do espaço geográfico, Rose (1993) e Massey (2005) abriram caminho para que a sexualidade deixasse de ser vista como um tema restrito à intimidade, quebrando a perspectiva reducionista que colocava as questões de gênero e sexualidade como ligadas ao espaço privado. Logo, a sexualidade e gênero, inscrevem-se nos espaços públicos das cidades estabelecendo relações de poder e hierarquias nas ruas, nos bairros, nas escolas e nas igrejas através de dispositivos de poder que buscam vigiar e normalizar as performances corporais.

Não distante, como argumenta Silva (2013) a investigação geográfica inspirada pela biopolítica de Michel Foucault, estabelece que a sexualidade é um dispositivo que se materializa no território. O espaço público é regulado por normas que ditam quais afetos podem ser demonstrados e quais corpos podem transitar com segurança (Foucault, 1988; Silva, 2013). Contudo, é no cotidiano que surgem as geografias subversivas, onde os sujeitos não são meramente passivos perante a norma; eles produzem territorialidades dissidentes e redes de sociabilidade que desafiam o controle cisheteronormativo, criando fendas na ordem urbana (Silva, 2009).

Uma outra perspectiva que contribuiu para os estudos de gênero e sexualidade na geografia está inserida a partir dos estudos *queer* que se fundamenta na teoria da performatividade de Judith Butler (2003), que oferece um suporte para compreender que o gênero e a sexualidade não são essências, mas atos repetidos sob coerção normativa que ocorrem necessariamente “em algum lugar”. Portanto, o espaço funciona como o palco onde a performance de homens gays afeminados é validada ou punida.

Nessa perspectiva, Butler (1993) questiona quais são os “corpos que importam” e revela como a exclusão de determinados sujeitos de certos espaços públicos não é apenas um

ato de intolerância isolado, mas um limite discursivo e material que define quem possui o direito à cidade. Desta forma, as espacialidades produzidas por homens gays afeminados podem revelar a existência de espaços paradoxais, espaços onde a vulnerabilidade e a resistência coexistem (Rose, 1993). Evidenciando que a produção do espaço é um processo inacabado e em constante disputa, onde o corpo afeminado reivindica o seu lugar contra o apagamento e a marginalização.

Junto a isso Oswin (2008) faz uma crítica necessária ao que ela chama de abordagem liberal (focada apenas em opressão vs. resistência) e propõe uma análise que cruza a sexualidade com outras estruturas de poder. Assim, a autora faz uma distinção importante ao expressar que o espaço não é heterossexual por natureza, ele é heteronormatizado. Isso significa que existem instituições (família, estado, religião) que trabalham ativamente para que ele pareça assim. Por meio disso, Oswin (2008) questiona a ideia de que um local (como um bar ou uma praça) se torna *queer* apenas porque há gays lá, para ela, o espaço só é *queer* se ele desafiar as lógicas de poder. Dessa forma, Oswin (2008) propõe uma desconstrução das geografias da sexualidade que se limitam ao binômio opressão-resistência, sugerindo que a heteronormatividade é uma estrutura complexa que se cruza com raça, classe e nacionalismo. No caso dos homens gays afeminados pesquisados, a perspectiva de Oswin (2008) permite identificar que a exclusão não provém apenas da hegemonia heterossexual, mas também de lógicas homonormativas que segregam aqueles cujos corpos e performances não se ajustam a um ideal de descrição e virilidade.

Nessa mesma direção, a relação entre estas performances e a geografia é aprofundada por Halberstam (2005) através do conceito de Tempo e Espaço *Queer*. Para Halberstam (2005) as vidas *queer* muitas vezes operam fora das trajetórias convencionais de “família, herança e reprodução”. Para o autor, o espaço *queer* não é apenas um local, mas um modo de habitar o mundo que desafia as lógicas de produtividade e normalidade. Em Ponta Grossa, as performances dos gays afeminados criam o que Halberstam (2005) chama de subculturas, onde a ocupação do espaço público não segue o roteiro da domesticidade homonormativa descrita por Duggan (2002), mas sim uma lógica de visibilidade e confronto.

Assim, ao cruzar o mapeamento interseccional de Rodó-Zárate (2021) com a crítica de Duggan (2002), percebemos que o “alívio” ou o “mal-estar” nos mapas de relevo não são apenas reações à homofobia clássica, mas também à pressão para se conformar a uma masculinidade gay aceitável. Um outro aspecto levantado por Rodó-Zárate (2021) diz respeito aos lugares controvertidos que para a autora são os cenários onde a interseccionalidade se

torna mais visível através da contradição emocional, revelando que um mesmo espaço pode ser, ao mesmo tempo, um refúgio para um aspecto da identidade e um campo de batalha para outro. Não distante, o corpo afeminado em Ponta Grossa, ao “dar o close” nos espaços de lazer ou no cotidiano urbano, performa uma resistência que é, ao mesmo tempo, contra a heteronormatividade e contra a homonormatividade reivindicando um lugar paradoxal (Rose, 1993) e um tempo próprio para a sua existência que se revela através dos espaços de alívio, mal-estar (opressão) ou espaços controversos.

Uma outra perspectiva que pode nos ajudar é a de Brown (2000) que propõe a noção de “armário geográfico” para o autor o armário não é uma estrutura fixa, mas uma fronteira móvel que o sujeito atravessa dependendo do lugar que ocupa. Nesse sentido, a metáfora do “armário”, tradicionalmente lida pela sociologia e pela psicologia como um estado de ocultamento da identidade, ganha uma dimensão material e estratégica quando analisada sob a lente da geografia. Ou seja, para homens gays afeminados, essa dinâmica de “abrir e fechar” o armário é uma técnica de sobrevivência e de gestão de riscos que varia conforme a norma vigente em cada espaço da cidade.

Nessa perspectiva, a sexualidade obriga os sujeitos a uma constante leitura do ambiente. Espaços como a igreja ou certas instituições conservadoras de Ponta Grossa operam sob um regime de vigilância onde a performance da “masculinidade normativa” é exigida. Nesses locais, o armário é fechado através do monitoramento dos gestos, do tom de voz e das vestimentas, na tentativa de evitar o estigma ou a exclusão. Dessa forma, o espaço atua como uma força que empurra a dissidência para a invisibilidade, sob a ameaça de punições simbólicas ou físicas.

Em contraste, espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+, como a boate ou determinados pontos de encontro da comunidade, funcionam como zonas de suspensão temporária da norma cisheteronormativa. Nesses territórios, o armário pode ser aberto, permitindo que a performance afeminada se manifeste sem o peso da sanção imediata. Contudo, Brown (2000) alerta que essa abertura não é absoluta; mesmo nesses locais, podem operar normas internas (como a homonormatividade) que continuam a regular quais tipos de corpos e comportamentos são bem-vindos.

Essa oscilação entre o abrir e o fechar demonstra que a identidade não é algo que o sujeito carrega de forma imutável, mas algo que é performado em diálogo com a geografia do medo e do desejo. O trajeto entre a igreja e a boate, por exemplo, exige uma reconfiguração corporal e subjetiva. A rua, como espaço público de trânsito, torna-se o local de maior tensão,

onde o sujeito gay afeminado precisa decidir, a cada esquina, o grau de visibilidade que pode sustentar, evidenciando que o armário é, antes de tudo, uma produção espacial de poder.

Nesse sentido, Costa (2012) argumenta que a vivência homossexual na cidade não se dá em grandes territórios contínuos, mas em microterritorialidades que o autor caracteriza como sendo pontos de encontro, esquinas, bares ou praças onde a interação é possível. O autor discute como a visibilidade é uma faca de dois gumes: ela permite o encontro, mas também atrai a discriminação evidenciando que a relação multicultural na cidade gera tanto tolerância quanto violência, dependendo do tamanho da cidade e da diversificação do mercado. Para o autor, a vivência da diversidade sexual nas cidades ocorre em espaços de proximidade, onde os jogos de identificação e visibilidade são constantes. Pois onde a cidade média impõe uma norma rígida, estes sujeitos articulam resistências em pequena escala, transformando esquinas e estabelecimentos específicos em refúgios de sociabilidade. Contudo, como alerta Costa (2012), estas microterritorialidades estão sob constante tensão, uma vez que a visibilidade da performance afeminada desafia tanto o conservadorismo hegemônico quanto às expectativas de discrição do mercado homonormativo local.

Dessa maneira, Bell e Valentine (1995) estabelecem a necessidade de mapear o desejo e a sexualidade através de múltiplas escalas geográficas. Para os autores, o espaço é um produto de performances sociais, sendo a escala do corpo o local primordial onde as normas de gênero são contestadas. Ou seja, por meio da lente de mapear o desejo, a análise dos trajetos e vivências dos sujeitos dissidentes podemos compreender como a identidade sexual e a performance de gênero reconfiguram as fronteiras entre o público e o privado na cidade média. Assim, Bell e Valentine (1995) sugerem que as geografias do desejo e do medo são marcadas no corpo antes mesmo de serem projetadas na cidade, portanto, mapear o desejo e a sexualidade é tratar o corpo como primeira escala da geografia.

Uma outra abordagem interessante é como a cidadania é tradicionalmente negada a quem não cumpre as normas sexuais e de gênero (Bell, 1995). Assim, Bell (1995) argumenta que o Estado e a sociedade tentam empurrar o “perverso” de volta para o privado. Ou seja, Bell (1995) nos permite compreender que a exclusão vivida nestes corpos não é apenas um fenômeno de preconceito individual, mas uma questão de cidadania sexual limitada. Dessa forma, Bell (1995) analisa como o consumo (ir a bares, boates, lojas entre outros) e o ativismo são formas de reivindicar a cidadania negada pela dissidência, assim por meio de uma leitura espacial os dissidentes sexuais aprendem a ler o perigo no espaço urbano para sobreviverem.

Logo, gay afeminado é considerado o “cidadão-perverso”, pois ele paga impostos e

circula na cidade, mas a sua cidadania é posta em causa no momento em que a sua performance corporal incomoda a norma. Assim sendo, Bell (1995) ajuda a explicar por que a agressão ao afeminado é vista, muitas vezes, não como um crime, mas como uma correção de alguém que não merece estar ali e como os espaços paradoxais podem descrever os locais onde o prazer e o perigo coexistem. Portanto, o gay afeminado de Ponta Grossa desenvolve uma geografia de sobrevivência, decidindo onde pode “ser” e onde deve “esconder-se”, negociando a sua cidadania a cada esquina.

Nessa mesma direção, a escolha por métodos que privilegiam a subjetividade não é apenas uma decisão técnica, mas um posicionamento político e epistemológico fundamentado nas críticas de Gillian Rose e Doreen Massey. Ao denunciar a “imaginação geográfica masculinista”, Rose (1993) e Silva (2009) demonstram que a geografia tradicional se construiu sobre um olhar que pretendia ser onisciente e neutro, mas que, na verdade, era o olhar de um sujeito específico (branco, homem, heterossexual). Esse “olhar de lugar nenhum” invisibilizou o corpo e as emoções, tratando-os como irrelevantes para a análise espacial.

Aliado a essa crítica metodológica e epistemológica, Binnie (1997) argumenta que o positivismo na Geografia foi cúmplice da marginalização de dissidentes sexuais ao tratar o espaço como algo neutro e ignorar as subjetividades. Assim, o autor propõe que “sair do armário” na Geografia significa questionar como o conhecimento é construído para servir à heteronormatividade (Binnie, 1997). Portanto, ao questionar a suposta neutralidade do saber geográfico, Binnie (1997) argumenta que a análise das dissidências sexuais exige o reconhecimento das relações de poder que estruturam a produção do conhecimento. Neste sentido, ao dar centralidade às vozes e aos trajetos de homens gays afeminados em Ponta Grossa, esta pesquisa não busca apenas descrever um fenômeno social, mas sim desafiar a heteronormatividade da disciplina geográfica. E estruturar um saber geográfico de resistência que expõe a materialidade das opressões e as táticas de sobrevivência num espaço urbano que tenta, persistentemente, invisibilizar os dissidentes, sobretudo os gays afeminados na geografia.

Logo, se o espaço é o produto de relações sociais imersas em poder, essas relações não podem ser compreendidas apenas por dados quantitativos ou mapas estáticos, elas precisam ser sentidas e narradas por quem as vivencia. A valorização da subjetividade justifica-se porque, para entender os tensionamentos de um corpo afeminado em Ponta Grossa, é preciso capturar as sutilezas das práticas cotidianas tais como: o olhar reprovador, o medo ao caminhar, a sensação de refúgio em certos espaços. Portanto, as teorias de Doreen Massey,

Gillian Rose e Joseli Silva justificam o abandono de uma neutralidade ilusória em favor de uma geografia corporificada. Assim, a ferramenta metodológica ideal para registrar como a produção do espaço acontece mediante o corpo e das experiências que se produzem mutuamente através do mesmo, permitindo que a trajetória pessoal sirva de ponto de partida para desvelar as estruturas de poder que o regem.

No caso de Ponta Grossa, a produção do espaço é atravessada por um conservadorismo local que não apenas preserva tradições, mas atua como um mecanismo de vigilância sobre os corpos que rompem com a estética da masculinidade hegemônica. Nesse sentido, a cidade, é marcada por uma forte herança religiosa e uma estrutura social pautada em valores tradicionais da família e da propriedade, que materializa o que Lefebvre (1991) denomina de espaço concebido sob uma lógica estritamente heteronormativa. Pois, o conservadorismo não é apenas um conjunto de ideias, mas uma prática espacial que define as formas de comportamento aceitáveis nas praças, nos terminais de ônibus e nas instituições públicas, forma essa que é heteronormativa. Portanto, a manifestação da cisheteronormatividade, não ocorre de forma abstrata, ela se ancora em contextos geográficos e históricos específicos que moldam as possibilidades de existência.

Desse modo, essa ordem local cisheteronormativa impõe ao homem gay afeminado um desafio geográfico contínuo. Como sugere o conceito de armário geográfico de Michael Brown (2000), a estrutura conservadora da cidade força esses sujeitos a uma alternância estratégica de performances. Em Ponta Grossa, o "fechar o armário" em espaços de alta visibilidade ou em bairros periféricos e religiosos não é apenas uma escolha, mas uma resposta à violência simbólica e física que emana da norma. A cidade se apresenta, muitas vezes, como um território de hostilidade silenciosa, onde o olhar reprovador do outro delimita as fronteiras da aceitabilidade.

Corroborando com essa narrativa Furlong (2010) expressa que a tolerância espacial é frequentemente condicional e atravessada por marcadores de classe e raça. Furlong (2010) observa que comportamentos associados à “bicha pintosa” ou ao gay afeminado são vistos como indesejáveis mesmo em espaços considerados tolerantes. Desse modo, a performance afeminada é lida como “fora do padrão local”, desencadeando violências que vão desde o olhar de desdém e agressões verbais até à exclusão física (Furlong, 2010). Isso demonstra que o espaço não é apenas heteronormativo, mas também exige uma performance de masculinidade e branquitude de classe média para garantir a aceitação.

Corroborando com Furlong (2010) no que tange às tolerâncias da Zona Sul do Rio,

Caldeira (2000) vai expressar as relações de São Paulo na violência do crime. Desse modo, Caldeira (2000) propõe os conceitos de “enclaves fortificados” e “segregação espacial” que juntos são ferramentas poderosas para explicar como a cidade de Ponta Grossa se organiza para excluir corpos dissidentes, como os dos gays afeminados. Ou seja, as elites e os grupos dominantes criam enclaves fortificados (condomínios, shoppings, clubes) para se separarem do outro considerado perigoso ou indesejado (Caldeira, 2000). Dessa forma, o espaço urbano de Ponta Grossa, funciona como enclaves que ditam as normas de conduta rígidas, ou seja, o gay afeminado é visto como uma ameaça à estética e à ordem desses enclaves. Gerando uma segregação que Caldeira (2000) descreve não apenas sendo socioeconômica, mas moral.

Ou seja, o gay afeminado, ao transitar por essas áreas, rompe a homogeneidade pretendida pelos muros invisíveis da cidade. Portanto, Caldeira (2000) ajuda a explicar por que a cidade se sente no direito de vigiar o gay afeminado. Pois, o medo do diferente cria barreiras simbólicas que expulsam esses sujeitos dos espaços centrais ou considerados de família que são sempre pautados a partir da cisheteronormatividade. Assim, Valentine (2001) aponta que a consciência de ser um alvo do olhar vigilante transforma a geografia urbana em um mapa de tensões, onde a mobilidade é ditada pela capacidade do corpo de negociar sua visibilidade e gerir o desconforto sensorial em ambientes hostis.

Não distante, Hubbard *et al.* (2015) oferece uma visão contemporânea sobre como o planejamento urbano e a gentrificação afetam as populações LGBTQIAPN+, ou seja, a organização urbana contemporânea impõe uma higienização dos corpos dissidentes. Assim, os trajetos dos colaboradores desta pesquisa em Ponta Grossa revelam uma luta por pertencimento em uma geografia que, ao mesmo tempo que os ignora institucionalmente, os polícia através de normas de conduta espaciais profundamente generificadas.

Dessa forma, a cisheteronormatividade em Ponta Grossa produz geografias de exclusão, onde o corpo afeminado é lido como um corpo fora do lugar. Este tensionamento entre a norma conservadora local e a insistência desses corpos em ocupar o espaço urbano cria o que analisaremos nos capítulos seguintes. Ao avançarmos para as memórias e trajetórias de homens gays afeminados (Capítulo 3) e para as experiências de violência e resistência (Capítulo 4), veremos como os tensionamentos espaciais na cidade não são apenas sobre orientação sexual, mas sobre a recusa em performar uma masculinidade que o conservadorismo ponta-grossense tenta, a todo custo, preservar como soberana.

2.2- Corpo, performance e espaço.

A obra de Henri Lefebvre influenciou de maneira acentuada a Geografia, sobretudo, a Geografia Urbana Brasileira, contudo houve uma escolha metodológica em dar preferência à abordagem do espaço a partir da produção econômica ignorando as questões que envolvem o corpo e suas relações de poder (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019). Neste sentido, “o corpo vivo, o corpo das necessidades, é diferente de um corpo abstrato e o simples fato de existir, implica produzir espaço e portanto, diferenças” (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019, p. 71). Logo, a perspectiva do direito de existir atravessa a percepção sob o direito às diferenças, colocando o corpo no centro das discussões sobre o espaço social.

O espaço social para Lefebvre contém multiplicidades de interações de relações de poder que envolvem, tanto aquilo que é explícito, óbvio, material e mantido pela força bruta da ordem, mas também pelas forças clandestinas e menos visíveis. Assim, ele alerta para as relações de poder inerentes à produção do espaço, já que para manter a norma estabelecida, é preciso policiamento constante. Para compreensão de sua proposta do espaço social ele propõe uma tríade conceitual que deve ser compreendida de forma interdependente entre si, ao mesmo tempo, que cada uma delas pode produzir espaços próprios: a prática espacial, as representações de espaço e os espaços de representação. A prática espacial é compreendida como sendo a ação das pessoas, o uso e a percepção do espaço. As representações do espaço são espaços concebidos pela lógica ligada às relações dominantes de modos de produção e à ‘ordem’ que essas relações impõem e, portanto, ao conhecimento formal e aos signos e códigos racionais, como é o caso do saber moderno relacionado aos projetos urbanísticos e a cartografia formal. Já os espaços de representação, incorporam simbolismos complexos, codificados ou não, ligados à clandestinidade e à vida social furtiva (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019, p.66).

Assim sendo, Valentine e Skelton (2003) desafiam a representação tradicional das cidades como um espaço social e de liberação sexual ao explorarem o momento de transição da juventude para a vida adulta bem como da escola para o trabalho de gays e lésbicas no Reino Unido. As autoras argumentam que existe um espaço paradoxal uma vez que existem espaços de sociabilidade para a comunidade LGBTQIAPN+ que normalmente são clubes e bares onde existe um ambiente seguro que propicia a consolidação de suas identidades e ao mesmo um lugar de exclusão, violência e uso excessivo de drogas. “Grupos sociais vulneráveis não são apenas marginalizados/oprimidos, mas também podem oprimir e marginalizar uns aos outros”⁵ (Valentine; Skelton, 2003, p. 863, tradução própria). Ou seja, existe um padrão homonormativo que impera em determinados espaços e se os sujeitos não estiverem de acordo com essa norma são excluídos e ou violentados.

Nesse sentido, a violência simbólica “é uma violência que se exerce com a

⁵“Vulnerable social groups are not just marginalized/oppressed, but can also marginalize and oppress each other”

cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer” (Bourdieu, 1997, p. 16). Nessa perspectiva, Bourdieu argumenta que o poder é um instrumento simbólico de dominação e está presente em todos os campos da sociedade atuando de forma invisível mediante a cumplicidade daqueles que ignoram sua existência ou que querem usá-lo a fim de criar uma nova realidade dos fatos (Bourdieu, 1989).

Não distante, as relações entre o corpo e o não-corpo estabelecidas a partir de uma lógica eurocêntrica, apresenta uma estreita relação com as de raça e de gênero (Quijano, 2005). Para o autor a diferenciação entre o “corpo” e o “não-corpo” na experiência humana é comum a todas as “culturas” ou “civilizações historicamente conhecidas”.

O processo de separação destes elementos do ser humano é parte de uma longa história do mundo cristão sobre a base da idéia da primazia da "alma" sobre o corpo". Porém, esta história mostra também uma longa e não resolvida ambivalência da teologia cristã sobre este ponto em particular. Certamente, é a "alma o objeto privilegiado de salvação. Mas no final das contas, é o "corpo" o ressuscitado, como culminação da salvação. Certamente, também, foi durante a cultura repressiva do cristianismo, como resultado dos conflitos com muçulmanos e judeus, sobretudo entre os séculos XV e XVI, em plena Inquisição, que a primazia da "alma foi enfatizada, talvez exasperada (Quijano, 2005, p. 117).

Quijano (2005) também evidencia que com os estudos de Descartes há o abandono da ideia de corpo e não-corpo e a consolidação entre “razão/sujeito” e “corpo”.

A razão não é somente uma secularização da idéia de "alma" no sentido teológico, mas uma mutação numa nova identidade, a "razão/sujeito", a única entidade capaz de conhecimento 'racional', em relação à qual o "corpo" é e não pode ser outra coisa além de "objeto de conhecimento. Desse ponto de vista o ser humano é, por excelência, um ser dotado de "razão", e esse dom se concebe como localizado exclusivamente na alma. Assim o "corpo", por definição incapaz de raciocinar, não tem nada a ver com a razão/sujeito. Produzida essa separação radical entre "razão/sujeito" e "corpo", as relações entre ambos devem ser vistas unicamente como relações entre a razão/sujeito humana e o corpo/natureza humana, ou entre "espírito" e "natureza". Deste modo, na racionalidade eurocêntrica o "corpo foi fixado como 'objeto de conhecimento, fora do entorno do "sujeito/razão (Quijano, 2005, p.118).

Nesse sentido, Silva (2013) expressa que o corpo apresenta uma materialidade e “por meio de ações os corpos produzem mercadorias. Sendo assim, o estado corpóreo como saúde, doença, força física, capacidade reprodutiva e habilidades manuais são elementos de intensa associação entre corpo e sociedade e, portanto, espaço”(Silva, 2013, p.29). Um outro autor que marcou muito as discussões sobre o corpo e as relações de poder que o corpo opera é Foucault, que para a geografia feminista operou como ferramenta fundamental para o

desenvolvimento das noções de corporeidade (Silva, 2013).

Além do corpo espaço, Haesbaert, (2020) inspirado em uma filosofia indígena propõe o conceito de corpo-terra-território que emerge a partir da corporeidade entendida na sua multiplicidade incorporando o gênero, a raça/etnia, faixa etária e todos os sentidos que o corpo abarca bem como a sua interação com a natureza. Para o autor existe um imbricamento entre os grupos sociais e seus corpos/afetos com os espaços de vivência cotidiana e isso rompe as noções dualistas existentes, apresentando uma relação simbólica e espiritual com a corporeidade e por consequência com o corpo-território. Assim, o território estabelece um uso cotidiano do espaço a partir das relações de poder onde os grupos sociais organizam lutas para apropriar e defender seus territórios, e essas lutas começam a partir de seus corpos, sobretudo, as mulheres que lutam pela não violação de seus corpos territórios (Haesbaert, 2020).

Não distante, por muito tempo os homens gays afeminados tiveram suas histórias silenciadas e ou inferiorizadas e quando interseccionamos com classe e raça esses silenciamentos e violências se agravam, ou seja, as relações entre os corpos-territórios e corpos espaço precisam ser evidenciados a fim de entendermos as complexidades de suas vivências e as lutas travadas pelos mesmo pelo reconhecimento de suas existências a partir de seus corpos. Logo, devemos “Implicar (re)pensamentos radicais, (re)desenhos, (re)conceitualizações, (re)mapeamentos que poderiam (re)fazer corpos, espaços e geografias”⁶ (Browne, 2006, p. 888, tradução própria).

A perspectiva decolonial do pensamento possibilita uma reflexão acerca das relações de poder que constituem a modernidade, ao manifestar críticas ao paradigma da filosofia ocidental.

Essas críticas são direcionadas, sobretudo, à universalização do sujeito epistêmico como símbolo de ser humano e do paradigma epistemológico do Ocidente como modelo de produção do conhecimento. A universalização do sujeito epistêmico e do paradigma epistemológico do Ocidente realiza-se por meio de relações complexas e assimétricas de poder, as quais impõem o silenciamento e a invisibilidade de saberes e da multiculturalidade de grupos étnicos e sociedades inferiorizadas e subalternizadas (Carvalho, 2022, p.315).

Nesse sentido, a ideia de sujeito universal proposta pelo ocidente estaria relacionada ao homem cis branco, heterossexual e europeu, essa narrativa se deu a partir de uma construção discursiva que se estabeleceu durante o período colonial e pós-colonial refletindo portanto na consolidação de padrões normativos comportamentais e formas de exclusão

⁶“entail radical (re)thinkings, (re)drawings, (re)conceptualizations, (re)mappings that could (re)make bodies, spaces and geographies” (Browne, 2006, p. 888).

(Carvalho, 2022). O autor ainda expressa que durante o processo de colonização, “as relações de dominação resultam na formação de um complexo de inferioridade nos indivíduos, à medida que o discurso hegemônico europeu contesta a humanidade dos povos colonizados” (Carvalho, 2022, p. 316). Ou seja, para ser reconhecido como humano, o colonizado deve adotar os valores culturais dos grupos dominantes da metrópole, tentando assemelhar-se ao colonizador (Carvalho, 2022). Logo, “[...] o eurocentrismo e a colonialidade são elementos chave para o entendimento da ideia de que a filosofia é uma ‘versão’ do pensamento humano exclusivamente europeia.” (Nogueira, 2014, p. 30).

Pode-se constatar que, na filosofia e cultura ocidental, os discursos produzidos por homens tornaram-se dominantes, criando padrões, normas, regras de conduta e mecanismos de controle da sexualidade das mulheres (Carvalho, 2022). Assim, o movimento feminista, movimento LGBTQIAPN+, movimento anti-racista busca questionar esse ideal branco, masculino, heterossexual e eucentrado de poder e controle.

Alinhado a isso, Quijano (2005) propõe uma análise a partir da colonialidade do poder, que diferentemente da colonização a colonialidade do poder estaria perdurando até os dias atuais mediante a dinâmicas de poder da sociedade patriarcal capitalista que privilegia os homens cis heterossexuais brancos em detrimento dos demais. Para o autor, a raça converteu-se como um critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da sociedade.

Como se sabe, o controle do tráfico comercial mundial pelos grupos dominantes, novos ou não, nas regiões do Atlântico onde tinham suas sedes, impulsionou um novo processo de urbanização nesses lugares, a expansão do tráfico comercial entre eles, e desse modo a formação de um mercado regional crescentemente integrado e monetarizado graças ao fluxo de metais preciosos procedentes da América. Uma região historicamente nova constitui-se como uma nova id-entidade geocultural: Europa, mais especificamente Europa Ocidental. Essa nova id-entidade geocultural emergia como a sede central do controle do mercado mundial. No mesmo movimento histórico produzia-se também o deslocamento de hegemonia da costa do Mediterrâneo e da costa ibérica para as do Atlântico Norte-ocidental (Quijano, 2005, p.109)

Ou seja, desde o início o processo de urbanização da América estava baseado no controle dos corpos, sobretudo, corpos dos escravizados trazidos da África e de povos indígenas. Essa lógica de inferiorização e dominação de indígenas, povos africanos escravizados e os grupos étnicos mestiços e orientais, evidencia uma dualidade entre civilização e barbárie (Carvalho, 2022).

Portanto, “só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não

humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens” (Lugones, 2014, p.936). Lugones (2014) afirma que o discurso civilizatório foi usado para mascarar uma série de violências brutais aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático. A autora evidencia que a perspectiva civilizatória hierarquizou e dicotomiza as relações de gênero a fim de sistematizar um sistema de controle sobre as mulheres.

Nessa mesma direção, os europeus também criaram uma lógica de controle sobre o trabalho relacionando com uma noção estabelecida no período colonial que o trabalho pago era um privilégio branco, portanto, os escravizados eram obrigados a trabalhar em benefício de seus senhores (Quijano, 2005). Na atualidade ainda é possível enxergar traços dessa lógica de inferiorização, pois populações negras recebem os menores salários comparados aos brancos projetando portanto uma colonialidade do poder capitalista (Quijano, 2005).

Essa colonialidade do controle do trabalho determinou a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas no capitalismo mundial. Em outras palavras, determinou a geografia social do capitalismo: o capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Isso o tornava dominante sobre todas elas e dava caráter capitalista ao conjunto de tal estrutura de controle do trabalho. Mas ao mesmo tempo, essa relação social específica foi geograficamente concentrada na Europa, sobretudo, e socialmente entre os europeus em todo o mundo do capitalismo. E nessa medida e dessa maneira, a Europa e o europeu se constituíram no centro do mundo capitalista (Quijano, 2005, p.110).

Nessa perspectiva Quijano (2005) pontua que existe uma relação intrínseca entre a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo. Não obstante, o autor expressa que se modernizar e ser racional significa aproximar-se de um padrão europeu, pois a modernidade e a racionalidade foi pensada como experiências e produtos exclusivamente europeus.

Logo, Lugones (2014) afirma que existe uma intersecção entre raça, gênero e sexualidade e embasada em Quijano complementa o conceito de colonialidade adicionando as discussões de gênero. Para Lugones (2014, p. 935), “[...] a lógica categorial dicotômica e hierárquica é central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade.” Assim, a autora revela que o cristianismo tornou-se um instrumento de normatividade que conectava gênero e civilização bem como no “apagamento das práticas comunitárias ecológicas, saberes de cultivo, de tecelagem, do cosmos, e não somente na mudança e no controle de práticas reprodutivas e sexuais”(Lugones, 2014, p.938).

Um outro importante apontamento a apresentado por Lugones (2014) relaciona-se

com a questão de feminização do homem negro, que nas palavras da autora:

O que tem sido entendido como “feminização” de “homens” colonizados parece mais um gesto de humilhação, atribuindo a eles passividade sexual sob ameaça de estupro. Esta tensão entre hipersexualidade e passividade sexual define um dos domínios da sujeição masculina dos/as colonizados/as (Lugones, 2014, p.937).

Isso nos revela que as questões acerca da vulnerabilização do corpo afeminado de homens advém desde o período colonial. O que corrobora com Cornejo (2011b) que expressa que o corpo da criança negra afeminada sempre está sujeito a violência. Ou seja, o projeto colonial europeu criou uma ordem de gênero binária, eurocêntrica e patriarcal que silenciou múltiplos gêneros indígenas e inferiorizou feminilidades e sexualidades não normativas. Portanto, Lugones (2014) nomeia a análise da opressão de gênero racializada e capitalista de “colonialidade do gênero” e a partir da mesma vislumbra a possibilidade de superar a colonialidade do gênero mediante um “feminismo descolonial”. Logo, a colonialidade do gênero permite entender a opressão como uma “interação complexa de sistemas econômicos, racializantes e engendrados, na qual cada pessoa no encontro colonial pode ser vista como um ser vivo, histórico, plenamente caracterizado (Lugones, 2014, p.941). Logo, descolonizar o gênero é uma práxis potente para questionar os padrões impostos que inferiorizam mulheres e membros da comunidade LGBTQIAPN+ que resistem à “opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social” (Lugones, 2014, p. 940).

O conceito de gênero surge a partir de concepções históricas estabelecidas, sobretudo, dentro do movimento feminista. “As feministas não somente começaram a encontrar uma voz teórica própria; elas também encontram aliados científicos e políticos. É dentro deste espaço que nós devemos articular o gênero como categoria de análise” (Scott, 1995, p. 14). Logo, o gênero pode ser entendido como uma categoria de análise sociológica e histórica que permite entender como as relações sociais são definidas pelos saberes, significando as diferenças sociais e corporais, contudo, os saberes não são absolutos e modificam-se em cada cultura (Scott, 1995). Butler (2003) acrescenta que o gênero pode ser compreendido a partir de atos performativos, ou seja, o modo como se fala, veste e se comporta produz a ideia de ser homem e ser mulher e esses atos reforçam uma ideia binária de gênero, produzindo padrões/normas de como ser homem e mulher. Nesse sentido, os membros da comunidade LGBTQIAPN+ ao fugirem dessa norma performática provocam fissuras na binaridade de gênero (Butler, 2003).

No entanto, como herança das práticas sexuais do patriarcado, percebe-se que estigmas e por consequência atos de violência baseados no gênero (das mais variadas formas), tornaram-se constitutivos de nossa sociedade e das relações sexuais e de gênero estabelecidas entre nós. Isso porque, ainda temos dificuldade para reconhecer e entender algumas performances que contrariam o modelo hegemônico, embaralhando os códigos e discursos produzidos nas zonas de conhecimento e, também de reconhecimento das identidades construídas a partir do gênero. São forças de/em germinação de novos usos possíveis da sexualidade. Para se aproximar e reconhecer essas identidades é necessário certo desnudamento que permita entrever os fluxos que essas performances baseadas no gênero arrastam consigo (Smith; Santos, 2017, p.1095).

Desse modo, Goffman (1988) explica que, quando encontramos um estranho, antecipamos a sua categoria e atributos, ou seja, criamos sua identidade social virtual. Assim, quando as características reais do sujeito se revelam diferentes e negativas aos olhos daquela sociedade, surge o estigma (Goffman, 1988). Nesse sentido, o esperado para um homem em Ponta Grossa (identidade virtual) é a virilidade marcada pela heteronormatividade. Mas quando o gay afeminado apresenta gestos e voz femininos (identidade real), ocorre uma ruptura na interação. Portanto, o estigma não é o ser gay, mas a evidência da afeminação que deteriora a identidade social esperada.

Dessa maneira, Goffman (1988) expressa que o estigmatizado vive num estado de vigilância sobre o que os outros sabem sobre ele. Assim, o “desacreditado” é aquele cuja marca (afeminação) é visível de imediato, ou seja, ele não consegue esconder o estigma, então a sua tarefa social é gerir a tensão da interação. Nessa mesma direção, o “Desacreditável” configura-se como sendo aquele cuja marca não é visível, ou seja, o gay discreto homonormativo.

Uma outra perspectiva interessante que nos ajuda a pensar o corpo é trazida por Ahmed (2004) que argumenta que as emoções não habitam o sujeito ou o objeto, mas criam a própria superfície entre eles. Dessa maneira, os sentimentos circulam entre os corpos, por exemplo, o ódio “cola” certas características a determinados corpos, transformando-os em ameaças (Ahmed, 2004). Ou seja, a impressão que o outro deixa em nós é tanto física quanto emocional, pois segundo Ahmed (2004) as emoções alinham indivíduos com comunidades e corpos com espaços. Sendo assim, Ahmed (2004) fala sobre como os corpos se alinham com as normas. E quando um corpo se alinha o mesmo é tido como masculino e viril num espaço conservador, que o torna invisível e confortável. No entanto, quando um corpo não se alinha (gay afeminado), ele causa um desalinhamento que é sentido como desconforto ou dor. Dessa forma, podemos dizer que o corpo afeminado é carregado de significados negativos através

dessa economia afetiva. Pois, o medo da sociedade não é do indivíduo em si, mas do que a sua performance ameaça (a ordem moral, a família, a virilidade). Logo, Ahmed (2004) nos ajuda a explicar como o estigma se torna uma impressão física deixada pelos outros no corpo do gay afeminado.

Sendo assim, Ahmed (2004), propõe uma análise das emoções como práticas que moldam as superfícies corporais e as fronteiras sociais. Pois, para Ahmed (2004) sentimentos como o medo e o nojo não são internos, mas circulam numa economia afetiva que define quem é o 'nós' e quem é o 'outro'. Nesse contexto, os homens gays afeminados e seus corpos tornam-se o local de acumulação das impressões negativas deixadas pela norma heterossexual da cidade. Ou seja o desconforto sentido em determinados espaços públicos de Ponta Grossa pelos dissidentes da norma heteronormativa pode revelar um desalinhamento entre o corpo dissidente e as orientações normativas do espaço, demonstrando que a exclusão geográfica é sentida, antes de tudo, como uma reação corporal e emocional que restringe o direito ao livre movimento.

Não distante, Gregson e Rose (2000) fazem uma distinção importante, pois enquanto Goffman (1988) foca no teatro (o sujeito escolhe uma máscara), Butler e as autoras focam na performatividade (as normas que nos obrigam a ser de certa forma). Ou seja, as autoras argumentam que o espaço não é um palco estático e fixo onde as pessoas atuam, mas sim algo que só passa a existir através das performances que nele ocorrem. Portanto, a produção do espaço urbano não precede a ação social, mas é constituída por práticas citacionais que repetem ou subvertem normas de gênero (Gregson; Rose, 2000). Sob esta ótica, o homem gay afeminado em Ponta Grossa não apenas ocupa o espaço público, mas o reconfigura, pois ao performar uma masculinidade dissidente, ele expõe a fragilidade da norma heterossexual local, transformando ruas e praças em espaços paradoxais onde a identidade e a geografia se produzem mutuamente em meio a tensões e resistências quotidianas.

Uma outra perspectiva alinhada a teoria *queer* radical e da biopolítica é exposta por Preciado (2002; 2021) que busca desmontar a tecnologias que o produzem gêneros, pois para o autor o gênero e o sexo não são naturezas, mas sistemas de escrita e tecnologias (como o binarismo homem/mulher). Dessa forma, em vez de ver o gay afeminado como uma vítima de estigma (Goffman, 1988), Preciado permite vê-lo como um sujeito revolucionário, logo o monstro (o afeminado) fala a partir de uma zona que a cidade não consegue controlar, ou seja, enquanto Caldeira (2000) fala de muros físicos, Preciado fala de muros somáticos (no corpo). Isso se alinha com a perspectiva de Valentine (2001) que considera o corpo com primeira

escala da geografia, dessa forma o corpo carrega em si múltiplas marcas que o configura como eixo central para o entendimento das espacialidades de gays afeminados.

Dessa forma, o gay afeminado em Ponta Grossa *hackeia* o sistema, pois ao utilizar um corpo masculino para performar feminilidade, ele está a subverter a tecnologia que a cidade tenta impor. Assim, a afeminação não é um mero comportamento, mas uma prática contrassexual, onde o corpo afeminado recusa-se a ser uma ferramenta da reprodução heteronormativa. Portanto, ao recusarem a conformidade com as tecnologias de gênero que produzem o homem viril, estes sujeitos posicionam-se como monstros que denunciam a violência do regime heteropatriarcal local. A performance afeminada deixa de ser apenas uma identidade para se tornar uma prática contrassexual de ocupação do espaço, onde o corpo dissidente utiliza a sua própria monstruosidade para fissurar a ordem urbana e reivindicar o direito a uma existência que não seja capturada pela norma.

Nessa perspectiva, geógrafas e geógrafos feministas desenvolveram uma abordagem do espaço generificada para entender as complexidades e especificidades de cada indivíduo no espaço. Logo, Jon Binnie argumenta que o espaço assim como o gênero não é pré-discursivo e sim produzido e reproduzido a partir de um discurso heteronormativo, nas palavras do autor: “O espaço não é naturalmente e autenticamente “hétéro”, mas sim ativamente produzido e (hetero) sexualizado”⁷ (Binnie, 1997, p. 223, tradução própria).

Dessa forma, Doreen Massey (2016) argumenta que um elemento importante nas análises feministas de gênero é a investigação e a desconstrução do pensamento dualista. Nesse sentido, Silva (2013) argumenta que “os corpos dissonantes das representações hegemônicas de gênero e práticas sexuais foram especialmente estudados na chamada geografia *queer*; já que os corpos que não obedecem ao modelo dual da sexualidade heteronormativa constituem vidas “fora de lugar””(Silva, 2013, p. 35). Logo, homens gays afeminados estão “fora de lugar” e constituem a partir de suas corporeidades e vivências tensionamentos a lógica binária, hierárquica e dual de gênero e sexualidade.

Nessa mesma direção, Oswin (2008) estabelece um questionamento diante a geografia crítica por associar o espaço *queer* como sinônimo de espaço para gays e lésbicas, bem como a colocação do espaço *queer* e do espaço de gays e lésbicas como oposição ao espaço heterossexual.

“Queerizar nossa análise, portanto, nos ajuda a posicionar a sexualidade dentro de constelações multifacetadas de poder. À medida que geógrafos

⁷“space is not naturally authentically “straight” but rather actively produced and (hetero)sexualized”

críticos buscam entender essas constelações, o avanço de uma abordagem *queer* ao lado de abordagens pós-coloniais, feministas, raciais críticas e materialistas certamente ajudará a fazer novas perguntas e iluminar uma gama mais ampla de possibilidades críticas.”(Oswin,2008, p.100, tradução própria)⁸.

Ou seja, para Oswin (2008) o espaço *queer* abre possibilidades para o reconhecimento de um cosmopolitismo de saberes acerca do gênero, sexualidade e raça abarcados a partir de um pensamento feminista, e descolonial, mostrando o “espaço *queer* como um marcador emergente do cosmopolitismo urbano”⁹(Oswin, 2008, p.95, tradução própria).

Não distante, essa territorialização do espaço heterossexual, heterossexista e heteronormativo provoca uma exclusão e opressão de dissidentes sexuais e de gênero, como demonstrado por Bell e Valentine (1995):

“A presença de corpos *queer* em locais específicos força as pessoas a perceber (pela justaposição de *queer* a "rua" ou "*queer*" e a "cidade") que o espaço ao seu redor,... as ruas da cidade, os shoppings e os hotéis, foram produzidos como (ambientalizado) heterossexual, heterossexista e heteronormativo”¹⁰ (Bell; Valentine, 1995, p.18, tradução própria).

Desse modo, para a heteronormatividade temos a definição de Calegari (2006):

Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais. O heterossexismo compulsório, a propósito, se filiaria ao patriarcalismo, já que esse designa uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social se concentraria na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável (Calegari, 2006, s.p.).

Assim, Duggan (2002) propõe um debate sobre a homonormatividade, que estaria conectada com uma política sexual do neoliberalismo, e como tal política não contesta os pressupostos heteronormativos dominantes nem instituições, mas viabiliza um eleitorado gay desmobilizado e despolitizado. Ou seja, com a homonormatividade criou-se uma norma de

⁸Queering our analysis thus helps us to position sexuality within multifaceted constellations of power. As critical geographers seek to understand these constellations, the advancement of a *queer* approach alongside postcolonial, feminist, critical race and materialist approaches will most certainly help to ask new questions and illuminate a broader range of critical possibilities (Oswin,2008, p.100)

⁹“*queer* space as an emergent marker of urban cosmopolitanism”(Oswin, 2008, p.95).

¹⁰“the presence of queer bodies in particular locations forces people to realize (by juxtaposition of ‘queer’ and ‘street’ or ‘queer’ and ‘city’) that the space around them, ... the city streets, the malls and the motels, have been produced as (ambiently) heterosexual, heterossexista and heteronormative” (Bell; Valentine, 1995, p.18).

como ser homossexual e gays afeminados fogem dessa norma.

Não distante, Lopes (2017) questiona a ideia de que os seres humanos são naturalmente heterossexuais e devem se comportar de acordo com uma concepção binária de gêneros, na qual as mulheres são “femininas” e os homens, “masculinos”. Retratando que gays afeminados por não se enquadram nos padrões da heteronormatividade masculina, são alvo preferencial do preconceito, sofrem mais violência homofóbica e são discriminados inclusive por outros homossexuais. Lopes (2017), também questiona a raiz dos desejos e preferências sexuais, desmistificando a ideia de que a rejeição contra homens considerados ‘femininos’ seja simplesmente uma questão de gosto pessoal. Dessa forma a relação que culturalmente se faz entre ser mulher e feminina (a condição feminina considerada como algo inferior e indesejável) e ser homem e masculino (a masculinidade vista como uma característica de força e superioridade), a hierarquização desses papéis sociais traz privilégios para os homens, sobretudo aqueles que se encaixam nos padrões preestabelecidos pela cisheteronormatividade.

Nesse sentido, Lima (2023) expressa que as experiências urbanas de gays afeminados estão impregnadas de violência, discriminação e preconceito, que se traduzem no medo de se deslocar pela cidade. Constatou-se que, seja em espaços públicos ou privados, dentro ou fora da comunidade LGBTQIAPN+, prevalece a norma cis-hetero-homonormativa. Esta imposição coloca os homossexuais feminizados nos espaços urbanos de forma mais precária, pois escapam às expectativas sociais normativas e às ordens urbanas. Porém, ser gay afeminado não significa passividade diante dessas opressões, do medo de encontrar resistência nas apropriações individuais e coletivas da comunidade LGBTQIAPN+, do surgimento de contra-usos nas diferentes áreas da cidade que ocupam.

2.3- Masculinidades plurais e geografia

A masculinidade não pode ser compreendida como um bloco identitário monolítico, mas como um sistema dinâmico de práticas e posições de poder (Connell, 2005). Diante disso, a estrutura de gênero é atravessada por uma hierarquia que estabelece a masculinidade hegemônica (H. M.) como o padrão a ser perseguido, enquanto outras formas são empurradas para a margem (Connell, 2005). No entanto, a inserção do debate sobre masculinidades na Geografia exige, primordialmente, o reconhecimento de que o gênero não é uma categoria biológica fixa, mas uma estrutura social dinâmica e plural. Conforme Connell (2005; 2009), não existe uma masculinidade singular, mas sim masculinidades que se configuram em

relação umas às outras e em relação à feminilidade. Na escala geográfica, essa hegemonia traduz-se no controle dos espaços públicos e na definição das normas de conduta urbana, nesse sentido, as masculinidades são geograficamente contingentes. Isso significa que o que é considerado “masculino” num terminal de ônibus em Ponta Grossa pode diferir do que é esperado num ambiente acadêmico.

Não distante, Connell e Messerschmidt (2013) pontuam que a masculinidade hegemônica provoca a inferiorização das mulheres e de outros homens por não se enquadrar na normativa heterossexual, principalmente os gays. Logo, a principal característica da masculinidade hegemônica é a combinação entre pluralidade e hierarquia. Assim, Connell e Messerschmidt (2013) apontam que as masculinidades hegemônicas podem ser orientadas em três escalas: local, regional e global. Ou seja, essa pesquisa complexifica a análise de nível local (Ponta Grossa), com um grupo focal de homens gays autodeclarados afeminados que ao performarem a suas masculinidades afeminados tensionam a hegemonia territorializada através da cisheteronormatividade que vigia os corpos.

Um outro ponto importante refere-se a Kimmel e Mahler (2003) que argumentam que a homofobia não é apenas o medo de pessoas homossexuais, mas o medo que os homens têm de serem chamados de gays. Logo, o gay afeminado é o alvo preferencial porque ele encarna exatamente o que a masculinidade hegemônica mais teme: a feminilidade. Para os autores não é apenas a orientação sexual que é punida, mas a falha em performar a masculinidade agressiva/viril. Em cidades com perfis conservadores (o que Kimmel e Mahler chamam de “*red states*” no contexto dos EUA, e que podemos transpor para o perfil político-cultural de Ponta Grossa), essa vigilância é ainda mais severa.

Dessa forma, a análise das masculinidades em Ponta Grossa deve considerar o que Kimmel e Mahler (2003) definem como o papel regulador da homofobia. Para os autores, a masculinidade é uma prova constante, mantida através da negação do feminino e do policiamento mútuo entre os homens. Nesse sentido, o homem gay afeminado torna-se o alvo principal de processos de estigmatização, pois sua performance corporal é lida como uma afronta direta à norma viril e heteronormativa. Assim, a violência e a exclusão espacial em Ponta Grossa não são apenas reações à orientação sexual, mas mecanismos de defesa de uma masculinidade hegemônica que utiliza o *gay-baiting* para marcar fronteiras e reafirmar o poder masculino nos espaços públicos.

Dessa maneira, a manutenção da hegemonia depende da existência de masculinidades subordinadas, marginalizadas e cúmplices. Ou seja, o homem gay, e de forma mais acentuada

o gay afeminado, ocupa a posição de masculinidade subordinada (Connell, 2005). Essa subordinação ocorre porque sua performance corporal espelha características culturalmente associadas ao feminino, o que, na lógica patriarcal, é visto como uma degradação do status masculino. Como discutido em Silva e Ornat (2011) essas hierarquias não são apenas simbólicas, elas se espacializam. A cidade de Ponta Grossa, com seu perfil conservador, atua como um território de reforço à masculinidade hegemônica, onde o corpo afeminado é constantemente vigiado e empurrado para as margens da aceitabilidade social. Nesse sentido, Rezende e Cotta (2015) pontuam que para além da violência simbólica e homofobia os gays afeminados ao performarem uma feminilidade podem ser atingidos por discursos misóginos sobretudo em aplicativos de relacionamento. Os autores argumentam que existe uma dificuldade para que homens gays afeminados criem afetividades uma vez que dentro da comunidade gay existe uma supervalorização da virilidade e da masculinidade e que muitos homens gays manifestam uma ojeriza ao corpo feminino e a feminilidade.

Corroborando com essa análise sobre as masculinidades Linda McDowell (2000 [1999]), argumenta que a identidade de gênero é indissociável do lugar. Desse modo, McDowell (2000 [1999]) demonstra que a masculinidade é performada de maneira diferente no ambiente de trabalho, no bar ou na rua, e que esses lugares possuem códigos de masculinidade que podem acolher ou excluir o sujeito. Portanto, a masculinidade é um processo relacional que se define no e pelo lugar e as identidades masculinas são performadas em palcos específicos, onde o cumprimento das normas de gênero é o que garante a aceitação do sujeito no espaço público. Não distante, McDowell (2003) ao analisar como a transição de uma economia industrial para uma economia de serviços e informação transformou certas formas de masculinidade “redundantes”. Ou seja, a masculinidade não é algo que se tem, mas algo que se faz sob condições econômicas específicas, logo, a masculinidade é vivida de formas diferentes conforme a classe, uma vez que para jovens da classe trabalhadora, o corpo e a rua são os únicos lugares onde podem exercer poder (McDowell, 2003). Nesse contexto, o homem que perdeu o seu lugar de provedor e reafirma sua virilidade através da violência e do controle do espaço público (McDowell, 2003). Nesse cenário, o homem gay afeminado é lido como uma dupla ameaça, pois personifica a feminização das habilidades sociais e recusa performar uma heteronormatividade que ainda fundamenta a identidade local.

Nessa lógica, Hopkins (2009) argumenta que a masculinidade não é apenas uma identidade social, mas uma “performance situada” que interage com a percepção religiosa e cultural do entorno. Em Ponta Grossa, cidade marcada por um conservadorismo religioso

significativo, a performance do gay afeminado é lida como uma afronta não apenas à norma de gênero, mas a uma ordem moral-espacial. Dessa maneira, Hopkins (2016) demonstra como a masculinidade interage com marcadores de religiosidade e juventude para produzir geografias de exclusão. Em Ponta Grossa, o gay afeminado encarna o que se define como uma “masculinidade subordinada” (Connell, 2005) cuja performance dissidente rompe com a transparência da masculinidade hegemônica local, assim, o gay afeminado expõe as fissuras de um espaço urbano generificado.

Nesse sentido, para o gay afeminado, o trânsito entre esses lugares revela o que Brown (2013) descreve como o tensionamento entre a homonormatividade e a dissidência. Muitas vezes, até mesmo dentro de espaços LGBTQIAPN+, existe uma pressão para que o homem gay adote uma postura discreta (masculinizada), marginalizando aqueles que dão o close ou performam a perfechatividade (Colling; Arruda; Nonato, 2019).

Mas ao adicionarmos raça, idade e outras categorias a essas masculinidades observamos, a complexidade dessa subordinação que só pode ser plenamente compreendida através da interseccionalidade. Conforme proposto por Crenshaw (1991) e transposto para a geografia por Valentine (2007), as opressões de gênero, sexualidade, classe e raça não operam isoladamente, mas se cruzam de forma inseparável. Assim, Valentine (2007) ressalta que a experiência de exclusão é atravessada por sua posição de classe e cor de pele. Ou seja, um corpo negro e afeminado enfrenta barreiras espaciais e níveis de violência distintos de um corpo branco afeminado. Essa “cartografia das margens” é essencial para entender por que certos espaços urbanos são interditos a alguns corpos, enquanto outros conseguem negociar uma tolerância precária (Valentine; 2007).

Não distante, Rodó-Zárate (2021) expressa que a teoria da interseccionalidade ao propor que as desigualdades (gênero, sexualidade, classe, idade) são vividas de formas distintas dependendo do lugar. A autora demonstra que um mesmo sujeito pode experimentar “relevos” de opressão em certos espaços e de alívio em outros, bem como de lugares controvertidos. Para um homem gay afeminado em Ponta Grossa, a cidade não é um bloco uniforme de hostilidade: enquanto uma instituição religiosa ou certas ruas do centro podem representar picos de opressão e desconforto emocional, outros microterritórios de sociabilidade podem funcionar como vales de alívio, bem como lugares controversos com múltiplos sentimentos girando em torno da opressão e do alívio simultaneamente (Rodo-Zarate, 2021).

Desse modo, a interseccionalidade geográfica revela que a performance afeminada é

lida através de múltiplos filtros, assim como, a subordinação descrita por Connell (2005) é agravada ou atenuada pela posição de classe e raça do sujeito, criando o que Rodó-Zárate (2021) identifica como uma experiência multidimensional da exclusão. No entanto, a experiência dessa subordinação não é estática, ela é profundamente espacial e emocional, pois as experiências redesenham os mapas de relevo da cidade, transformando lugares de opressão em espaços de afirmação e resistência política.

Nesse contexto, o trabalho de Hanke (2016) ao aplicar pioneiramente a teoria da interseccionalidade de Rodó-Zárate (2014) para compreender a vivência quotidiana gay no território pontagrossense, demonstra que a experiência do homem gay na cidade não é uniforme, sendo fragmentada por geografias do medo e geografias do desejo. Por meio disso ao utilizar os Relief Maps, o autor mapeia como o conservadorismo de Ponta Grossa produz picos de opressão em locais como o ambiente de trabalho e espaços públicos centrais, onde a vigilância heteronormativa é mais ostensiva (Hanke, 2016). Essa perspectiva dialoga diretamente com Valentine (2007) sobre a interseccionalidade como um desafio para a geografia feminista, pois exige que olhemos para como a sexualidade se cruza com a classe e a performance corporal para definir o acesso ao direito à cidade.

Desta forma, esta pesquisa dá continuidade ao legado de Hanke (2016), focando especificamente na performance afeminada como uma variável interseccional que aprofunda as desigualdades socioespaciais. A análise das masculinidades plurais aqui proposta não busca apenas identificar a opressão, mas compreender, através das emoções e dos trajetos, como esses sujeitos negociam a sua existência entre os picos de exclusão e os vales de alívio da cidade.

Não distante, a compreensão das vivências dos gays afeminados em Ponta Grossa relaciona-se com Lee (2013), que, sob uma perspectiva fenomenológica, analisa como as sexualidades dissidentes produzem territorialidades próprias. Para a autora, o corpo não é apenas um objeto no espaço, mas o meio pelo qual o sujeito experimenta e significa a cidade. A partir das preposições de Lee (2013) podemos dizer que a performance afeminada é lida como o cerne desse ser-no-mundo, onde as sensações de medo e alívio, revelam a constituição de territórios afetivos que desafiam a aparente transparência e ordem da paisagem heteronormativa local.

Alinhado a essa perspectiva, Bento (2012) explora o vazio e a dor que a masculinidade hegemônica impõe aos próprios homens, pois para a autora o modelo de “homem de verdade” é construído sobre a negação de tudo o que é lido como feminino: a dor, o choro e a

vulnerabilidade. Ou seja, os homens são educados para serem uma fortaleza e qualquer desvio desse padrão é lido como uma traição ao grupo (Bento, 2012). Sendo assim, a masculinidade hegemônica assenta na premissa de que o “homem não tece a dor”, exigindo um controle emocional que nega a vulnerabilidade (Bento, 2012). Dessa forma, o homem gay afeminado, ao performar atributos historicamente tidos como femininos, rompe com este imperativo de insensibilidade, pois o gay afeminado, ao feminilizar-se, quebra o pacto de silêncio sobre a dor e expõe a fragilidade que a masculinidade hegemônica tenta esconder.

Não distante, Jackson (1991) afirma que não existe uma única masculinidade, mas várias, que coexistem em relação de poder, desse modo, o autor estabelece a ideia de que a masculinidade está ligada à exibição de controle no espaço público e que a masculinidade deve ser constantemente provada e testada perante outros homens para validar essa forma de controle. Além disso, o espaço público atua como uma arena de validação da masculinidade hegemônica, onde o controle e a vigilância de corpos dissidentes são fundamentais para a manutenção da ordem patriarcal (Jackson, 1991). Ou seja, em Ponta Grossa, o homem gay afeminado representa uma masculinidade subalterna que desafia a paisagem de respeitabilidade construída pela norma local. Assim, a hostilidade espacial identificada não é um evento isolado, mas uma prática geográfica de reafirmação de poder, onde a exclusão do afeminado serve para demarcar as fronteiras do que é considerado um uso legítimo e masculino da cidade.

Nessa lógica, o gay afeminado, ao usar o espaço de forma diferente (gestos, voz, estética), é visto como um elemento que desrespeita a ordem visual da cidade. Portanto, Jackson (1991) nos ajuda a entender que a violência é uma tentativa de restaurar essa respeitabilidade espacial masculina, pois o autor sugere que o corpo dissidente (no nosso caso especificamente o gay afeminado) atua como uma “mancha” na paisagem, forçando uma renegociação de quem tem o direito de ser visto.

Uma outra questão importante é levantada por Jackson (1994) no que tange o corpo dissidente que é frequentemente transformado em um local de significados contestados, onde a visibilidade excessiva serve tanto como ferramenta de resistência quanto como alvo de vigilância. Mas, embora Jackson (1994) foque no homem negro, o conceito de construção do "Outro" é transponível para essa pesquisa uma vez que, o autor discute como a sociedade cria imagens estereotipadas para conter a ameaça que o diferente representa. Dessa forma, a dinâmica do olhar , estabelece que a masculinidade hegemônica detém o poder do olhar de quem vigia, enquanto o “Outro” é o objeto olhado (Jackson, 1994). Ou seja, se a

masculinidade hegemônica é invisível por ser a norma, o corpo afeminado é hiper-visibilizado por se distanciar da mesma. Assim, essa visibilidade, segundo Jackson (1994) é uma forma de política cultural que desestabiliza a ideia de que existe apenas uma forma de ser homem. Logo, em uma paisagem urbana conservadora, o corpo afeminado pode ser lido como uma alteridade que rompe a neutralidade da norma masculina. Assim, a ocupação dos espaços públicos por esses sujeitos em Ponta Grossa não é apenas um ato de circulação, mas uma confrontação estética e política que desafia o olhar vigilante da masculinidade hegemônica, reivindicando o direito de significar o próprio corpo para além dos estereótipos de consumo ou marginalidade.

Dessa maneira, a geografia das masculinidades, como apontam Berg e Longhurst (2003), deve focar não apenas nos homens, mas no poder. Ao estudar homens gays afeminados em Ponta Grossa, esta dissertação investiga como esses sujeitos subvertem a masculinidade hegemônica local. A performance afeminada, ao ocupar o espaço público, funciona como uma interrupção na paisagem cisheteronormativa, revelando que a masculinidade é uma construção frágil que precisa de vigilância constante para se manter. Assim, a pluralidade das masculinidades na geografia não é apenas uma constatação teórica, mas uma realidade vivida de resistência, onde o corpo dissidente reivindica o direito de produzir e habitar novas espacialidades.

Uma outra perspectiva é que a masculinidade é frequentemente lida através de uma “estética da dominação” que para hooks (2019a) seria a maneira que supremacia branca impõe aos homens negros e marginalizados uma performance de virilidade agressiva como única forma de reconhecimento, o que torna a performance do gay afeminado ainda mais disruptiva, pois ela nega tanto a norma branca quanto o imperativo de força imposto aos corpos periféricos. Nessa mesma direção, hooks (2019b) discute a importância de se criar “espaços de resistência” que não sejam apenas locais geográficos, mas estados de consciência e comunidades de cuidado. Essa perspectiva dialoga diretamente com o conceito de “lugar paradoxal” Rose (1993) e com os “espaços de alívio” Rodó-Zárate (2021). Desse modo, o gay afeminado em Ponta Grossa, ao ocupar o centro ou bairros conservadores, utiliza o seu corpo como uma ferramenta de “interrogação crítica” (conceito de hooks), forçando a cidade a olhar para aquilo que a norma tenta invisibilizar.

Uma outra autora que nos ajuda a compreender as complexidades da masculinidade é Louro (1997), pois embora o foco da autora seja a educação, as reflexões dela sobre como a sociedade fabrica o masculino e o feminino são perfeitamente transponíveis para a análise do

espaço urbano de Ponta Grossa. Nesse sentido, Louro (1997) argumenta que o gênero não é algo com que nascemos, mas algo que nos é imposto através de práticas sociais repetitivas e binárias (homem *versus* mulher). Desse modo, a existência de masculinidades que incorporam o feminino abala o caráter heteronormativo da sociedade (Louro, 1997). Ou seja, o estudo sobre os gays afeminados foca exatamente num grupo que rompe com essa dicotomia, assim, a afeminação não é uma falha na masculinidade, mas uma forma dissidente de vivê-la, que desafia as fronteiras de gênero estabelecidas em cidades conservadoras. A autora, também inspira-se nas concepções foucaultianas ao argumentar que as instituições (escola, família, igreja) atuam como instâncias de vigilância que punem quem foge da norma, ou seja, a sexualidade é um dispositivo de poder e que as identidades são instáveis.

Dessa forma, isso nos ajuda a explicar por que o gay afeminado causa tanto desconforto, pois ele demonstra que a masculinidade é uma máscara ou uma performance. Ou seja, se um homem pode ser afeminado, isso prova que a masculinidade hegemônica (o padrão viril de Ponta Grossa) também é uma construção e não algo natural. Ou seja, enquanto Goffman (1991) fala do estigma na interação, Louro (1997) explica a ideologia por trás disso. Mostrando que o olhar de reprovação que o gay afeminado recebe na rua é o que Louro (1997) chama de pedagogia social, ou seja, uma tentativa da cidade de ensinar a esse sujeito que o corpo dele está errado.

Desse modo, esses gays afeminados apresentam uma localização à margem da margem, uma vez que sofrem preconceito tanto de homens heterossexuais e gays heteronormativos por se distanciar do padrão cisheteronormatividade (Santiago; Castello; Rodrigues, 2017). Nessa mesma direção, Brasiense e Araújo (2020) ao investigarem a construção de representações do gênero masculino em plataformas de conteúdo adulto, os autores argumentam que essas representações, ao mesmo tempo em que afirmam certas performances masculinas, frequentemente reproduzem estereótipos historicamente construídos sobre o papel do masculino. Essa reprodução ocorre a partir de uma matriz cultural heteronormativa, que diferencia sujeitos com base em suas performances de gênero. A análise sugere que, mesmo em espaços de suposta liberdade sexual, as normas de gênero e as expectativas de masculinidade podem ser reforçadas, perpetuando padrões que limitam a diversidade de expressão masculina e impactam a percepção de corpos e identidades que fogem ao hegemônico.

Nesse sentido, é válido pontuarmos que segundo Cornejo (2011a) o menino afeminado nem sempre é ou foi associado a homossexualidade, pois nem todos os meninos afeminados

são gays. O autor também expressa que existe uma patologização do corpo e das performances de gênero afeminadas em meninos e a partir disso é feita uma associação entre homossexualidade e transgeneridade. Essa patologização atinge não somente a criança, mas também sua família, uma vez que existe uma procura incessante em descobrir o motivo desse processo de afeminação que é visto como não natural e portanto passível de opressão (Cornejo, 2011a). Nas palavras do autor:

Eu não fui o único patologizado por esses professores, psicólogos e psiquiatras; meus pais também foram, especialmente minha mãe. Figuras como "pai ausente" ou "mãe superprotetora" logo surgiram como explicações para minha efeminação (porque precisava ser explicada) ¹¹(Cornejo, 2011a, p.88, tradução própria).

Não distante, Cornejo (2011b) expressa que o afeminamento pode propiciar um grau de vulnerabilidade maior aos meninos afeminados na infância e que para mudar essa situação é preciso criar uma rede de amor e solidariedade alinhados com a teoria *queer* a fim de combater essas violências.

Assim, ao cruzar a hierarquia das masculinidades de Connell (2005) com a microfísica do poder de Foucault, esta dissertação compreende a experiência gay afeminada em Ponta Grossa não como passiva, mas como um campo de tensões. O corpo afeminado, ao habitar a cidade, não apenas sofre o poder, mas o tensiona, produzindo novas ordens de discurso espaciais que reivindicam a pluralidade do existir masculino contra as interdições históricas da norma.

Portanto, as discussões teóricas empreendidas ao longo deste capítulo permitiram compreender que o gênero e a sexualidade não são atributos estáticos, mas performances contínuas que se materializam no espaço geográfico. Através do diálogo entre a teoria da performatividade e a produção do espaço, ficou evidente que a cidade de Ponta Grossa, é regida por normas cisheteronormativas que buscam disciplinar corpos e comportamentos, definindo quem pertence e quem é silenciado em determinadas espacialidades.

A fundamentação estabelecida revelou que o corpo do homem gay afeminado funciona como um corpo de insurgência. Pois, ao romper com a estética da virilidade e da “discrição” exigida tanto pela sociedade hegemônica quanto por certos nichos da própria comunidade homossexual, esse sujeito tensiona as fronteiras do que é considerado público ou privado, legítimo ou abjeto. Portanto, a teoria nos forneceu as lentes necessárias para enxergar

¹¹ Yo no fui el único patologizado por estos profesores, psicólogas y psiquiatras; lo fueron también mis padres, especialmente mi madre. Figuras como las de ‘padre ausente’ o ‘madre sobreprotectora’ no tardaron en aparecer como explicaciones de mi afeminamiento (porque tenía que ser explicado) (Cornejo, 2011a, p.88).

o espaço não como um palco neutro, mas como um campo de forças atravessado por relações de poder.

Contudo, para além das abstrações conceituais, é preciso dar voz e contorno empírico a essas dinâmicas. Por isso, o Capítulo 3 dedica-se à análise das trajetórias de vida e das memórias dos colaboradores desta pesquisa. Nele, mergulharemos nas experiências subjetivas de identificação e na forma como os gays afeminados constroem suas performances corporais no cotidiano. Buscaremos entender como as performances afeminadas deixam de ser apenas um conceito para se tornar uma prática de existência e resistência sentida no corpo e na memória de quem habita Ponta Grossa.

CAPÍTULO 3- HOMENS GAYS AFEMINADOS, CORPOS E PERFORMANCE CORPORAL NA VIVÊNCIA DO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA

Este capítulo traz os resultados da pesquisa, partindo de uma premissa essencial: a afeminação transcende uma mera estética corporal, funcionando como um sistema de leitura social que se manifesta no ambiente urbano e gera efeitos práticos. Em Ponta Grossa, os participantes da pesquisa retratam a cidade como um conjunto de circunstâncias em que gestos, entonação, posturas, vestimentas e modos de locomoção são lidos como sinais. Esses sinais, por sua vez, acionam mecanismos de reconhecimento, vigilância e ajuste comportamental. Dessa forma, o corpo afeminado não é visto como um aspecto subjetivo do indivíduo, mas sim como uma dimensão fundamental da vivência geográfica, na qual se impõem normas, sanções e também formas de resistência.

O capítulo apresenta a ideia de que a autoidentificação como um homem gay afeminado não é um estado permanente nem uma escolha meramente pessoal. Essa identidade se desenvolve através de várias camadas, envolvendo memórias corporais, recordações da infância e adolescência, e vivências em ambientes escolares, familiares, religiosos e sociais, que vão moldando emoções e estratégias de enfrentamento. Nesse contexto, as memórias corporais atuam como um arquivo dinâmico: elas influenciam a percepção do perigo, a avaliação de riscos e as decisões sobre esconder, ajustar ou intensificar a performance em diferentes situações. Assim, resulta uma cartografia pessoal que precede a geografia urbana e que muitas vezes define o que é evitado, confrontado ou negociado.

Na seção 3.1, analiso a maneira como essas recordações corporais influenciam a formação da identidade afeminada, demonstrando que a autoidentificação ocorre em uma constante negociação com normas sociais e o medo, mas também com a chance de afirmação e pertencimento. Na seção 3.2, abordo a atuação corporal como uma mensagem interpretada pela cidade, destacando as distinções entre as espacialidades cisheteronormativas e homonormativas, assim como a forma como ambas podem gerar limitações, exigências de “discrição” e mecanismos de respeitabilidade, mesmo ao se apresentarem como espaços de liberdade.

Finalmente, é necessário estabelecer claramente o papel dos dados empíricos utilizados. Este capítulo visa expor, analisar e conectar as narrativas de maneira minuciosa, permitindo que a teoria se aplique às situações e dinâmicas retratadas nas entrevistas. A

análise de frequências, hierarquias e intersecções estatísticas entre categorias, espaços, componentes do discurso e indivíduos envolvidos, embora crucial para evidenciar padrões no conjunto de dados, será aprofundada no próximo capítulo. Nesse momento, será possível comparar de forma mais estruturada as tensões e os sistemas de acolhimento e exclusão.

3.1- As memórias corporais e o processo de identificação como gay afeminado

O conjunto de informações desta pesquisa é composto por oito entrevistas aprofundadas realizadas com homens gays afeminados que residem em Ponta Grossa-PR, os quais foram identificados com nomes de pedras preciosas (Diamantes). A criação desse material seguiu os quatro princípios estabelecidos por Bardin (1995): a exaustividade, garantida pela transcrição integral dos relatos; a representatividade, assegurada pela diversidade de perfis (com idades variando de 19 a 53 anos, abrangendo etnias parda e preta, além de diferentes vivências profissionais); a homogeneidade, mantida por meio de um roteiro temático unificado; e a relevância, considerando que os relatos se focam nas experiências contextuais e nas práticas espaciais desses indivíduos. Por meio da lente da Geografia Feminista, o conjunto de dados não é apenas uma coletânea de textos, mas sim a materialização de experiências que revelam a formação de um espaço geográfico heteronormativo e as formas de resistência que dele emergem.

A autoidentificação como um homem gay afeminado não é um estado imutável, mas sim um processo de constante negociação com contextos, ambientes e relacionamentos que atribuem significados de valor, risco e vergonha a certos comportamentos, formas de se expressar e modos de estar presente. Nesse contexto, as memórias corporais vão além de meras recordações do passado, atuando como aprendizado prático do espaço ao nosso redor, resultando em uma cartografia pessoal do que é aceitável e do que é proibido. Quando um entrevistado menciona ter passado por um “período heteronormativo”, durante o qual buscava ser reconhecido como gay sem adotar comportamentos afeminados, sua narrativa revela que a identidade é construída por meio de uma série de ajustes, tentativas e retrocessos, influenciada pela expectativa do olhar dos outros e pelo desejo de aceitação na sociedade.

Nesse contexto, a memória pode ser entendida como uma ferramenta de orientação no espaço, pois ela revela onde o corpo se sente seguro, onde se sente vulnerável e quais ações se tornam viáveis em cada situação. É nesse ponto que a ideia de apagamento se torna evidente:

não como uma falta abstrata de história, mas como uma repetição de silêncios, ajustes e demandas de conformidade que permeiam a escola, a família e o ambiente urbano, levando a que certas formas de viver sejam percebidas como arriscadas ou excessivas.

Nesse sentido, a autoidentificação frequentemente começa com a percepção de uma diferença que não foi aprendida, mas que se manifesta desde a infância como uma forma natural de ser o que fica claro a partir do relato de Diamante Marrom:

Eu acho que desde muito cedo, desde criança, sei lá, meus 4, 5 anos de idade, eu já percebia que tinha alguma coisa diferente, que não era igual aos outros menininhos. E aí, com o passar do tempo, as outras pessoas foram me apontando o que eu era. Antes mesmo até de eu entender realmente o que eu era. Mas eu acredito que foi bem cedo, lá pelos 8, 9 anos de idade, eu já entendia que eu era gay. E assim, os outros me mostravam que eu era afeminado. E aí, depois, com esse tempo que foi passando, cada vez mais, eu fui me aceitando e fui falando, então tá, eu sou isso, sou gay, sou afeminado e pronto, acabou (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025).

Dessa forma, a identidade afeminada, conforme apresenta o material analisado, se forma na intersecção entre a busca por aceitação e a expectativa de críticas. Em Ponta Grossa, essa intersecção se manifesta como um cálculo diário sobre o que é aceitável expor e o que deve ser reprimido, especialmente quando a vida na cidade é vista como uma exposição constante. Essa dinâmica não é somente de natureza psicológica, mas também espacial, uma vez que estrutura a presença, o movimento e as maneiras de se mostrar em público.

Dessa forma, Diamante Amarelo define a aceitação como uma questão pública e de diferentes gerações, associando a privação a uma constante vigilância e à necessidade de “se mostrar apropriado” na presença de outros.

Eu acho que as gays de Ponta Grossa não se aceitam completamente, por isso elas se privam de muitas coisas. Porque muitas delas são heteronormativas, tipo, tem que ser hétero, como o nosso amigo que tem uma reputação a zelar. Você cria na cabeça que precisa ser assim porque as pessoas estão te vendo, porque você tem um trabalho... (Diamante Amarelo, Entrevista, junho de 2025).

O trecho apresenta revelações importantes por duas razões. Em primeiro lugar, ele desloca a heteronormatividade para além do contexto heterossexual, apresentando-a como uma norma internalizada que impõe um conjunto de requisitos de respeitabilidade, que se estendem até a convivência entre pessoas gays. Em segundo lugar, o conceito de “reputação” atua como um mecanismo de normalização, criando um estado constante de vigilância, como se o ambiente urbano demandasse uma performance contínua de conformidade. Nesse contexto, a memória corporal adquire uma profundidade significativa, pois ela não se trata de uma recordação neutra, mas sim de uma aprendizagem constante sobre como evitar exposição

e consequências negativas.

Não distante, o entrevistado finaliza sua argumentação ao explicar o preço dessa prática e a maneira como ela gera um arrependimento ao olhar para trás, ou seja, um sofrimento que se manifesta como consequência de uma vida limitada: “No final ninguém liga, todo mundo vai morrer. E você vai acabar muito arrependido de não ter sido quem você é, de não ter vivido o que queria viver, de não ter aproveitado a vida. Você vai ficar preso nisso...” (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Logo, essa fala pode ser interpretada como um resumo de uma linhagem de vigilância que se origina na infância e se manifesta em diversas configurações, como escola, família, trabalho e espaço urbano, servindo como uma expectativa de correção do corpo afeminado. Cornejo (2011a) caracteriza essa hostilidade como uma batalha aberta contra o menino que apresenta comportamentos afeminados, com o objetivo de erradicar gestos que desafiem os padrões estabelecidos. Já Lima (2023) destaca o desgaste ocasionado pela gestão incessante da passabilidade e da imagem, que tende a minar o bem-estar e a aumentar as microagressões no dia a dia. Sendo assim, esse conjunto de ideias permite entender que a “reputação a zelar” não é apenas um traço moral, mas um mecanismo que faz com que o sujeito atue de acordo com a norma para evitar punições sociais, um aspecto que se conecta à ideia de sanção e regulação da performatividade apresentada por Butler (2018).

Ainda nesse processo de autoidentificação, Diamante Rosa evidencia que a não aceitação também pode ser considerada uma violência:

Eu acho que sempre foi difícil, assim, né? Sempre foi difícil. A minha mãe costumava falar, e eu achava muito engraçado, que uma vez perguntaram para ela como que era essa questão, né? Do nosso relacionamento, né? Do fato de eu ser gay e tudo, e ela disse que eu não era gay. Ela disse que isso era apenas uma fase. E isso eu já tinha 40 anos de idade. Uma fase longa. Uma fase difícil, né? Uma fase complicada, né? Então, assim, a não aceitação também é uma forma de violência, né? Então, assim, e também ser a única pessoa assumida, ser o único assumido da família, né? Então, assim, é bem complicado, assim, né? Mas eu penso que eu não conseguiria ser diferente. Sim. Eu já nasci, meio Gabriela, né? Eu nasci assim, eu cresci assim, né? (Diamante Rosa, Entrevista, Julho de 2025).

Assim, a autoidentificação não se forma apenas na rua, e sim também no espaço doméstico, que aparece como lugar paradoxal, de refúgio e coerção. Entretanto, os entrevistados ressignificam essa violência como um ato de resistência. Nesse sentido, Diamante Rosa rompe com a ideia de uma descoberta passiva e utiliza a metáfora do espetáculo para descrever sua vivência:

E a gente começou a falar da questão de ser, entre aspas, porque eu acho esse

termo muito estranho, assim. Porque eu não me acho afeminado. Eu me acho natural, porque eu sempre fui assim desde criança. Então, eu não aprendi a ser assim. Inclusive, eu vejo que a minha mãe, a minha irmã, nem elas eram tão exageradas como eu. Então, eu acredito que a gente já nasce diferente. A gente já nasce, na realidade, a gente não nasce, a gente estreia, né, meu bem? A gente veio pra brilhar. Então, e eu acho que existe um poder também nisso, né? Um poder de você incomodar os outros, de você chamar a atenção. Eu tenho uma amiga, ela já é falecida, ela era travesti. Ela falava assim, só a gente tem o poder de parar um carro com o olhar. Então, ela falava assim que ela se achava uma heroína de desenho e quadrinho, porque com o olhar ela parava um carro, sabe? Então, assim, e a gente tem isso, né? Eu lembro, assim, que desde muito novo eu sempre chamei atenção. E você imagine isso lá na década, porque eu nasci em 72. Imagine isso na década de 80 e década de 90, assim. Então, sempre chamei a atenção. Ensino primário, ensino médio, né, que agora mudou tudo de nome (Diamante Rosa, Entrevista, Julho de 2025).

Essa *estreia* pode ser entendida no que Butler (2018) define como um ato performativo subversivo. Ao contrário do que a cidade média conservadora espera de ocultamento, a performance de *parar um carro* é uma forma de retomar o poder sobre a própria vulnerabilidade constitutiva. Portanto, quando analisamos as entrevistas, percebe-se que a cidade de Ponta Grossa funciona como este suporte estável para memórias de resistência e dor, por exemplo, Diamante Rosa ao recordar a década de 80 e 90, ancora a sua identidade em trajetórias partilhadas com amigos que já partiram.

Logo, a memória de Diamante Rosa não é apenas dele, mas ela é parte da memória coletiva da comunidade LGBTQIAPN+ de Ponta Grossa, fixada no ato de ocupar a rua. A estabilidade do espaço público (a rua, o olhar do carro) permite que essa memória de poder sobreviva à morte física da sua amiga. Dessa forma, a persistência da identidade gay afeminada em Ponta Grossa não reside apenas em arquivos escritos, mas no que Paul Connerton (1989) define como memória social incorporada. Sendo assim, Connerton (1989) diferencia a "memória de arquivo" (documentos e textos) da "memória de incorporação", que é preservada através de gestos, posturas e hábitos corporais. Para o autor, o corpo é o suporte onde a memória do grupo é reativada através da performance. Ou seja, essa perspectiva oferece uma nova leitura para a “estreia” de Diamante Rosa. Quando ele descreve o ato de *parar um carro com o olhar* ou o seu *jeito de ser exagerado*, ele está a realizar uma prática de incorporação que mantém viva a memória de uma comunidade que a história oficial de Ponta Grossa tentou apagar.

Desse modo, a performance de Diamante Rosa é um ato de comemoração corporal, ou seja, ele não apenas se lembra de ser gay, ele performa a memória da resistência afeminada da sua geração através do seu caminhar e do seu olhar no centro da cidade. Sendo assim, ao dizer *que não aprendeu*, Diamante Rosa desafia a pedagogia da normalização que Louro (2000)

descreve demonstrando que as identidades não se fixam apenas no discurso, mas inscrevem-se na memória corporal e espacial.

Nesse sentido, para os homens gays afeminados de Ponta Grossa, no processo de autoidentificação é indissociável das vivências espaciais. Essa estreia representa a tomada de consciência do corpo como um instrumento de visibilidade e choque no espaço público. A memória de Diamante Rosa, que atravessa décadas na cidade, revela uma trajetória de resistência onde a performance corporal é usada para *parar carros com o olhar*, transformando o estigma em agência. Nesse contexto, o *parar o carro com o olhar* simboliza a interrupção do fluxo heteronormativo da cidade. Assim, Diamante Rosa utiliza o que Binnie (1997) chama de visibilidade política para forçar uma fenda no cotidiano, ou seja, o corpo não é apenas atravessado pelo espaço, ele o domina através da performance da *estrela*.

Mas também podemos notar que a autoidentificação também se consolida através do contraste com o “outro”, pois o homem gay afeminado identifica-se ao perceber que não se enquadra na homonormatividade que estabelece o padrão de “gay masculino/discreto” que é mais aceito socialmente. Isso fica evidente nos relatos de Diamante Verde e Diamante Azul:

Eu acho que eu me entendi como afeminado muito antes de eu saber que eu era gay. Tipo, muito antes, assim. Porque... Eu sofri muito bullying, assim. Mesmo sem saber que eu estava sofrendo bullying. Desde muito pequenininho.

-Na escola?

Até antes. Até, tipo, por familiares mesmo, assim. Tipo, primos e... E a galera, tipo... Já me zoavam. Tipo, ai, menininha... É... Bichinha, coisinhas assim. Desde muito pequenininho. E ai eu ouvia. Eu sabia que, tipo, não era num tom legal. Mas eu não entendi o que era. Então, tipo, eu entendi que... Que era algo a ver com o mundo das meninas. Muito antes de eu entender, tipo, sobre atração e afins. Eu já sabia que eu era diferente dos meus irmãos, por exemplo. Tenho dois irmãos homens que, tipo, claramente são diferentes de mim. Então, eu acho que eu entendi que eu era afeminado antes de me entender gay, assim. E... E, tipo, pra eu me assumir como... Como gay... Tipo, foi muito tempo depois. Tipo, foi... Até porque a minha família é uma família que era muito cristã, assim. Então, tipo, foi um longo processo até, né?

-Aí, cristã católica, cristã evangélica?

Católica. É... Eu mesmo, eu já fui seminarista. Uhum. E hoje sou uma *Drag Queen* babaderia né?. É... As fases da vida. As fases da vida, entendeu? É... Então, tipo, pra mim foi um processo bem complicado. Eu, tipo, negava muito isso. Eu acho que eu fui a pessoa que mais... Não, a que mais não. Mas, tipo, eu me prendia muito, assim. Tipo, pra tentar não ser afeminado. Pra tentar não ser gay. Tipo, não admitia jamais, assim. E aí, depois que eu saí do seminário mesmo, eu ainda tinha muitas coisas presas na minha cabeça. Mesmo já sabendo que eu era uma bicha. Mas ainda era, tipo, muito retraído, muito fechado, assim. Foi aí aos poucos (Diamante Verde, Entrevista, Novembro de 2025, Grifo próprio).

Porque eu acho que me identificar como gay ou como gay e afeminado aconteceu no mesmo momento, mas não necessariamente por uma auto-identificação ou um entendimento próprio, mas por um ato de

nomeação e caracterização dos outros, especificamente pelos adultos. Já que eu era uma criança não identificada com nenhuma categoria como gay, bicha ou mesmo criança viada, mas os meus famosos trejeitos não deixavam com que eu escapasse dessas observações dos adultos já capazes de presumir, às vezes atuar como informantes, mas sempre num ato de constrangimento, né? Sim. Então, por exemplo, eles te nomeavam e não era uma nomeação, era sempre uma nomeação violenta, assim, incisiva. Isso. E ao mesmo tempo esquisito, né? Porque eu tenho uma sensação assim como se eu sempre tivesse alguma diferença inominada, mas sempre aparentemente existente pelo modo como as pessoas me olhavam ou se expressavam com a minha presença.

-Você sentia um certo incômodo?

Sentia. E isso construiu, assim, uma sensação de que eu tinha alguma coisa diferente que não tinha o nome. E era sobre ser uma criança afeminada em que as pessoas que talvez me olhavam assim já sabiam caracterizar especificamente, né? E teve um momento assim, em particular desse momento, que eu me entendi como gay, que é de origem dos outros sobre mim, que foi quando eu era criança e eu tinha oito anos de idade e eu estava chegando na porta da escola da minha infância. Só que antes de chegar nessa escola, eu fui... Eu queria muito participar de um projeto de dança e dos ensaios das cheerleaders da minha escola naquela época. Mas eu era um menino, né? Então, meninos não podem participar desse momento. E como meninos não podiam participar, mas eu queria muito, eu me esforcei para fazer aquilo que podia ser mais próximo ou mais possível para estar ali com elas, que era o que eu queria. E o que eu queria naquele momento não era ser uma menina, era dançar, porque era o que eu gostava, né? Mas só elas podiam dançar por uma cultura adulta e generificada da nossa sociedade. E aí o que eu fiz naquele dia foi pedir para a professora para fazer dez pompons, que eram aqueles chic-choc, pompons, né? Que elas dançavam e tal. Porque eu sabia que se eu fizesse, a primeira professora estava exausta e se alguém fizesse ela ia amar e eu já era aquela criança que ajudava a professora no contraturno, então não era tão difícil para mim conseguir isso. E aí eu sabia que se ela deixasse, eu teria a possibilidade de ir até a escola levar e quem sabe ter a sorte de assistir um ensaio. E felizmente ela deixou eu fazer os pompons. E eu sabia que quando eu chegasse na escola eu não ia poder mais estar com aqueles pompons, nem dançar, nem me expressar e nem sentir aquele prazer que era... movimentar meu corpo com aquilo, né? Mas em casa... Em casa era possível, em casa era possível. E aí talvez só por isso também eu tive a possibilidade de fazê-los em casa, por exemplo, né? E aí quando eu saí da minha casa, a minha casa era, sei lá, umas oito quadros, assim, da escola. E aí eu fui desfilando, assim... produzindo muitos prazeres na rua, assim, que aquilo era um palco e era o meu palco com tempo e quadros contadas. Até chegar à escola e entender o que chegar na escola ia fazer eu sentir e não poder mais fazer, né? Então... E assim eu fui, fazendo com que minhas vizinhas fossem minhas plateias, né? E curtindo. E aí quando eu cheguei na esquina da escola foi quando eu descobri pela primeira vez ou quando eu pude entender materialmente pela primeira vez talvez o que era e qual era o nome daquela sensação de diferença que eu já senti. Por quê? Porque aí quando eu cheguei na esquina da escola um cara parou o carro, assim, na esquina antes de eu atravessar pra entrar na escola e aí ele baixou o vidro do carro e aí ele falou assim, hum, Baitola. E foi a primeira vez que alguém deu um nome àquilo que supostamente eu era, né? E... Da Inácia Baitolagem, por exemplo. Então acho que isso foi, assim, um momento específico como ato de nomeação que deu um pouco mais sentido àquilo que eu senti e não sabia me expressar. Mas não era ao mesmo tempo, não foi ao mesmo tempo o momento que eu entendi então é isso ou só isso. Porque na verdade eu só era uma criança dançarina, eu só era uma criança expressiva e que na interpretação dos outros essas minhas expressões eram

femininas de mulheres ou de baitolas (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Como podemos notar autoidentificação também está marcada por um olhar de reprovação do outro que dialoga diretamente com Valentine (2001) que aponta o olhar vigilante como um agente que transforma a geografia urbana em um mapa de tensões, onde a mobilidade é ditada pela capacidade do corpo de negociar sua visibilidade e gerir o desconforto sensorial em ambientes hostis. Nesse contexto, Halbwachs afirma, “jamais saímos do espaço” (1997, p. 104, tradução própria)¹² a memória precisa da estabilidade dos lugares para se fixar. Assim, a memória dos homens gays afeminados em Ponta Grossa no processo de autoidentificação não é um arquivo solitário, mas uma construção social que depende de marcos espaciais como apontado nos relatos acima. Segundo, Halbwachs (1997) a memória individual só se mantém porque se apoia na memória coletiva do grupo ao qual o sujeito pertence. Logo, para que uma lembrança dure, ela precisa de um suporte material, ou seja de um espaço. Como aponta o autor:

Portanto, não é verdade que para lembrar seja preciso transportar-se mentalmente para fora do espaço, pois, pelo contrário, é a imagem do espaço que, devido à sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar com o tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que se pode definir a memória; e somente o espaço é suficientemente estável para perdurar sem envelhecer ou perder qualquer uma de suas partes (Halbwachs, 1997, p. 104-105, tradução própria)¹³.

Assim, Halbwachs (1997) argumenta que, para nos lembrarmos dos sentimentos do passado, precisamos de nos recolocar num lugar onde residimos ou passámos. Para os entrevistados, certos pontos de Ponta Grossa tornam-se “enquadramentos da memória” que evocam a vulnerabilidade constitutiva (Cornejo, 2011a).

Não distante, Connerton (1989) argumenta que o esquecimento social é muitas vezes uma estratégia de poder. Pois, em cidades conservadoras, o silenciamento sobre a afeminação é uma tentativa de esquecer a existência desses sujeitos. Logo, a resistência, portanto, passa pela repetição de atos que forçam a lembrança. Nesse sentido, Diamante Azul, cria o que Connerton (1989) chamaria de uma performance ritualizada de subversão. Ao levar o salto e a saia para dentro da universidade, Diamante Azul utiliza o seu corpo para impedir o

¹² Jamais nous ne sortons de l'espace (Halbwachs, 1997 p. 104)

¹³ Il n'est donc pas exact que pour se souvenir il faille se transporter en pensée hors de l'espace, puisque au contraire c'est l'image seule de l'espace qui, en raison de sa stabilité, nous donne l'illusion de ne point changer à travers le temps et de retrouver le passé dans le présent ; mais c'est bien ainsi qu'on peut définir la mémoire ; et l'espace seul est assez stable pour pouvoir durer sans vieillir ni perdre aucune de ses parties (Halbwachs, 1997, p. 104-105).

esquecimento institucional.

[...]ao mesmo tempo, eu ouvia coisas como aquela bicha que usa aquelas roupinhas, aqueles cropped, aquelas coisas, aquelas saias, e isso era tanto sobre mim quanto sobre as minhas amigas da Pedagogia ou de cursos que frequentavam aquele mesmo prédio. Mas eu acho que o pior, que é o que ainda acontece até hoje no doutorado, é um descrédito de que bichas, de que homens afeminados são tão potencialmente cientistas quanto qualquer outra pessoa cis, branca, hétera ou heteronormativa. E aí eu entendo isso e enfrento isso hoje em dia, de que as coisas que eu invento cientificamente, aprendo, leio e fundamento com muita gente que veio antes de mim, sou muito grato, são rechaçadas do ponto de vista de que isso não é profissional, de que isso não é científico, de que isso não é possível, ou de que, mesmo estudando temáticas atreladas ao meu corpo, ao meu afeto e do nosso coletivo, de que isso está supostamente muito atravessado, muito enviesado com emoções, com sentimentos, com ativismo, deixando o caráter de uma suposta rigorosidade apática que uma ciência colonial exige. E aí eu escuto essas coisas hoje em dia, ou, por exemplo, de que eu posso pesquisar, mas, então, eu tenho que justificar e fundamentar as coisas que eu estou estudando com pesquisas que são realmente científicas[...] (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Essa postura dialoga com a tese de Louro (2000) sobre a necessidade de desnaturalizar as normas de gênero dentro das instituições para permitir que corpos dissidentes possam habitar esses espaços sem serem corrigidos. Nesse sentido, Louro (2000) juntamente com a entrevista de Diamante Azul permitem inferir que a performance afeminada em Ponta Grossa é uma desobediência pedagógica. Por outro lado, Diamante Azul destaca o peso emocional dessa persistência no pós-pandemia, evidenciando o cansaço do corpo dissidente:

Então, teve um momento da minha vida, mais adulto, depois de uns 17 anos, até a pandemia, porque a pandemia me adoeceu muito nesse aspecto da feminilidade, e tantos outros, assim. Por todas as tragédias que aconteceram, eu senti que a pandemia foi um momento tão horrível, que depois dela, eu só quis um espaço de conforto. E eu sinto que minha bicha feminada tem sido refeita, re-significada, recuperada nos últimos anos, mas que, pós pandemia, eu só quis um momento de conforto pela tragédia que foi a vida naquele período. Então, ser bicha era o dobro, triplo de cansativo. Na pandemia e depois da pandemia, eu senti. E também por outros atravessamentos psicológicos, mas antes daquele período, até os 17 anos, com a autonomia que minha mãe me deu, por exemplo, eu pude usar todas essas roupas que eu sonhava desde criança. Então, teve um momento da minha vida que eu não sabia mais o que era usar uma calça, um shorts, que é o clássico de um menino, de um homem. E eu só tinha cropped e saias, e saias com fendas, e fui muito feliz desfilando, assim, pelos espaços da cidade (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

De forma análoga, Diamante Azul traz à luz a dimensão do sofrimento psíquico ao refletir sobre o *custo de ser esse bicho afeminado* no período pós-pandemia. Nesse sentido, Belarmino, Dimenstein e Leite (2022) argumentam que existe uma heterogeneidade nos

modos de sofrimento mental entre homens gays durante a pandemia, uma vez que marcadores sociais como raça, renda, escolaridade, local de moradia e ser gay afeminado foram determinantes para o adoecimento mental.

Nesse sentido, quando Diamante Laranja fala em proteger os jovens na educação, eles estão a tentar criar novos suportes espaciais para que as futuras memórias da comunidade não sejam apenas de violência e vulnerabilidade, mas de proteção. Diamante Laranja, se posiciona como um *certo transformista que vai proteger* os seus alunos, logo está a transmitir uma memória social de cuidado que se opõe à “pedagogia do insulto” (Louro, 2000). Através de gestos de acolhimento, ele garante que a memória da exclusão escolar seja substituída por uma memória de proteção incorporada na figura do professor-militante. Assim, o depoimento de Diamante Laranja, que atua na área da educação, é emblemático ao mostrar o professor como um agente que interrompe a violência institucional:

E para que, de fato, as outras instituições consigam olhar para a escola. Olhar principalmente para o caso dos nossos alunos transgêneros. Infelizmente, a gente viu que muitos desistem ainda. Não garantir essa segurança, por exemplo, em relação ao uso das plataformas. É algo muito desgastante. Quando tem chamadas tiradas pelos sistemas que vão para além da RCA, que usam da documentação, a gente tem que avisar o diretor um pouquinho antes da direção. A direção da escola a qual eu trabalho é maravilhosa em relação a isso. Ela já vê antes e daí ela tira o nome do registro e coloca o nome social. Para rever isso, para garantir a permanência dessas pessoas na escola, quando aconteceu isso com essa aluna, eu chorei com ela. Porque de fato ela ficou tão agoniada com aquilo que ela chegou a querer falar que mudaria de escola. E ela já havia mudado de escola duas vezes anteriores a isso. E ela, por exemplo, tem medo de usar o banheiro feminino. Por mais que a gente não venha nenhuma menina da escola falando algo em relação à figura dela, ela ainda tem medo. E aí ela, por exemplo, ela normalmente pega ônibus de manhã, assim, e eu tenho uma preocupação com ela em relação a isso, eu falo assim, eu tenho um lado pai muito ativo pra esses alunos LGBTQs, assim. Eu tive outras alunas trans, também tive uma aluna num colégio de age, assim, E via a pedagoga, que também era uma senhora de mais idade, a respeitando, a chamando pelo nome, a utilizando o pronome correto. Então eu acredito que a educação tenha caminhado para essa questão do respeito. a gente vê que os profissionais estão atuando de forma profissional a gente tem uma pequena parcela infelizmente que parece que gosta de ser inconveniente é a gente que seja isso principalmente que eu me coloco já como alguém um pouco mais maduro em relação aos jovens a gente olhar obviamente que a gente tem a pauta de olhar a terceira idade mas a gente olhar também a adolescência Sim. Porque muitas vezes ela não é vista. E aqui a gente tem políticas que infelizmente estão de certa forma com que isso regrida. Por exemplo, a questão da terapia hormonal. (Diamante Laranja, Entrevista, Novembro de 2025).

Dessa forma, a trajetória de homens gays afeminados em Ponta Grossa revela a

atuação de pedagogias invisíveis que tentam moldar o comportamento e a estética dos sujeitos. Conforme Louro (2000), o corpo é um texto onde se inscrevem as normas da cultura. Desde cedo, as instituições exercem uma pedagogia que ensina o que é ser homem, punindo desvios através do riso, do olhar ou da exclusão, com isso, o ambiente educacional é um dos principais palcos das pedagogias da sexualidade (Louro, 2000). Pois, Louro (2000) argumenta que a escola produz corpos dóceis e reforça binários de gênero. Contudo, em Ponta Grossa, as entrevistas mostram que esse espaço também pode ser de proteção e contra-pedagogia.

Não distante, Louro (2000) argumenta que a escola opera através de binarismos rígidos, onde o “ser homem” é constantemente testado. Para o menino afeminado, qualquer gesto que escape à virilidade é lido como uma falha que precisa de correção. Essa correção, muitas vezes, manifesta-se através da violência simbólica e verbal, que Louro (2000) denomina como uma pedagogia que ensina quem pertence e quem deve ser excluído. Nesse contexto, Diamante Laranja recorda como a escola foi um espaço de repressão, mas também como o seu amadurecimento permite hoje ler esse passado como uma trajetória de sobrevivência.

Assim, da família eu não consigo dizer de fato o que foi pensado sobre. Minha relação com a minha família é muito boa. Da escola, assim, meu ensino médio todo foi bem traumático, assim, no primeiro ano eu sofri muito bullying, prejudicou muito as minhas notas. E aí, conforme foi passando o segundo e terceiro ano, eu consegui me impor um pouco mais, consegui rebater as coisas que falavam pra mim. E aí, no terceiro ano, eu consegui, de fato, ter uma voz, consegui ser ouvido, mas no primeiro momento foi bem traumático, tanto que tem, eu até evito hoje em dia, contato com pessoas as quais estudaram comigo (Diamante Laranja, Entrevista, Novembro de 2025).

Nesse sentido, a fala de Diamante Laranja revela que a violência escolar é tão marcante que gera no sujeito adulto o desejo de tornar-se o escudo que ele próprio não teve. Ele identifica que a escola em Ponta Grossa ainda carece de espaços seguros, onde o bloqueio da puberdade ou a transição de gênero (no caso de alunas trans) são combatidos por políticas públicas que ele classifica como retrocessos. Relacionando assim com Cornejo (2011a) que expressa que a violência contra o menino afeminado é uma forma de "guerra" que visa eliminar a dissidência antes que ela se torne política. No ambiente escolar, essa guerra é travada no pátio, nos corredores e no silêncio dos professores.

Além disso, Lima (2023) identifica que o apoio entre pares é uma das principais estratégias para enfrentar a hostilidade do espaço público, dessa forma, o relato de Diamante Laranja exemplifica essa rede de proteção. Essa prática de proteção é o que Lima (2023)

chama de tecnologias de cuidado. Assim, Diamante Laranja assume um papel de mediador no espaço urbano, criando uma zona de segurança para os mais jovens. Para Lima (2023), esse tipo de suporte informal é vital, pois as instituições formais muitas vezes reproduzem a exclusão descrita por Valentine (2001) e a abjeção de Butler (1993). Não distante, Diamante Verde traz um recorte crucial ao comparar a violência sofrida por diferentes corpos da comunidade LGBTQIAPN+:

É muito falado na comunidade LGBT que é, tipo, assim, obviamente, as mulheres e as trans, né, tipo, sofrem muito mais do que a gente em alguns recortes. Mas a gente também não pode esquecer que todas as letras ali têm as suas problemáticas. Então, eu acho que, às vezes, a galera cai muito, tipo, num discurso, assim, de que, tipo, cala a boca, vocês. Óbvio, a gente tem muito mais privilégio, mas a gente tem um recorte diferente, por exemplo, de uma gay totalmente masculinizada padronizada, entendeu? (Diamante Verde, Entrevista, Novembro de 2025)

Essa fala confirma que a *gay padronizada* adere melhor à homonormatividade (Duggan, 2002), sofrendo menos fricção espacial do que o gay afeminado. O recorte diferente de Diamante Verde é a prova de que a violência em Ponta Grossa não é apenas homofóbica, mas especificamente punitiva contra a dissidência de gênero no corpo masculino. Assim, este recorte diferente prova que, na escola, a afeminofobia é o principal motor do bullying. Enquanto o gay discreto pode passar despercebido pelo radar das pedagogias de normalização, o menino afeminado é o alvo preferencial porque sua performance corporal denuncia sua identidade de forma ininterrupta. Sendo assim, Diamante Verde identifica as camadas de exclusão dentro da própria comunidade, ele reconhece que, embora o corpo afeminado sofra o "recorte" da violência (afeminofobia), a cisgeneridade ainda lhe confere degraus de segurança que a população trans não possui. Essa percepção dialoga com Lima (2023) sobre as experiências urbanas, onde o território determina a intensidade da opressão.

Além disso, a interseccionalidade defendida por Rodó-Zárate é crucial, pois Diamante Verde lembra que o recorte social altera o peso da violência. Uma *gay padronizada* pode ter uma passabilidade que a proteja da exclusão direta, enquanto o gay afeminado periférico carrega no corpo os estigmas que o mercado de trabalho de Ponta Grossa tenta purgar. Assim, a gestão da diversidade em cidades de médio porte ainda é uma falácia discursiva, pois na prática, o que impera é a gestão do silenciamento, onde o corpo que não reitera a masculinidade hegemônica (Connell, 2005). Ou seja, para os sujeitos gays, a permanência nestes espaços exige frequentemente o que os autores chamam de gerenciamento da identidade, visando minimizar traços que se desviem da norma viril.

Uma outra fala de Diamante Laranja que pode nos ajudar a compreender as dinâmicas da interseccionalidade e como a cor associada a performance afeminada o deixa exposto:

Acredito que sim. Eu coloco diferentes recortes sociais e trago isso também para algumas pessoas para ver em relação a isso. Em relação a tratamentos principalmente uma pessoa que seja afeminada e branca talvez ela vá sofrer menos que uma pessoa que seja feminina e negra vai sofrer as mesmas agressões mas dependendo de onde for vai ser em diferente proporção e isso também acho que pega muito a questão da religião por exemplo eu não sou alguém religioso mas vejo Por exemplo, as religiões de matriz afro acolhem muitas pessoas LGBTs. E é a religião que, por consequência, é a que mais sofre. Atualmente a gente teve casos aqui em Ponta Grossa que foram, de certa forma, atingidos por discurso de ódio e que não foi trazido na grande mídia. Foram trazidos para pequenos recortes, para pessoas que trabalham em ONGs aqui da cidade para, de certa forma, tentar recorrer de alguma maneira, para quem não conhece, mas essa questão do ódio para as religiões, por exemplo, que também é muito pertencente à cultura negra ali, à região de cultura afro (Diamante Laranja, Entrevista, Novembro de 2025).

Como aponta Valentine (2007), a identidade é interseccional. Ou seja, reconhecimento do traço afeminado é o que retira do homem gay o seu privilégio de gênero. Corroborando dessa forma com a pesquisa de Belarmino, Dimenstein e Leite (2022) ao discutirem as vulnerabilidades e sofrimentos relativos a preconceito, homofobia e discriminação que marcam o cotidiano de gays afeminados. Os autores indicam que existe uma relação entre os marcadores sociais como raça, renda, escolaridade, bem como moradia, desigualdades no acesso e circulação na cidade. Não distante, Belarmino, Dimenstein e Leite (2024) evidenciam que a experiência urbana gay afeminada é envolta a um processo de intensificação de vulnerabilidades psicossociais. Os autores expressam que o espaço urbano é um ambiente heteronormativo violento às performances afeminadas, logo, afeminação funciona como vetor de vulnerabilização psicossocial que imprime particularidades às vivências subjetivas e à experiência urbana de homens gays afeminados que é marcada pelo medo e sofrimento.

Uma outra perspectiva interessante é levantada por Medel-Bao (2019) que define como a emergência de uma subjetividade cultural gay que parte da marginalidade. Para o autor, o "menino proto-homossexual afeminado" figura que dialoga com Cornejo (2011b) desenvolve uma sensibilidade específica muitas vezes ligada ao "exagero" e à performance como forma de lidar com a exclusão. Como aponta Medel-Bao (2019), o corpo afeminado funciona como uma "alteridade marginal" que, ao "estrear" no espaço público de Ponta Grossa, rompe com a norma. Assim, Medel-Bao (2019) argumenta que a subjetividade gay se constrói também através da apropriação de códigos culturais para criar uma narrativa própria. A integração de Medel-Bao permite concluir que os entrevistados em Ponta Grossa utilizam o corpo como um texto de resistência. Enquanto a cidade tenta educar esses corpos (Louro, 2000) e mantê-los no armário (Sedgwick, 2007), a subjetividade gay afeminada responde com a memória performativa (Connerton, 1989) e com a criação de novos significados para a sua

existência.

Não distante, quando Diamante Marrom sonha com um centro de acolhimento, podemos estabelecer um diálogo com Weeks (1998) que exprime o surgimento do cidadão sexual como marca do momento em que indivíduos tradicionalmente excluídos da comunidade moral passam a exigir direitos de visibilidade, respeito e proteção legal. A cidadania sexual não é apenas sobre o que se faz na intimidade, mas sobre o direito de aparecer e ser reconhecido no espaço público. Conforme Weeks (1998) sugere, a cidadania sexual envolve a criação de comunidades de pertença que ofereçam suporte contra a exclusão. O *sonho* de Diamante Marrom é, na verdade, a reivindicação de um espaço físico que legalize e proteja a existência dissidente em Ponta Grossa. Dessa forma, Weeks (1998) argumenta que a identidade não é apenas um rótulo, mas uma ferramenta de agência política. Logo, em Ponta Grossa, a construção desse “nós” é essencial para o enfrentamento das violências.

Eu acho que seria muito importante o trabalho das ONGs. A ONG Renascer e a ONG Flor de Lis. Para poder, onde tivesse apoio psicológico para toda a comunidade LGBT, atendimento psicológico, encaminhamento para possíveis denúncias de homofobia, de ataques, que a gente sabe que ainda acontece. Que nesse centro tivesse, assim, uma série de atendimentos. Por exemplo, para acolher jovens gays que são expulsos de casa. Para acolher mulheres trans, travestis, apoiar na retificação do nome social, para encaminhar para vagas de emprego, ou para algum tipo de curso. Então, eu acho que seria um sonho se existisse um local, um centro, onde tivesse esse atendimento para essa população. Atendimento médico para a população LGBT em relação ao risco de ISTs, DSTs, principalmente as mulheres trans. Que são as trans, as travestis, que trabalham com a questão sexual, que elas sobrevivem disso, então elas precisam de um atendimento diferenciado. Eu acho que seria o mais importante. Atendimento, acolhimento, mulheres trans, travestis. E LGBTs, no modo geral, em situação vulnerável. Tanto questão psicológica, enfim (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025).

Portanto, o processo de autoidentificação é atravessado pelo sofrimento de conhecer a norma e não conseguir (ou não querer) cumpri-la, pois dessa forma a identidade se constitui no tensionamento entre o corpo dócil de Foucault (1988) e o desejo de libertação. Logo, a autoidentificação completa-se quando o sujeito percebe que o custo psíquico de esconder a afeminação é maior que o risco social de assumi-la. Sendo assim, identificar-se como afeminado torna-se um ato de insurreição dos saberes sujeitados (Foucault, 1988). Logo, o sujeito não apenas é afeminado, ele usa a afeminação para desafiar as categorias científicas e urbanas hegemônicas. Assim, o processo de autoidentificação como gay afeminado constitui-se, portanto, em três camadas: a) Subjetiva: A partir do reconhecimento de gestos e desejos que transbordam a masculinidade hegemônica desde a infância; b) Social: A percepção da violência que a cidade impõe a esses corpos, gerando uma consciência de classe

e grupo; c) Política: A transformação do estigma em poder para reivindicar seu direito à cidade e ao saber sem abrir mão de sua performance afeminada.

Nesse contexto, as memórias corporais discutidas neste trecho não estão restritas apenas à infância ou adolescência. Elas reformulam a percepção do ambiente urbano atual, estabelecendo estratégias de deslocamento, definições de horários, métodos de invisibilidade e, em certas situações, decisões de resistência. Assim, o próximo segmento direciona a análise para a performance do corpo como uma narrativa interpretada pela cidade, evidenciando como diversas espacialidades, sejam elas cisheteronormativas ou relacionadas à sociabilidade gay, utilizam mecanismos de supervisão e respeito que influenciam diretamente a maneira de viver em Ponta Grossa.

3.2- Performe coanccorporal, espaços cisheteronormativos e homonormativos

Esta subseção visa mostrar que a expressão corporal atua como um elemento geográfico crucial na experiência urbana de homens gays afeminados em Ponta Grossa. Em vez de simplificar a expressão a uma questão de estilo ou escolha pessoal, a análise revela um sistema de interpretação corporal: atitudes, entonação, postura, vestuário e demonstrações de afeto são vistos socialmente como sinais, que geram reações que variam entre aceitação, vigilância, desconforto e sanções. Assim, a expressão deve ser entendida como uma prática espacial, capaz de criar formas de mover-se, de permanecer em determinados espaços e de evitar outros, além de modificar o significado dos lugares.

Para evidenciar essa leitura, a análise leva em conta episódios concretos de vigilância e correção, como olhares persistentes, comentários, apelidos, risadas, advertências, ameaças, intervenções por parte de instituições e exigências de conformidade. Isso é especialmente relevante quando os entrevistados relatam mudanças na maneira de se comportar, como a modificação do corpo, diminuição de gestos, autocensura, alterações de trajeto, escolha de horários e busca por companhia como métodos de proteção pessoal. Essas evidências possibilitam distinguir entre as espacialidades cisheteronormativas e aquelas de sociabilidade gay. Nas primeiras, o controle tende a ser mais sutil e público, frequentemente ligado à exposição em ambientes urbanos e à autoridade de instituições como escolas, locais de trabalho, transporte público e ruas. Já nas últimas, apesar de haver uma maior chance de aceitação e pertencimento, surgem normas internas que podem regular a afeminação em prol da respeitabilidade, resultando em uma forma específica de homonormatividade. Assim, essa parte da pesquisa investiga de que maneira a cidade interpreta o corpo e como este se adapta,

mostrando que a experiência urbana é um constante jogo entre visibilidade, risco e estratégias de reterritorialização.

Dessa maneira, a produção do espaço urbano em Ponta Grossa revela-se como um campo de forças onde a cisheteronormatividade não atua apenas de forma punitiva direta, mas através de uma vigilância subjetiva que molda as performances corporais. Dessa forma, para Diamante Amarelo, o espaço não é neutro e exige uma heteronormatividade como condição de permanência e aceitabilidade. Essa questão heteronormativa também fica evidente quando Diamante Amarelo expressa que acredita que seria mais aceito pela família do namorado se foi mais hetero:

[...]a mãe dele (namorado) não está preparada para me conhecer, eu acho que talvez ela já deve ter uma imagem de mim mas eu talvez tenha que ser mais heteronormativo porque na minha cabeça ela me aceitaria mais fácil se eu fosse mais hetero (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Diamante Amarelo também traz na sua entrevista uma perspectiva interessante ao dizer que foi um processo até se reconhecer com um homem gay afeminado, e nesse processo ele expressa que existiu um período normativo:

Quando e como eu me identifiquei como gay afeminado? foi depois de eu ter me identificado como gay, eu sempre soube que fazia parte da comunidade, porque eu sempre tive contato com pessoas da comunidade, meus primos são gays e são afeminados, então eu sabia que eu era alguma coisa não necessariamente gay porque durante esse processo eu me auto proclamei várias coisas até entender que de fato era gay. aí depois disso eu passei um período heteronormativo que a gente entende que é gay, mas fica ahh sou gay, mas não preciso ser afeminado, mas quando comecei a namorar pela primeira vez com o trisal onde eu tive contato com pessoas mais velhas e que eram assumidas a muito tempo que eu entendi que eu fui realmente inserido dentro de uma bolha gay e muitos deles não tem mais esse tabu da heteronormatividade. e então acho que faz uns, deixa eu ver? março de 2022 eu acho, então foi um período de 2022 á 2023 que eu comecei a namorar e tive esse contato para poder ser quem eu sou e agir da forma que eu ajo sem ter julgamentos e sem pensar no que os outros pensam e eu tive uma experiência também de viver sozinho e viver por conta própria e eu tive esse contato Então eu acho que eu posso ser um pouco mais afeminado e tá tudo bem aí disso fui tentando coisas novas tipo desde fazer uma unha postar uma coisinha ali usar um cropped de vez em quando e eu fui me permitindo daí eu acabei percebendo que eu gostava disso. Na verdade eu sempre achei que eu gostava disso, só que eu tinha uma certa concepção de que eu não ficaria bem em mim.

— Por que você achava isso?

— Eu me achava masculina demais, sabe? daí por ter barba eu acho, eu sou uma pessoa com muitos pelos pelo corpo daí eu achava por ter barba aí tipo eu sou uma pessoa como muitos pelos aí eu achava que não tinha jeito para ser afeminado, tanto que eu achava nada a ver usar cropped até hoje em dia quando eu vou usar eu me depilo (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Desse modo, fica evidente que existe uma leitura de que a heteronormatividade/homonormatividade implica significadamente na vida de gays

afeminados e os coloca em espaços de tensão com o próprio corpo. E demonstra que a afeminação de Diamante Amarelo não é “natural”, mas uma conquista performática (Butler, 2003), que ele só conseguiu quando se distanciou do controle familiar ao morar sozinho. Assim, a realidade dos homens gays afeminados em Ponta Grossa através do conceito de homonormatividade de Duggan (2002) pode ser lido como uma política que não contesta as instituições heteronormativas (como o casamento, o trabalho formal e o consumo), mas as sustenta, prometendo a inclusão apenas aos gays que se comportam e não perturbam a ordem pública. Dessa maneira, em Ponta Grossa, essa higienização urbana reflete-se na exclusão de corpos que não possuem o capital estético da homonormatividade. Isso também fica evidente quando Diamante Azul relata como o tratamento a seu respeito muda quando ele performa de uma maneira mais homonormativa:

Totalmente, totalmente. Isso acontecia em diferentes espaços, tanto na minha família, tanto nos meus espaços de trabalho, que era a universidade. Então, nos momentos em que eu estava mais heteronormativo com outras roupas, muitas vezes eu estava consciente também do porquê eu estava usando aquelas roupas ou não. E usar determinadas roupas faz com que a gente consiga, ou não, determinadas coisas. E quando a gente é ativista, e tem um trabalho mais direto com instituições coloniais e violentas, que reproduzem também esses padrões de heteronormatividade e sexualidade, como o Estado, estar mais heteronormativo nesses espaços faz com que você seja respeitado, ou, no mínimo, escutado, atendido, às vezes. E, quando eu ia muito pintosa, eu sentia que eram mais sustos e negações do que conquistas. Então, e na universidade, a mesma coisa, eram sustos das pessoas sempre assim, meu Deus, como que fala? Qual que é o termo? Qual que é o pronome? Sempre numa grande impressão, às vezes, fazendo um espetáculo em cima de mim, dessas estéticas supostamente exóticas na cabeça deles, em que eu também entendia como conquistar determinadas coisas dentro desse espaço, ou não. Mas nos espaços de decisão que eu participei, com as políticas que a gente queria conquistar através da prefeitura, ou mesmo da universidade, quando fui do conselho universitário, eu tinha essa plena noção de como ir para ser escutado e, às vezes, atendido. E as minhas saias não eram necessariamente bem-vindas em determinados espaços, principalmente nesses. Mas, às vezes, elas eram potentes para a conquista, por exemplo, entrevistas do mestrado. Eu sabia que eu ia estar com um monte de gente heterotópica, que talvez podia ser assustada, se eu fosse de saia. Mas, naquele dia, eu decidi ser bem pintosa aí, porque eu achei que eu poderia assustar e perguntas bestas e desnecessárias não seriam feitas. E foi exatamente o que aconteceu. Quando eu cheguei, eu vi a cara de assustado de todos e eu não tive perguntas bestas sobre mim, nem uma desqualificação. Porque, naquele momento, eu achei que eu poderia assustá-los. E, como eu queria passar no mestrado, qualquer alternativa que a gente possa para conquistar esses sonhos da gente, a gente vai fazer. Mas eu sabia que era um espaço, por mais cheio de resistências que seja, ainda era possível, naquele dia e naquele momento, eu estar daquele jeito. Porque eu tinha certo respeito dos meus professores e sabia que eles iam pensar duas vezes entre me encher o saco. Mas, sim, a gente performa mais ou menos feminilidade naquilo que se pode, mais ou menos, esconder, como uma roupa. Mas, evidentemente, como a minha tia evangélica nunca me deixou esquecer, é muito difícil você esconder, como é possível a roupa, uma mão desmunhecada. E, quando eu era criança, eu desmunhequei,

tomando café na casa da minha avó, quando eu era criança, e a minha tia deu um tapa na minha mão, dizendo que assim não, porque assim era feio. Sem me dar nenhuma justificativa do porquê daquilo. E que eu só fui entender quando eu fiz uma dissertação sobre crianças bichas (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Ao levar elementos da feminilidade para o corpo masculino dentro da universidade, Diamante Azul realiza o que Butler (2003) chama de uma reiteração subversiva. Ele usa o próprio campo corporal para forçar a inclusão de corpos que antes eram considerados abjetos, exigindo que eles passem a importar no cenário intelectual de Ponta Grossa. Logo, o local de trabalho é um espaço de cidadania ao qual Diamante Azul tem o direito formal de acesso, mas sua materialidade corporal (o jeito de falar e vestir) é lida como não pertencente. Segundo, Butler (1993), o corpo afeminado aqui é produzido como um corpo que não importa para a lógica produtiva heteronormativa, sofrendo o descarte como forma de punição por não aceitar as normas de gênero.

Ou seja, Diamante Azul utiliza o que Jon Binnie (1997) denomina “Epistemologia *Queer*”. Pois, ele não pede permissão para entrar na academia, ele a invade com a materialidade do seu corpo dissidente. Ao forçar os outros a “engolir” sua presença, ele transforma o salto e a saia em ferramentas de uma economia diversificada (Brown, 2013) que valoriza a diferença e reivindica uma cidadania sexual (Weeks, 1998) plena.

Um outro entrevistado aponta um caminho que converge com essas questões ao expressar que certas pessoas tentam se esconder a vida inteira, e acabam criando um personagem mais masculino para ser, mais palatável:

E a gente tem um componente a mais da questão da violência e da questão do preconceito, porque a gente também sofre preconceito dentro de casa, né? A gente sofre preconceito em todos os lugares. Normalmente, uma pessoa negra, eu sempre uso muito como exemplo a questão do racismo, porque quando uma pessoa sofre uma violência com relação ao racismo, ela chega em casa e tem o apoio da família. A gente não. A gente tem que se calar. A gente tem que se esconder. Então, é até mais cruel do que o racismo, porque a gente não tem apoio nem da família, né? Hoje em dia existe apoio das instituições, mas na minha época não existia. Então, assim, foi um processo longo, mas, assim, eu sou o que eu sou e não conseguiria mudar. Eu já nasci assim, né? Eu vejo muitas pessoas que tentam se esconder a vida inteira, acabam criando um personagem mais masculino para ser, é um termo meio estranho que eu costumo usar, para ser mais palatável, para ser mais fácil de ser engolido, né? (Diamante Rosa, Entrevista, Julho de 2025).

Não distante, os relatos de Diamante Vermelho apontam para uma morte simbólica no mercado de trabalho, pois ao descrever o “olhar de descarte” em entrevistas de emprego devido ao seu “jeito de se expressar”, Diamante Vermelho evidencia como a afeminofobia institucional segrega corpos dissidentes em Ponta Grossa, empurrando-os para as margens da

economia formal.

Como se eu já tivesse descartado aquelas opções por isso. Então, eu acho que essa é uma questão que deveria mudar, sabe? Porque sua orientação sexual, o jeito que você se expressa, não tem nada a ver com a sua competência. Então, eu acho que é um ponto que ninguém fala muito. Eu não vejo as pessoas falando sobre isso, quando falam sobre homofobia, por exemplo, quando se fala sobre visibilidade LGBT, as pessoas não falam muito sobre o trabalho. E eu acho que é uma coisa importante, porque é algo que te dá o seu sustento, e eu vejo que tem essa dificuldade com pessoas LGBT no geral, conseguirem emprego, principalmente se for um trabalho com o público, sendo LGBT é difícil. Você já é visto com um olhar diferente (Diamante Vermelho, entrevista, Dezembro de 2025).

Nesse sentido, a exclusão espacial não se limita à barreira física, mas à interdição do corpo afeminado em postos de visibilidade e decisão. Desse modo, os tensionamentos no mercado de trabalho de Ponta Grossa ganham uma dimensão estrutural quando articulada ao pensamento de Moura e Nascimento (2020) que ao discutirem a dominação masculina nas organizações, argumentam que o ambiente corporativo não é apenas um local de produção, mas um espaço de reprodução de uma masculinidade idealizada.

Pois, quando Diamante Vermelho afirma que *já se sente descartado* pelo seu jeito de se expressar, ele está descrevendo o momento em que o “armário” é rompido pela performance corporal. Logo, para o empregador em Ponta Grossa, a afeminação é um excesso de informação que rompe a ordem cisheteronormativa. Assim, Duggan (2002) descreve como a privatização da política gay, pois a aceitação é condicionada ao silenciamento da diferença. O corpo afeminado, por ser visualmente “excessivo”, falha na promessa homonormativa, o que explica o tratamento diferenciado relatado por Diamante Vermelho nas entrevistas de emprego. Um outro relato que pode nos ajudar é o de Diamante Cinza ao comentar a sua relação com o trabalho:

Não diretamente, porque eu sou, tipo assim, se eu não abrir minha boca. Eu sou mais passável, entendeu? Mas, assim, no geral, com relação à profissão eu tenho mais medo de me expressar. Pensando, tipo Putz, vou ter que ir pro trabalho, entendeu? Tipo, vou ir pro trabalho desse jeito. Não sei o quê... Aí, é complicado. Então, sair de unha pintada e maquiada. Eu já evito pra ir pro serviço. Pra não arranjar problema, né? No caso. Você entendeu o que eu quis dizer? É... Então, assim... Como eu trabalho no armarinho... Então, atendo muita gente idosa. Então, tipo assim, quando eu apareço... De maquiagem... Ou de unha pintada... Tem que... É... Escutar comentário, né? O dia inteiro... Tipo, ai, nossa... Ficou muito feio você ir e sair... Mas por que você fez isso? Aí, não sei o quê... Então, tem muito isso. Por uma questão de ser com mais gente idosa, né? Mas, no geral... Não que seja no geral, né? A pessoa idosa vai ser preconceituosa... Mas, no geral, eles são tranquilos, né? A gente sempre tem um ou outro, assim. Pontual. Que eu vou ter que escutar umas duas vezes no dia. Por que eu fiz isso? Por que tá desse jeito? Por que ficou muito feio? E não sei o quê Uhum. (Diamante Cinza, Entrevista, Dezembro de 2025)

Dessa forma, o local de trabalho torna-se um espaço paradoxal (Bell, 1995), onde a segurança econômica depende da supressão da identidade. Não distante, a circulação de afetos é visível nos relatos de Diamante Vermelho e Diamante Cinza sobre as suas experiências com o ambiente de trabalho. Nesse sentido, o corpo afeminado, na perspectiva de Ahmed (2004), torna-se o objeto sobre o qual o “nojo” ou o “desconforto” da masculinidade hegemônica se projeta, estabelecendo que aquele corpo não adere àquele lugar. Corroborando com essa perspectiva Lima (2023) argumenta que a cidade não é apenas um local de violência, mas um território onde se constroem redes de afeto e práticas de autocuidado informais que permitem a manutenção da saúde mental diante da afeminofobia.

Esse fenômeno é observado de forma crua no relato de Diamante Vermelho ao descrever o “tratamento diferente” e o “olhar de descarte” em entrevistas de estágio e emprego devido ao seu “jeito de se expressar”, Diamante Vermelho evidencia que, em Ponta Grossa, a competência técnica é secundarizada em favor da performance de gênero. Como apontam Moura e Nascimento (2020), a organização do trabalho tende a punir a afeminação por associá-la a uma suposta fragilidade ou falta de profissionalismo, o que justifica a exclusão precoce de corpos dissidentes antes mesmo da sua contratação. Assim, Moura e Nascimento (2020) expressam como a dominação masculina obriga o homem gay a monitorar constantemente os seus atos performativos. Dessa forma, a geografia do armário no trabalho não é apenas uma escolha individual, mas uma resposta à violência moral latente (Brown, 2000).

Além disso, Diamante Vermelho também traz a tona como o discurso repressor e afenomofóbico condicionou mudanças na sua performance de gênero durante a sua trajetória de vida e processo de autoidentificação como gay afeminado que se conecta com as normas cisheteronormativas do espaço:

Então, acho que desde criança eu já entendia que eu era um pouquinho diferente dos amiguinhos da escola. Porque a gente vê que a gente é diferente se comparando com os outros, né? Então, eu percebia que tinha algumas coisas que os meninos, que eram meus amigos, gostavam. E era uma coisa que todos eles gostavam e tinham interesse naquilo e eu não tinha. O que, por exemplo? Tipo futebol. Futebol. Uma coisa que todo lugar eu tinha. E se eu me entendi como hétero, acho que a maioria... Não vamos generalizar, mas a maioria se sente muito aquela coisa. Um esporte e tal. E eu não era desse jeito. Acho que foi o primeiro toque que eu tive que eu era um pouco diferente. Me comparando com eles. Aí eu fui crescendo um pouquinho. Aí começa a ter interesse por outras pessoas. Aí eu vi que eu tinha interesse em meninos, não em meninas. Tinha atração. A atração que eu sentia era por meninos, não por meninas. Mas até então eu não sabia o que era ser gay. Eu não sabia sobre sexualidade, não. Só sentia que... Aí cresci mais um pouquinho, vai aumentando um degrauzinho. Aí que eu entendi. Existe gays e eu me enquadro nisso. Eu acho que eu tinha por volta

de uns... Uns e doze anos. Era bem novinho e já sabia o que era ser gay. Aí, depois que eu entendi gay, eu fui... Ver que... Como eu posso falar? Um pouco dessa coisa de eu não me encaixar no que os outros meninos se encaixavam. Era porque eu também tinha esse meu jeito afeminado de ser. E não me identificava com aquilo. Tipo, questão de futebol. Uma coisa super máscula, né? Tá deixando de ser um pouco. Tá quebrando esse estereótipo, mas ainda é. Eu não encaixava naquilo. Talvez nem porque eu não gostasse do esporte. Mas é porque eu não me sentia... Dentro daquele ambiente. Do jeito que as pessoas agirem, eu não agiria. O meu jeito de ser também... Acho que eu acabei... Na adolescência, meio que descobrindo isso. Mas quando eu era criança, eu era muito criança viada. Muito criança viada. Então, eu tinha o meu jeito de ser afeminado mesmo. O meu jeito de falar, o meu jeito de me comportar. Então, eu fui percebendo que eu era diferente. Me comparando com os outros. E também vinha de fora essa... Essa coisa de me falar que eu estava com o jeito... De menina, entre aspas. Do jeito que eu falava. Até gírias que eu usava, que eu fazia. E aí, juntou tudo isso e eu fui entendendo que... Eu era meio afeminado. Eu acho que eu era mais afeminado.

-E o que é que fez mudar?

-Justamente essa coisa de se comparar com os outros e sentir que não se encaixa. E tentar ser diferente para se encaixar. Algumas coisas não muito legais que falaram pra mim. Que acabaram me reprimindo um pouco. Pode citar alguns exemplos? Ah, já me chamaram de bichinha na escola. Já vieram me perguntar... Meio coisa obscena. Tipo, o que você já tinha feito. Porque eu tinha jeito de quem fazia aquilo. E sempre foi muito desconfortável pra mim. Quando eu era adolescente, mais ou menos, viram me perguntar se eu era gay, sabe? Até quando... Uma amiga minha foi a primeira pessoa que eu me senti confortável pra falar. Ela falou assim, pode fazer uma pergunta? E eu já sabia que ela ia perguntar, falei não. Então, era muito desconfortável pra mim. Acho que todo mundo que é gay... Todo mundo que é LGBT... Pelo menos a maioria passa por essa coisa de... Se aceitar. Principalmente quem passa por preconceito quando é LGBT. Então, eu acabei me deprimindo por isso. Deprimindo, deprimindo. Então, por isso que acho que antes eu era o mais afeminado da pessoa, sabe? E eu acho que, hoje em dia, ainda tem algumas travas que eu penso um pouquinho antes de agir, um pouquinho antes de falar algumas coisas. Que essas travas estão ali por essas coisas não legais que eu vivi aqui sempre passado. Mas... Eu me identifiquei com o gay e afeminado foi esse processo. Um processo meio conturbado. Meio difícil de entender. Aquilo. Porque, como eu disse, eu ficava me comparando. E eu nunca tive essa infância na minha adolescência. Outro gay afeminado perto de mim, sabe? Ou até mesmo eu sou outro gay. Eu nunca tive essa proximidade com outra pessoa que era igual a mim. Então... E aí, esse meu jeito de me descobrir foi um pouquinho mais conturbado do que poderia ter sido se eu tivesse, por exemplo, um amigo ou alguém igual a mim, sabe? Não era igual a mim (Diamante Vermelho, entrevista, Dezembro de 2025).

Não distante, Diamante Amarelo e Diamante Verde pontuam como a performance afeminada não é bem quista pela comunidade LGBTQIAPN+ de Ponta Grossa, o que retrata uma afeminofobia e desunião da mesma:

Eu acho que sim porque eu acho que quando você se envolve e se entende como gay ou como uma pessoa da comunidade você tenta ser mais comum possível para não chamar atenção e daí no caso, né? da comunidade gay ver um homem afeminado como algo ruim e aí o povo exclui todas as afeminadas e sempre tem uma pressão estética de aparência, então a própria comunidade exclui os gays afeminados por conta dessa questão social de ver você assim. eu acho que é uma resistência porque você demonstra que você é

gay é afeminado e tá tudo bem e que você não liga para essas pressões que as pessoas colocam e que a própria comunidade coloca, que a sociedade coloca que você vai ser quem você é, e você nasceu assim e vai morrer assim e tá tudo bem (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Que é o machismo ali, a homofobia e tudo mais, eu acho que tem muito a ser percorrido, assim, na cidade. Realmente, não sei, eu acho que, tipo, a cena, os ativistas da cena LGBT, os poucos que existem em Ponta Grossa, precisam estar mais unidos, precisam... Aqui tem muita panela, cara. Bicha, você não tá ligada, mano. Quem viveu desde 2015 até aqui, sabe. Tanto de panela e frigideira e coisa que tem aqui. Uma coisa que eu acho engraçada daqui é porque existe muita rivalidade, tá? E se você conversa com essa panela, você não entra nessa panela. Eu me afastei um pouco da... Não ia falar, mas agora já falamos disso, então foi. Eu... Me afastei um pouco da cena de balada e festas, assim, trabalhar com isso, porque estava começando a afetar o meu trabalho e eu não fazia parte de nenhuma panela. Então, eu fiquei assim, tipo, gente, não tem como a cena crescer se as pessoas que estão na frente estão brigando entre si. Ali, sabe, tipo, eu acho que... Óbvio que a comunidade briga entre si, há milênios. Tem vários, vários recortes sociais dentro disso. Mas eu acho que, porra, no básico, a gente tá brigando e daí fica feio, sabe? Então, eu acho que precisava, utopicamente, eu acho que era isso que tinha que acontecer. As gays, as trans, as lésbicas, a galera que tá na frente da parada, dos eventos, assim, holofotes. Estava me fugindo dos eventos da cabeça, mas, tipo, se juntar... Junta com a Secretaria de Cultura, se inscreve mais pra edital. Não sabe inscrever pra edital, fala com quem sabe, sabe? Eu acho que tá faltando esse movimento, tá faltando, tipo, a galera se unir, porque elas ficam, tipo, aí, mas eu não vou na festa daquela ali, porque foi aquela gay que montou. Porra, bicha, não é sobre isso, sabe? Então, eu acho que isso atrapalha muito a cena daqui, mas não dá pra gente também só jogar nas costas dessa galera. Eu acho que, tipo, o principal seria o que a gente falou das políticas públicas e de cada um tentar, pelo menos, mudar como pode, assim. Eu ainda não achei... Tipo, essa pergunta é uma pergunta muito... Acho que foi a mais difícil que você fez até agora, porque é uma coisa que eu tenho pensado há alguns anos. Justamente porque eu quero fazer alguma coisa, mas a cena tá fluindo. Porque já vi alguns amigos começarem a fazer alguns projetos e serem boicotados por conta de panela. E, tipo, às vezes o projeto era bom, sabe? Mas a própria pessoa que criou deu um tiro no pé por causa desse tipo de coisa. Isso é triste, porque atrapalha a vida da pessoa. O sonho da pessoa é brincar com os sonhos das pessoas, né? Sim. Porque as pessoas, tipo, gastam dinheiro, investem, sonham com aquilo e, tipo, às vezes não acontece por causa disso (Diamante Verde, Entrevista, Novembro de 2025).

Nesse sentido, Valentine (2007) e Judith Butler (2018) convergem ao afirmar que a performance do gênero não é um voo livre, mas ocorre sob coerção e medo. Dessa forma, Butler (2018) explica que existem “punições rigorosas” para quem improvisa o gênero de maneira não autorizada. Dessa forma, a violência relatada dos boicotes ou a inferiorização apontada por Diamante Amarelo é a ferramenta biopolítica que tenta forçar esses corpos de volta à norma ou à invisibilidade. Assim, a homonormatividade, como discutido por Duggan (2002) e Gavin Brown (2013), cria uma hierarquia dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+, onde o gay afeminado é visto como uma ameaça à respeitabilidade que o gay masculino homonormativo tenta conquistar. Ou seja, a heteronormatividade em Ponta Grossa

não opera apenas através da violência explícita, mas através de uma vigilância invisível que força o sujeito ao autopolicamento.

Um outro relato potente é o de Diamante Marrom que demonstra uma relação intrínseca com o espaço cisheteronormativo onde Valentine (2001) argumenta que a heterossexualidade não é apenas uma orientação, mas uma forma de ordenamento espacial. Quando o gay afeminado ocupa o centro da cidade, ela desestabiliza o que David Bell (1995) chama de estabilidade das normas de cidadania:

Olha, foi um pouco mais tranquilo, porque, como eu ingressei na profissão de cabeleireiro, né? E aí tem essa questão de... Claro que nem todo cabeleireiro é gay, né? A gente sabe disso. Mas, assim, o povo meio que leva um pouco pra esse lado. Então, é como, tipo assim, aí, tudo bem, né? Então, eu acho que não tive muito preconceito nessa parte. Eu senti um pouco quando eu resolvi montar um salão numa galeria bem tradicional aqui da cidade, que chama Omni Center. Eles falam shopping Omni, mas, na verdade, é uma galeria de lojas. E aconteceu um fato bem curioso, que quando eu montei o salão, em 2015, era eu, o meu assistente, que era gay, o menino que fazia design de sobrancelha, que era gay, o menino que era barbeiro, que era gay, e duas manicures. E aí, eu percebi, assim, que, porque o centro da cidade é bem tradicional, e tem muitas pessoas de idade, né? Que moram aqui pelo centro, né? Os prédios mais antigos e tal, família, sobrenome, aquela coisa. E aí, eu percebi, no começo, assim, que as pessoas, algumas pessoas passavam, paravam no corredor e ficavam olhando pra dentro do salão com uma cara meio estranha, assim, sabe? E eu ficava pensando, assim, ah, talvez seja alguma coisa relativa à antiga dona do espaço, né? Mas eu não entendia muito bem por que o povo parava no corredor e ficava olhando lá dentro, com um olhar esquisito, assim. E aí, depois de um tempo, eu fui descobrir que, na verdade, saiu um boato de que vários gays montaram um salão no Shopping Omni. E aí, essas pessoas, né? Essas senhoras, enfim, passavam lá no corredor e ficavam sondando com uma cara estranha, tipo assim, o que esses gays vão fazer aí, né? Como assim um salão com vários gays? Só que, na época, eu não sabia disso. Eu fui descobrir, sei lá, muito tempo depois. Então foi uma coisa meio estranha, né? Apesar de não ter o preconceito da clientela, por exemplo, em relação à minha sexualidade, mas teve esse preconceito lá no início de... Nossa, como assim? Vários gays estão montando um salão aqui, entendeu? Foi engraçado, assim, né? Estranho passar por isso. Complicado (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025).

Ou seja, o desconforto que as pessoas sentem ao ver um gay afeminado ocupar o centro da cidade e produzir novas dinâmicas é a prova, segundo Gregson e Rose (2000) de que a performance de cidade conservadora é instável e precisa de vigilância constante para não desmoronar. Não distante, Bell e Valentine (1995) nos ajudam a dizer que o gay afeminado ao ocupar o espaço do centro da cidade desnaturaliza o espaço, revelando que a heterossexualidade do centro da cidade é uma performance imposta e não um dado biológico. Dessa maneira, a performance afeminada é, em si, uma forma de epistemologia *queer* no cotidiano, pois ela desafia a lógica binária que organiza as ruas de Ponta Grossa.

Uma outra associação potente pode ser vista através da crise epistemológica proposta

por Sedgwick (2007). Pois, a resistência em Ponta Grossa consiste em transformar o espaço público, antes um local de vigilância do armário, em um local de epistemologia afeminada. Como sugere Sedgwick (2007), o armário concerne tanto aos gays quanto aos heterossexuais. Ao ocupar o centro da cidade com “saltos” como incita Diamante Azul, esses homens obrigam a sociedade de Ponta Grossa a lidar com o conhecimento que o armário tentava regular.

[...]Mas era aquela coisa, você saía de uma balada às 6 horas da manhã, quando ela tocava a última música, porque não existia transporte público para você voltar para a sua casa. Então, muitas vezes, eu voltava com o meu salto alto, de 15 centímetros, pelas avenidas, até chegar na minha casa, sozinha, ou com as minhas amigas, e com diferentes olhadas, buzinas, com muito medo de muitas coisas. E, evidentemente, o de morrer na calada de uma noite, sem ser visto, ou sem ter provas disso. E nenhuma de nós é morta, assim, por qualquer outra coisa que não seja com relação à homofobia [...] (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Nesta perspectiva, a performance afeminada deixa de ser um alvo passivo para se tornar uma ferramenta de desterritorialização da norma. Onde a cidade média conservadora espera o silêncio, o corpo dissidente responde com a visibilidade disruptiva, tensionando a paisagem urbana de Ponta Grossa e forçando o reconhecimento de uma existência que o planejamento urbano e as políticas públicas, conforme apontado por Diamante Vermelho e Diamante Marrom, ainda insistem em ignorar.

Olha, eu não percebo, eu não percebo. Olha, se me perguntarem uma política pública para LGBT em Ponta Grossa, eu não vou saber dizer se tem alguma. Se tem, não me alcançou, nem fiquei sabendo.

-Então, e você acha que a cidade, assim, permite você existir com liberdade?

-Eu acho que a cidade permite que as pessoas LGBT vivam em liberdade até certo ponto, sabe?

-Eu acho que tem uma linha tema ali, em que você pode ser LGBT desde que você se comporte de tal jeito, se vista de tal jeito, use o cabelo de tal jeito.

-E que jeito seria esse?

-Ah, um jeito heteronormativo, né? Porque eu, além da minha experiência, eu já percebi também outras pessoas que são mais afeminadas que eu, ou que tem um jeito diferente de se mostrar, ou receber, assim, fuzilado de ódios e comentários. Então, eu acho que Ponta Grossa, o jeito que Ponta Grossa age no geral é, você pode ser desse jeito desde que você não expresse tanto isso (Diamante Vermelho, Entrevista, Dezembro de 2025).

Assim, até onde eu conheço, não vejo políticas públicas voltadas diretamente, abertamente, à comunidade LGBT. Nós temos o apoio da prefeitura, inclusive com uma emenda, onde apoia a nossa parada LGBT em questão financeira. Nós temos o apoio da Secretaria de Cultura. Nós estamos com o Conselho LGBT retomando as atividades. Mas, por exemplo, nós tivemos duas ONGs aqui da cidade que faziam trabalho junto à comunidade LGBT, principalmente a comunidade das mulheres trans, travestis. Apoio para elas no trabalho, na rua, a questão de saúde da mulher trans. E essas

ONGs não puderam renovar, digamos assim, o trabalho delas junto à prefeitura, porque foi cortado o verba. E a prefeitura não deu nenhuma justificativa. E não vou conseguir te dizer exatamente o que aconteceu, mas eu sei que teve esse acesso aí negado. E hoje, nesse ano, tem pessoas que estão correndo atrás, estão reunindo documentação para fazer com que essas ONGs voltem a estar no mapa e a receber recursos para realizar esse trabalho. Então, eu digo assim, exatamente. Políticas públicas ainda não temos, mas eu acho que está se encaminhando para isso. Porque, por exemplo, a Parada LGBT, no ano passado, foi o primeiro ano onde a gente teve um apoio efetivo, financeiro, para dizer assim, olha, a prefeitura, por meio da Secretaria de Educação e por meio de alguns políticos, não sei se eu posso falar o nome, melhor não (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025).

Logo, o corpo afeminado é lido como um ruído na paisagem urbana limpa. Ou seja, Geografia do Medo (Valentine, 2001) manifesta-se não apenas como violência física, mas como exclusão econômica e simbólica. Desta forma, os tensionamentos em Ponta Grossa revelam uma cartografia de riscos e afetos onde o centro urbano e os locais de trabalho surgem como espaços de vigilância e performance negociada, enquanto a periferia e o espaço doméstico flutuam entre o refúgio da identidade e a exposição à violência física, desenhando uma cidade que ainda nega o pleno direito à liberdade corpórea. Assim, a resistência em Ponta Grossa, não é apenas física, mas afetiva, pois configura o ato de recusar as impressões negativas deixadas pela sociedade conservadora e construir novas superfícies de contato baseadas no orgulho e na cidadania sexual (Weeks, 1998).

Portanto, as performances corporais são lidas como afeminadas quando rompem com a discrição e a rigidez exigidas do corpo masculino que no reconhecimento social ocorre pela incorporação de signos do feminino ora estereotipados e ora não. Pois, segundo Butler (2018), o gênero é uma reiteração de atos, ou seja, quando um homem gay reitera atos lidos como femininos, ele desestabiliza a norma. Esse *"poder de parar um carro com o olhar"*, citado por Diamante Rosa, mostra que o corpo afeminado é reconhecido pela sua capacidade de interromper o fluxo visual e normativo da cidade.

Não distante, em espaços formais, como o mercado de trabalho, a performance afeminada é reconhecida como um sinal de incompetência ou inadequação. Aqui, o corpo é vigiado pelo que Foucault (1988) chama de regimes de verdade, onde o saber social que associa a seriedade à masculinidade heteronormativa e viril. Nesse sentido, o reconhecimento social da afeminação no espaço profissional opera através do estigma (Goffman, 1988). Além disso, a performance corporal (voz, trejeitos) comunica uma dissidência que a homonormatividade (Duggan, 2002) tenta ocultar, e evidencia que o espaço de trabalho reconhece o afeminado como um corpo ruidoso que não serve a falsa neutralidade das empresas. Assim, a heteronormatividade funciona como um panóptico (Foucault, 1988). Pois,

o reconhecimento social do traço afeminado é tão punitivo que força o sujeito a uma performance homonormativa em determinadas situações como elencado por Diamante Azul.

Dessa forma, se o sujeito não se monitora, os traços afeminados são imediatamente captados pelo olhar público como uma falha na “honra” ou na “reputação”, sendo assim o gay representante da homonormatividade pode circular de forma invisível, já o afeminado é reconhecido pela sua exposição, tornando-se o alvo principal do preconceito que se manifesta através da homofobia e afeminofobia. Portanto, a afeminação estabelece uma relação de poder entre esse corpo e os espaços que, sob a égide da heteronormatividade, tentam disciplinar qualquer performance que não reitere a masculinidade hegemônica.

Portanto, as discussões travadas ao longo deste capítulo permitiram compreender que a construção da identidade do homem gay afeminado em Ponta Grossa não é um processo puramente subjetivo, mas uma experiência profundamente espacializada e marcada por memórias corporais de resistência. Observou-se que a performance corporal desses sujeitos desafia a hegemonia das normas de gênero e expõe as engrenagens de controle tanto em ambientes cisheteronormativos quanto naqueles regidos pela homonormatividade.

Logo, a trajetória de autoidentificação revelou-se indissociável das vivências cotidianas, nas quais o corpo dissidente se afirma como um instrumento de visibilidade e choque no espaço público. Pois ao romper com a discrição e incorporar signos tidos como femininos, o gay afeminado desestabiliza a ordem urbana, transformando seu caminhar e seu olhar em atos de insurgência contra a pedagogia da normalização que tenta silenciá-lo.

Contudo, se este capítulo se dedicou a desvelar as subjetividades e a forma como esses corpos se situam e são reconhecidos na cidade, o passo seguinte exige uma análise das fricções resultantes desses encontros. Dessa forma, o Capítulo 4 avançará para os tensionamentos produzidos por essas performances nas espacialidades de Ponta Grossa. Ou seja, no próximo capítulo sairemos da esfera da construção identitária para investigar como o olhar, o insulto e a exclusão institucional materializam uma necropolítica cotidiana, mas também como os sujeitos criam geografias de acolhimento e alívio para (re)existir diante das adversidades do espaço.

CAPÍTULO 4- TENSIONAMENTOS ENTRE PERFORMANCES DE HOMENS GAYS AFEMINADOS E SUAS ESPACIALIDADES

Neste capítulo, analiso como homens gays que apresentam traços afeminados experienciam a cidade de Ponta Grossa por meio de duas dinâmicas interligadas: os espaços e as relações que favorecem acolhimento e transformação cotidiana, e aqueles que provocam tensões, exclusões e dor. A ideia central é que a cidade não funciona como um cenário neutro. Ela exerce um papel como uma estrutura que molda a visibilidade do corpo, ou seja, um conjunto de normas práticas que regulam o que pode ser mostrado, onde isso pode acontecer e em quais circunstâncias a expressão física é aceita, ajustada ou reprimida.

O capítulo é elaborado a partir de uma análise de conteúdo, utilizando unidades de registro obtidas das entrevistas, que são organizadas em quatro dimensões interligadas: categorias discursivas, espacialidades discursivas, elementos e sujeitos da interação. O quadro de agrupamento evidencia padrões que orientam a interpretação, onde a performatividade e a vigilância social se destacam como eixos centrais, ligados a espacialidades como corpo, espaço público, área urbana, transporte coletivo e vida noturna. Desta maneira, o que poderia ser visto apenas como uma experiência individual é tratado aqui como um processo social e espacial, afetado por mecanismos de controle de gênero, estigmatização, homonormatividade, além de redes de sociabilidade e apoio.

A seção 4.1 analisa as maneiras de acolhimento em diversos ambientes, ressaltando a sociabilidade da comunidade LGBTQIAPN+ como uma estratégia cotidiana de sobrevivência, interação e proteção, sem idealizações, pois até mesmo os espaços vistos como “acolhedores” podem impor regras e hierarquias. Por sua vez, a seção 4.2 investiga os conflitos, dando destaque aos mecanismos que tornam a violência uma realidade geográfica, ou seja, que criam rotas a serem evitadas, horários de risco, adaptações físicas e até exclusões no contexto laboral, impactando diretamente a mobilidade e a vida urbana.

4.1- As experiências de acolhimento espacial

Esta seção visa mostrar que o acolhimento não representa uma interrupção no conflito urbano, mas sim uma maneira particular de criar espaço por meio de parcerias, trajetórias, escolhas de horários, códigos de presença e, principalmente, reorganizações diárias da performance corporal. Em Ponta Grossa, o acolhimento surge menos como uma “sensação” e mais como uma rede relacional que viabiliza a existência, o deslocamento e a permanência, mesmo que de forma condicional. Assim, busca-se entender o acolhimento como uma prática

de reterritorialização, ou seja, como a formação de áreas de proteção relativa que não eliminam a cisheteronormatividade, mas diminuem seu impacto imediato sobre os corpos afeminados.

Sob uma perspectiva analítica, esta parte é elaborada a partir da análise de conteúdo das entrevistas, utilizando a codificação em categorias discursivas, espacialidades do discurso, elementos e agentes da interação. Observa-se a repetição de mecanismos como a performatividade e a sociabilidade LGBTQIAPN+, atuando em diferentes espacialidades, que vão desde o corpo e a vida noturna até o espaço urbano e o lar, sempre mediadas por pares, amigos e redes de convivência. Nesse âmbito, o acolhimento deve ser interpretado como uma prática espacial que transforma a percepção do corpo, mudando o foco de uma visão corretiva para uma de reconhecimento. No entanto, é importante notar que essa aceitação, em certos contextos, pode ser filtrada por padrões de respeitabilidade e normas internas da própria comunidade.

É fundamental, desde o início, evitar uma visão romantizada dos locais de acolhimento. Certos ambientes e interações que servem como abrigo podem, ao mesmo tempo, atuar como mecanismos de controle, ajustando a expressão afeminada para uma forma de “discrição” que é mais aceita socialmente. Dessa forma, a análise a seguir não estabelece um contraste entre aspectos positivos e negativos da cidade. Em vez disso, investiga uma mesma dinâmica urbana onde proteção e monitoramento, carinho e vigilância, liberdade e adaptação corporal podem coexistir, gerando experiências espaciais ambivalentes. Assim, esta seção descreve e interpreta as condições reais nas quais o corpo afeminado encontra suporte, e como esse suporte se transforma em estratégias de deslocamento, permanência e reestruturação da identidade no ambiente urbano.

Desse modo, os relatos dos entrevistados evidenciam a existência de masculinidades subordinadas (Connell, 2005), onde o ser afeminado atua como o principal marcador de exclusão. Diamante Vermelho, ao narrar o *olhar de descarte* em processos seletivos, demonstra que a afeminofobia não é apenas um preconceito interpessoal, mas um mecanismo geográfico que interdita o acesso a determinados espaços produtivos. Aqui, a performance corporal torna-se um critério de competência espacial para ocupar o centro urbano e o mercado de trabalho. A subordinação, portanto, espacializa-se no momento em que o corpo dissidente é forçado ao ocultamento ou à marginalidade econômica para sobreviver na cidade média.

Sob a lente de Connell (2005), ficou evidente que a masculinidade hegemônica em

Ponta Grossa estabelece fronteiras rígidas de aceitabilidade. O corpo afeminado, ao ser lido como uma masculinidade subordinada, enfrenta o que Judith Butler define como a coerção da norma citacional. O medo do *olhar de descarte* relatado por Diamante Vermelho no mercado de trabalho ou a *reputação a zelar* mencionada por Diamante Amarelo são manifestações geográficas dessa coerção, assim, a cidade exige a repetição de atos performativos heteronormativos para que esses corpos sejam considerados corpos que importam.

Entretanto, Rodó-Zárate (2021) revelou que essa opressão não é onipresente, mas fragmentada. E em Ponta Grossa para esses sujeitos é marcado por abismos de opressão no Shopping; Terminal Central; Espacialidades ligadas ao agronegócio; Ruas; Academia; Cidade Média (A Cidade Média caracteriza o agrupamento de menções dos entrevistados sobre a cidade de Ponta Grossa, ou seja, toda vez que os entrevistados falaram da cidade isso foi enquadrado na categoria espacial Cidade Média); Centro Urbano, mas também por espaços de alívio que se materializam na casa do entrevistado; Parada LGBTQIAPN+; Holofotes (Evento com apresentação de *Drag Queens*) e em redes de afeto/acolhimento proporcionadas pelas ONG's, bem como, espacialidades controversas caracterizadas pela escola; casa dos pais, Baladas e Universidade e trabalho. Dessa maneira, organizou-se um quadro com a classificação desses espaços com base nas entrevistas:

Quadro 3- Espacialidades de homens gays afeminados com base nas entrevistas realizadas

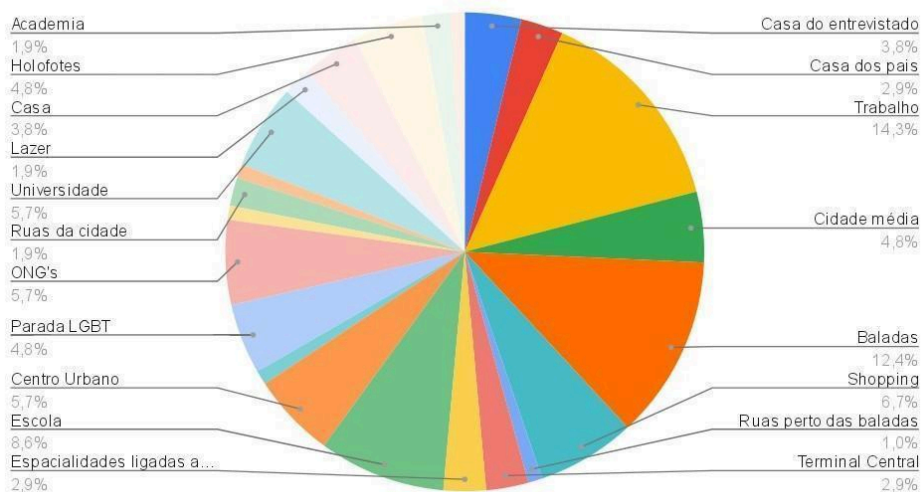
Espacialidade da opressão	Espacialidade de Alívio	Espacialidades Controversas
Shopping	Casa do entrevistado	Escola
Terminal Central	ONG's	Casa dos Pais
Espacialidades ligadas ao agronegócio (Rodeios e Feira do Produtor)	Parada LGBTQIAPN+	Baladas
Ruas	Holofotes (Evento com apresentação de <i>Drag Queens</i>)	Universidade
Academia	-	Trabalho
Cidade Média	-	-
Centro Urbano	-	-
Lazer	-	-
-	-	-

Organizada pelo autor

Também foi elaborado um gráfico para mensurar a quantidade de vezes que essas espacialidades apareceram durante as oito entrevistas:

Gráfico 1- Contagem das espacialidades discursivas

Contagem de Espacialidades discursivas



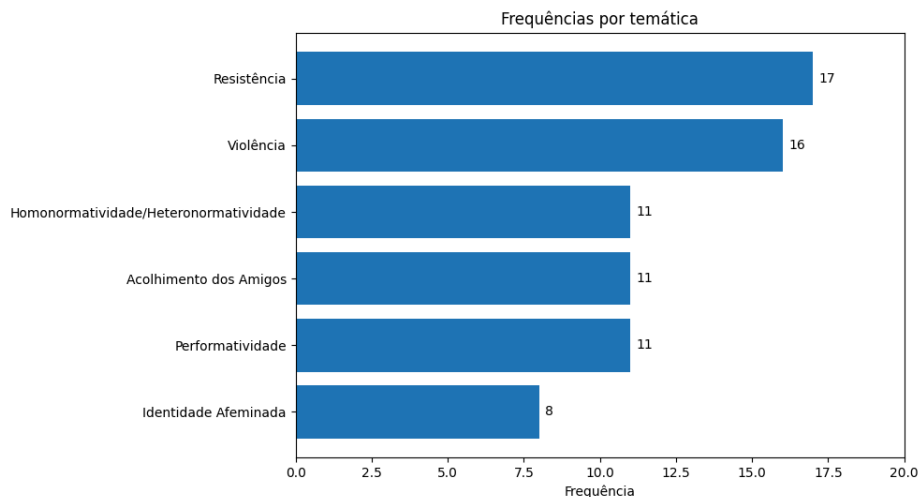
Organizado pelo autor

Com base no gráfico as Baladas aparecem com 12,4%, seguidas por outros espaços de sociabilidade, embora sejam locais de lazer, a alta frequência discursiva indica que esses espaços são intensamente debatidos pelos entrevistados. Há um contraste interessante entre a casa própria (3,8%) e a casa dos pais (2,9%). A casa do entrevistado aparece com mais força como uma espacialidade discursiva de autonomia. A menor menção à casa dos pais pode indicar um silenciamento ou uma estratégia de não-performance nesse ambiente para evitar conflitos familiares, enquanto a casa própria é o espaço da liberdade corpórea. No que tange, Universidade (5,7%) e Escola (8,6%) são espaços significativos de formação da identidade, já o Trabalho (14,3 %) com uma porcentagem menor, que pode sugerir uma performance mais contida ou “discreta” para garantir a manutenção do emprego em uma cidade média conservadora. Somados, o Centro Urbano e as Ruas da Cidade mostram que a experiência do gay afeminado é profundamente marcada pelo deslocamento. A rua não é apenas um caminho, é um espaço de exposição constante.

A análise quantitativa das unidades de registro revela uma tensão fundamental sobre a maneira como o espaço é moldado pelos participantes: a disputa entre a Resistência (17 registros) e a Violência (16 registros). Esses dados indicam que a experiência do homem gay afeminado em Ponta Grossa não deve ser vista apenas sob a ótica da passividade ou vitimização, pois existe uma resposta ativa que desafia as normas cisheteronormativas. A significativa ocorrência de categorias associadas à luta sugere que o corpo afeminado, ao se mover, ativa mecanismos de defesa e afirmação que têm uma frequência semelhante às

agressões sofridas, transformando a cidade em um campo de batalha tanto simbólica quanto material.

Gráfico 2- Frequência das Principais Categorias Discursivas.



Organização pelo autor

Com base no Gráfico acima fica evidente que os dados quantitativos reforçam a análise qualitativa: a Resistência (17) supera a própria Violência (16), indicando que, apesar de Ponta Grossa ser um espaço de interdição, os sujeitos reafirmam sua presença como um ato político constante. Dessa forma, o binômio que define a vida desses sujeitos no espaço urbano é a Resistência (17) demonstrando que a vivência do gay afeminado não é passiva, pois existe um esforço deliberado de ocupar o espaço, de não se esconder e de manter a performance apesar das pressões, enquanto, a Violência (16) aparece colada à resistência, isso acentua que o espaço é um campo de conflito. Onde há presença dissidente (resistência), há uma reação da norma (violência).

Já a Performatividade (11) reflete a consciência dos entrevistados sobre como seus gestos, roupas e vozes são interpretados pela cidade. Empatada com a performatividade a Homonormatividade / Heteronormatividade (11) mostra que os sujeitos sentem o peso das regras de comportamento vindas de ambos os lados (da sociedade em geral e de dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+). O equilíbrio entre Performatividade e Homonormatividade (ambos com 11) revela que o corpo afeminado está sob vigilância dupla, tendo que negociar sua existência entre o que a rua dita e o que a própria comunidade espera. Um outro empate significativo Acolhimento dos amigos (11) demonstra que os amigos são o suporte para enfrentar a cidade.

Com base no gráfico podemos inferir que o espaço geográfico da cidade é produzido e mantido através da coerção contra os corpos de gays afeminados marcada pela constante dualidade entre violência e resistência. Indicando que a experiência de ser um homem gay afeminado em Ponta Grossa é, antes de tudo, uma experiência atravessada pelo conflito e não é um evento isolado. Um outro ponto interessante é revelado pela igualdade das frequências temáticas do Acolhimento dos Amigos (11 menções), Homonormatividade/Heteronormatividade (11 menções) e a Performatividade (11 menções), essa igualdade pode inferir que os entrevistados estão conscientes das normas de gênero, pois, a consciência dos entrevistados sobre como seus gestos, roupas e vozes são interpretados pela cidade isso mostra que os sujeitos sentem o peso das regras de comportamento vindas de ambos os lados (da sociedade em geral e de dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+) e os amigos surgem como um ponto seguro que permitem uma performatividade afeminada segura. Isso fica evidente no relato de Diamante Marrom:

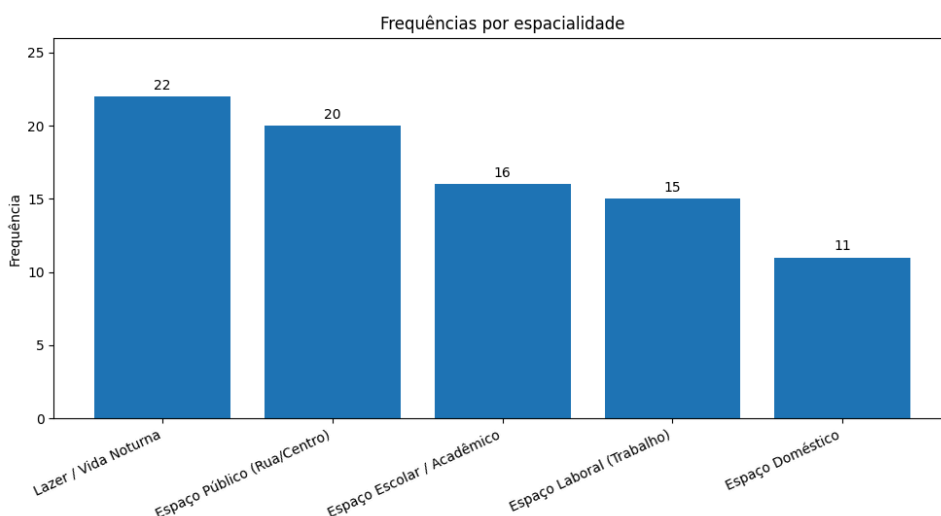
Na infância e na adolescência, não. Não, porque, como eu falei, eram outros tempos, né. A escola não sabia como lidar comigo. Então, assim, eu me calava e ficava na minha e não falava nada. Depois, a partir do momento que eu fui morar sozinho, fui estudar sozinho, vir a trabalhar, eu sempre fui mais discreto. Aí, a partir do momento que eu vim pra Ponta Grossa, que eu conheci vários amigos, que eu conheci a comunidade LGBT, porque até então não tinha esse conhecimento, que eu morava numa outra cidade que era de interior, uma cidade menor. Então, não tinha muito essa questão, assim. E também um pouco pela questão da minha idade, né. Mas, aqui em Ponta Grossa, eu comecei a transformar essa rede de amigos. E esses amigos começaram a me apoiar. E quando eu resolvi falar assim, não, vou investir, vou me tornar uma *drag queen*, esses amigos me apoiaram muito, assim. Tanto, assim, tipo, de aí até hoje, assim. Eles sempre estão junto comigo. Eles sempre estão me acompanhando. Ah, tem um rolê. Então, ah, você precisa que vá na tua casa? Precisa que eu te ajude? Ah, um amigo que tem carro, vou te levar, né. Ou não, mas se você vai de Uber, então eu vou na tua casa pra gente pegar o Uber junto. E a gente volta junto. E quando eu tô no rolê, o pessoal sempre tá ali cuidando, assessorando, acompanhando. Então, assim, aqui eu tive essa rede de amigos. Que começou primeiro com amigos gays que me inseriram na comunidade LGBT de Ponta Grossa. E depois os amigos que começaram a me apoiar enquanto *drag*. E que sempre tiveram ali pra caso acontecesse alguma coisa, sabe, atentos pra me defender e me apoiar (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025).

Já a identidade Afeminada aparece no gráfico com oito menções e embora seja o um tema relevante para pesquisa, aparece com uma porcentagem menor que a resistência, sugerindo que os colaboradores falam mais sobre as consequências de serem afeminados (lutas e violências) do que sobre a definição da identidade em si. Assim, podemos traçar um paralelo com Browne, Lim e Brown (2007) que propõem que as identidades dissidentes não são apenas construções discursivas, mas vivências materialmente reguladas por instituições e práticas urbanas. Nesse sentido, a performance do homem gay afeminado na cidade média é

compreendida como uma “geografia da resistência ordinária”. Através da ocupação persistente e visível de espaços normativos, esses sujeitos desafiam as fronteiras da cidadania sexual, transformando o cotidiano de Ponta Grossa em um campo de disputa política e existencial onde a identidade atua, simultaneamente, como local de opressão e ferramenta de libertação. Bem como demonstrar afeto em espaços públicos da cidade é um ato de resistência bem como performar feminilidade nas suas nuances.

Nesse sentido, é possível visualizar como as opressões são distribuídas de forma desigual na cidade de Ponta Grossa. Pois, o tensionamento entre as performances corporais e o espaço geográfico produz uma acentuada sensação de opressão e alívio. Pois, ao examinarmos esses discursos, observamos que as vivências e dificuldades desses indivíduos predominantemente ocorrem na esfera pública e nas interações sociais, em detrimento do espaço privado. O levantamento das diversas espacialidades demonstra um número considerável de menções a localidades de Lazer e Vida Noturna (22 menções) e ao Espaço Público (20 menções), incluindo ruas, praças e terminais. Isso indica a existência de uma geografia da visibilidade, pois é essencialmente “fora de casa” que a expressão corporal ganha um caráter político, ao mesmo tempo em que fica mais sujeita à vigilância. O Espaço Doméstico (11 menções), apesar de sua relevância, aparece com menos frequência nas declarações, evidenciando que a demanda pelo “direito à cidade” se manifesta, de maneira mais vivaz, nas calçadas e durante a noite, ambientes nos quais as normas de gênero são desafiadas abertamente.

Gráfico 3- Distribuição das Espacialidades Discursivas Agrupadas



Organização pelo autor

Ou seja, a circulação de corpos gays afeminados em Ponta Grossa não se dá de forma isolada, mas é mediada por uma tecnologia de sobrevivência baseada no acolhimento mútuo e na companhia constante. Para esses sujeitos, o “estar acompanhado” não é apenas uma escolha social, mas uma estratégia de alteração da leitura do espaço, pois o par ou o grupo funciona como um escudo simbólico que dilui a hipervisibilidade individual e cria “códigos de presença” que conferem segurança. Dessa forma, quando esses corpos se unem em deslocamento, eles reconfiguram a paisagem urbana, transformando o trajeto, antes hostil, em uma espacialidade de suporte. Esse acolhimento por pares estabelece uma condição essencial para a circulação na cidade média, permitindo que a performance afeminada ocupe o espaço público sem a imediata sensação de vulnerabilidade total. Acolhimento dos amigos(11 registros) no Gráfico 2 de Frequência das Principais Categorias Discursivas reforça que o acolhimento pode funcionar como uma tecnologia espacial. Isso, também, fica evidente no relato de Diamante Laranja que exemplifica bem essa espacialidade de alívio na casa própria, Parada LGBTQIAPN+ e o Evento de apresentação de *Drag Queens* (Holofotes) que demonstra que a companhia alicerçada ao acolhimento pode funcionar como uma tecnologia espacial:

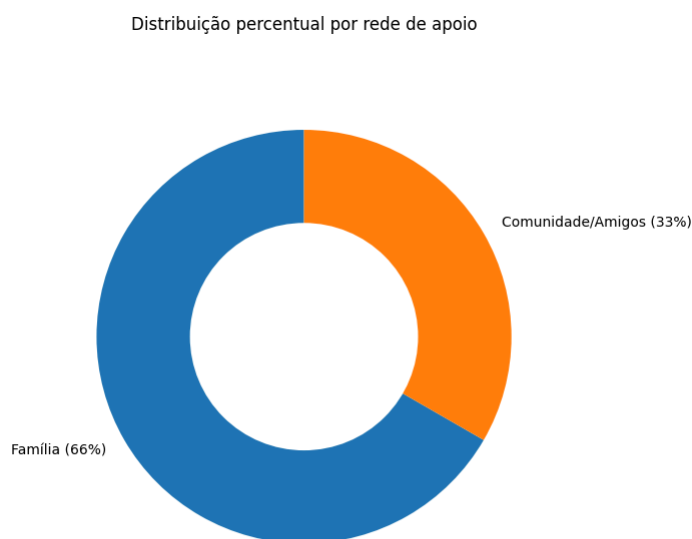
Eu acredito que não somente o espaço, porque querendo ou não, por exemplo, a gente tem um espaço seguro, que normalmente é a nossa casa, mas eu acredito que as companhias, também querendo ou não, vão, de certa forma, agregar muito para essa questão, principalmente a questão de conforto, a questão de se sentir ali aceito. Se a gente for ver, por exemplo, a gente teve um teatro com mais de 100 pessoas, com uma line de três artistas da cidade (**Referência ao Holofotes**). E esses três artistas são somente uma fatia de artistas que a gente tem na cidade. A gente tem pessoas maravilhosas aqui, tem apresentadores. Tem *drags* que cantam, tem cantores gays, temos DJs da cidade que são bem conhecidos, assim. Temos costureiros, temos aderecistas. E normalmente a gente se ajuda muito, assim. Agora, por exemplo, dia 7 vai ter a Parada de Ponta Grossa. E eu comprei uma roupa de uma outra mana de São Paulo, mas todo o restante da minha montagem, a peruca foi eu quem fiz. e a capa pro meu show e o meu adereço de cabeça foi a capa que meu amigo E fez pra mim e o adereço de cabeça ele me emprestou assim assim como no teatro ele já me emprestou um vestido bem lindo também então a gente de certa forma acho que a gente se abraça muito e acho que é isso que faz a gente se sentir seguro não exatamente o espaço, mas acho que a companhia também (Diamante Laranja, Entrevista, Novembro de 2025, Grifo próprio).

Desse modo, o espaço privado (a casa do entrevistado) aparece nos discursos de quase todos os entrevistados (Diamante Amarelo, Diamante Azul, Diamante Marrom, Diamante Laranja) como o principal lugar de alívio, onde a liberdade corpórea é plena e o monitoramento social é suspenso. Sendo assim, podemos dialogar com Tuan (1990; 2015) que argumenta que a casa é o lugar de máxima intimidade. Ou seja, morar sozinhos, sugere a

criação de um micro-lugar de autonomia onde a performance afeminada não precisa ser vigiada.

De outro modo, a dimensão do lar apresenta uma dinâmica espacial de restrição. O Espaço Doméstico (com 11 menções) é caracterizado, em sua maior parte, pela tensão entre a Identidade Afeminada e a Violência, sem incluir aspectos de "liberdade" ou "performatividade" que são visíveis em outros cenários. O fator principal que determina essa realidade é o agente que exerce controle sobre esse ambiente: a Família, que representa 66% das referências a indivíduos nesse contexto, conforme ilustrado no Gráfico abaixo.

Gráfico 4- Sujeitos Predominantes nas Narrativas sobre o Espaço Doméstico



Organizado pelo autor

O gráfico apresentado ilustra a influência da família na disposição do espaço doméstico. Do ângulo estatístico, isso indica que a residência não é apenas um refúgio seguro, mas também o principal espaço de controle de gênero. Para os entrevistados, "ser autêntico" paradoxalmente implica em um ato de abertura: sair do convívio familiar para buscar a liberdade em contextos urbanos. Nesse sentido, visualmente, a "fatia" da família ocupa quase todo o gráfico. Isso reforça que a casa é o espaço do "Outro" (pai/mãe) e não um espaço de liberdade para o sujeito.

Dessa forma, a casa dos pais aparece como um espaço controverso, pois ao mesmo tempo que a figura da mãe aparece como uma figura de acolhimento, a do pai manifesta a da opressão e violência. Assim, podemos usar Bell (1995) e Louro (2000) para expressar que a

figura do pai é vista, como um agente de correção da norma desviante do filho que gera um espaço paradoxal onde a falha (afeminada) precisa de correção, e essa correção, se dá por meio da violência simbólica, verbal, psicológica e física que Louro (2000) denomina como uma pedagogia que ensina quem pertence e quem deve ser excluído.

[...] Mas, por parte do meu pai, com quem eu convivi até os 9 anos, quando ele era casado com a minha mãe, aí eu tive muitas relações de violência, de violência psicológica, de violência física, sempre justificadas em silêncio ou não, ao menos no meu entendimento, por ser um menino afeminado. Então eu apanhava por coisas cotidianas e da casa que jamais justificariam essa violência, mas eu tinha a plena certeza de que existia uma intensificação dessa violência por eu ser um menino afeminado. Especialmente porque sempre que podia, o meu pai fazia questão de perguntar coisas assim, de se eu era bicha, então quer dizer que eu era bicha, que aquilo era coisa de bicha, dentro de vários outros termos também, que alguns ele foi o primeiro a me dizer também. E até hoje ele também continua com essa mesma postura afetiva comigo. Mas quando, e por esses motivos, e por apanhar muito de todas as coisas que você pode imaginar na vida, que eu apanhei do meu pai, quando ele se separou da minha mãe, eu pulei na cama do meu avô em comemoração daquela situação, enquanto a minha mãe estava em prantos e desesperada, chorando, como se aquilo tivesse sido o fim do mundo. E para mim era o começo de um novo mundo possível, tendo a plena certeza de que eu ficaria com a minha mãe, e qual era o sentimento que eu tinha quando estava com a minha mãe, que era o sentimento de poder existir[...] (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

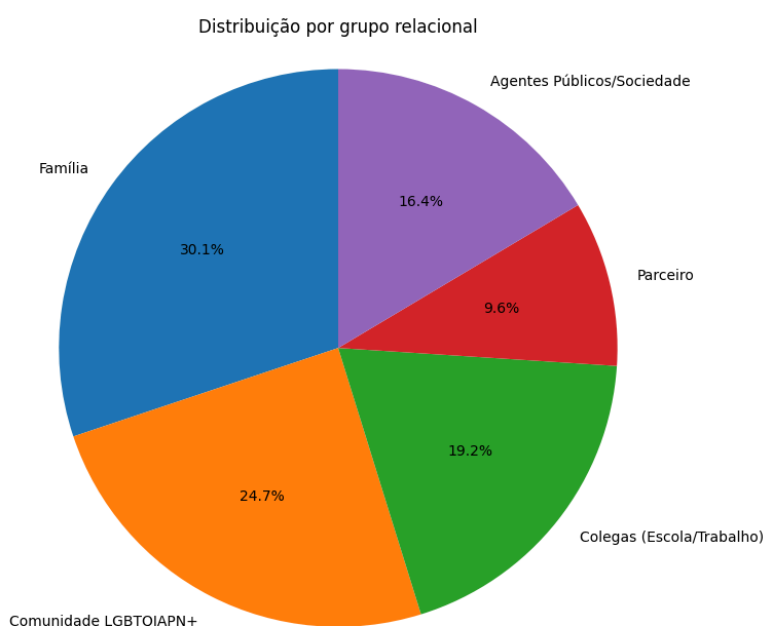
Minha mãe é muito tranquila por conta dela ser professora, ela tem uma cabeça muito mais aberta. Não é que ela seja meu Deus tô super apoiando a comunidade e tudo mais. Eu acho que hoje em dia ela é assim, mas quando eu me assumi para ela, ela falou: não sou uma pessoa que vai te apoiar, eu acho que não é certo, não por você ser do jeito que você é mas pelo o mundo que a gente vive, mas vou continuar amando você porque eu sou sua mãe acima de tudo. Mas eu entendo que ela tem uma concepção, uma cabeça muito mais elaborada por assim dizer, mais desconstruída do que o meu pai. Já o pai não é assim, meu pai, ele também tem o oposto da minha mãe não por ele não ser instruído porque foi por opção dele que ele não tem essa instrução que tanto seja acadêmica né porque ele também tanto por questões da vida ele nunca quis aprender sobre nunca fez questão de entender o próprio filho e isso dificultou a minha infância e a minha vivência ao lado dele tanto que hoje não temos contato (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Também podemos estabelecer um paralelo com Kimmel e Mahler (2003) pois a homofobia do pai não é apenas o medo do filho ser homossexual, mas sim, o medo da feminilidade que os filhos expressam a partir da sua performance de gênero que recusa a masculinidade hegemônica. Pois, não é apenas a orientação sexual que é punida, mas a falha em performar a masculinidade agressiva/viril (Kimmel; Mahler, 2003).

No cenário urbano analisado, a análise dos indivíduos revela uma informação sociológica significativa: a Família (22 menções) emerge como o aspecto mais citado, superando até mesmo a Comunidade LGBTQIAPN+ (18 menções). A repetida alusão à

unidade familiar nos relatos, mesmo quando os participantes discutem experiências fora do ambiente doméstico, sugere que a moral familiar atua como um regulador ativo, acompanhando o indivíduo e moldando seu comportamento em diferentes contextos. Ademais, a destacada presença da Comunidade e dos Colegas de Escola (9 menções) enfatiza a importância das redes de apoio mútuo, que contrabalançam o controle exercido pela família e pela sociedade, criando “bolhas” de conforto e segurança.

Gráfico 5- Recorrência dos Sujeitos da Relação nos Discursos



Organização pelo autor

Não distante, fica evidente quando de Diamante Azul, Diamante Marrom, Diamante Vermelho, Diamante Laranja, Diamante Verde e Diamante Cinza elencaram as baladas LGBTQIAPN+ de Ponta Grossa como um espaço de alívio, e em contraste Diamante Rosa e Diamante Amarelo estabelecem ressalvas a esse respeito. Ressalvas essas que dialogam com Valentine e Skelton (2003) quando descrevem como o paradoxo dos espaços de sociabilidade que ao mesmo tempo que oferecem um ambiente seguro para a consolidação da identidade, podem replicar as violências de exclusão contra aqueles que não performam a masculinidade “discreta” exigida pelo mercado e pela norma homonormativa interna e por isso as baladas foram enquadradas como espacialidades controversas pois Diamante Rosa e Diamante Amarelo expressam que:

Eu raramente vou em balada. Mas eu sinto essa questão das pessoas. Eu sei

que é errado a gente julgar. Mas eu vejo assim. Eu acho muito comum o excesso. O excesso de bebida. O excesso de uso de substância. Então, eu não quero que as bichas sejam careta. Não é isso. Mas eu acho que você pode se divertir. Você pode beber. Você pode fazer o que der na telha. Mas saber onde fazer isso. Não se colocar em risco. O que me assusta é assim. Eu acho que por falta de um... Eu acho que a gente vive menos. Porque a gente se coloca muito mais em risco. Também. E pensar que a vida da gente não acaba ali naquele momento. Porque o excesso não tem só no mundo LGBT. Tem em todos os grupos. Mas eu vejo assim. Eu acho que a gente é mais ainda. Porque a gente precisa anestesiar a dor da gente. Eu costumo dizer assim. Eu acho que não existe nada mais cruel do que você não ter o amor do pai e o amor da mãe. E isso você pode beber. Você pode usar droga. Você pode usar o que for. Essa dor nunca vai ser anestesiada. A dor de você receber violência ou você sofrer preconceito ou aquele olhar ou o deboche que a gente vive todo dia. Isso não tem como anestesiar. Não é o álcool. O que vai anestesiar é o teu processo de conhecimento. O que fazer com isso? A gente vai aprendendo a lidar também. A gente sabe que existe, mas a gente trabalha pra lidar com essas situações. O que me assusta é isso. A quantidade de pessoas que eu vejo morrendo por acidente ou por uso de substância ou sabe? Então, com 53 anos as pessoas me acham muito velho porque não tem. Com a minha idade passa a ser exceção. A gente passa a ser exceção no meio LGBT (Diamante Rosa, Entrevista, Julho de 2025).

Aí tem o Resenha que é uma balada muito nichada e é muito hetero muito agro daí eu me sinto um pouco tímido e amedrontado, mas lugares que eu me sinto mais bem-vindo assim pelos funcionários eu acho que seria a Cavan e a Baia porque assim os funcionários são simpáticos eu conheço muitos deles, então assim super de boas. pelas pessoas eu já prefiro a Baia, eu acho que o pessoal que frequenta a Baia é mais tranquilo São gays menos chatos, sabe? daí as gays que frequentam a Cavan são mais insuportáveis daí Pelo público eu já prefiro a Baia (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Situação semelhante acontece com a espacialidade da escola, pois Diamante Marrom, Diamante Cinza, Diamante Azul, Diamante Rosa, Diamante Verde, Diamante Vermelho e Diamante Laranja destacam essa espacialidade com um espaço de opressão, no entanto, Diamante Amarelo enxerga a escola como uma espacialidade de alívio e acolhimento, sobretudo a partir do apoio das amizades construídas no ambiente escolar, configurando a agência de um espaço paradoxal e/ou uma espacialidade controversa.

Na escola eu tive, fiz amizades, fiz um grupo que tenho contato com eles até hoje e me sentia muito seguro naquele grupo de amigas então ali depois que eu já tinha saído de casa e me permiti ser quem eu era. eu fui tendo apoio deles nesse momento Então eu acho que isso foi um dos Grandes impulsos para mim ser uma gay afeminada com muito orgulho (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Não distante, Diamante Vermelho estabelece a Universidade como um espaço de alívio, o que contrasta com a ideia de Diamante Azul, por esse motivo a Universidade se enquadra na espacialidade controversa. Além disso no mesmo relato Diamante Vermelho destaca a questão dos espaços privados em detrimento dos espaços públicos que será

aprofundado posteriormente:

Então, eu acho que o lugar, assim, de eu tomar, que é o mais frequente, né, que é a UTFPR e o meu namorado também estuda lá e é um lugar que eu me sinto confortável pra demonstrar afeto, assim, eu não tenho esse medo de sofrer violência ou alguém falar alguma coisa pra mim, então lá é o lugar que eu me sinto mais livre pra demonstrar afeto público e ser quem eu sou. Acho que é o primeiro, o primeiro lugar, assim, fora da UTFPR, que eu me senti bem, foi em balada com festa gay, né, acho que foi na Cavan, foi a primeira festa que eu fui, assim, que era tema LGBT e que eu vi que eu podia ser eu mesmo ali dentro e ninguém ia me julgar, ninguém ia olhar torto, o que acontece na rua, então, a baiacu, também eu me sinto confortável e eu acho que seria só isso, e aí eu sinto muita falta de ter um lugar que não seja de balada e festa e bar, que eu poderia me sentir assim, um espaço público, porque eu não consigo agora pensar em outro lugar que me sinta confortável, sabe, sem esses lugares (Diamante Vermelho, Entrevista, Dezembro de 2025).

Mediante esse relato de Diamante Vermelho fica evidente a questão do consumo tende a privilegiar o consumidor gay (o *pink money*) em detrimento do cidadão gay (Bell & Binnie, 2004). Isto liga-se à questão da classe social em Ponta Grossa, ou seja, o gay afeminado que não tem poder de consumo é duplamente excluído pela governação urbana, pois ele não serve ao marketing da cidade moderna e o seu corpo dissidente é visto como um problema de ordem pública a ser gerido pela polícia ou pela segurança privada. Logo, a gestão do espaço urbano em Ponta Grossa pode ser analisada a partir das reflexões de Bell e Binnie (2004) sobre a autenticação dos espaços *queer* e a governança da diversidade. Os autores alertam que a inclusão de grupos LGBTQIAPN+ nas agendas urbanas é, muitas vezes, orientada por lógicas de marketing e consumo, que privilegiam sujeitos assimilados em detrimento de performances dissidentes. Nesse sentido, observa-se que os homens gays afeminados exercem uma cidadania sexual de resistência em espaços que fogem à governança oficial. A sua presença em locais não-institucionalizados de Ponta Grossa revela uma luta pela autenticidade da sua existência, confrontando uma gestão urbana que tende a invisibilizar o corpo dissidente sempre que este não se ajusta ao papel de cidadão-consumidor ideal.

A parada LGBTQIPN+ de Ponta Grossa também é um evento muito importante que materializa as lutas travadas na cidade “tendo em vista a heteronormatividade, o heterossexismo e o patriarcalismo reinantes na sociedade, a parada emerge como um espaço-tempo que rompe com esses códigos” (Maia; Dutra, 2012, p. 80). A parada ocorre desde 2018 e sendo online durante a pandemia, em 2024 a sétima parada LGBTQIAPN+ teve como tema: “A cidade também é nossa!”. Esse tema evidencia uma luta pelo direito à cidade e

um reconhecimento das espacialidades produzidas pela comunidade LGBTQIAPN+. É válido pontuarmos que para além da parada manifestar a luta política por direitos ela também é um momento de celebração do orgulho (Maia; Dutra, 2012). A parada LGBTQIAPN+ acontece em espaços públicos da cidade como no Parque Ambiental (última edição) e esse fato ajuda a subverter a noção de que “as manifestações homoeróticas, por exemplo, são interditas, sendo permitidas nos espaços privados ou em locais claramente identificados como permissíveis ao afeto homossexual” (Silva, 2013, p.35). Sobre essa questão que envolve a Parada LGBTQIAPN+ Diamante Azul tece considerações muito relevantes:

Sendo a cidade que teve o primeiro Conselho Municipal LGBT, com todos os repulsos que na época a gente tinha, por exemplo, da Pabllo Vittar, supostamente sendo querendo, quase preso por um vereador, porque disse que ela ia fazendo as escolas de doutrina para crianças. E a gente ia para a Câmara, fazendo um enfrentamento com isso, e a gente foi, fizemos uma fala na Câmara, naquela época, em nome de todo o coletivo, e escolhido por um coletivo para aquilo, e foi no dia que a gente conquistou, naquele dia 5 de dezembro, que era o dia do show da Pabllo, o dia municipal de luta contra o preconceito e a discriminação, que no outro ano, em 2018, aconteceu a primeira Parada LGBT, que foi construída por aquela nossa gestão do Diretório Central dos Estudantes, e que, nesse ano, no dia 7 de dezembro, vai estar acontecendo a oitava edição, e isso é muito babado, e é muito significativo pensar, porque a Parada acontece no espaço central da cidade, em que, no próprio coletivo que organiza, a gente tem muitas discussões sobre onde será, e muitas discordâncias também, porque o meu entendimento é que tem que ser nos espaços mais públicos e mais visíveis possíveis, e, às vezes, as discordâncias são sobre fazerem espaços mais confortáveis, com coberturas, mas que, na minha percepção, são totalmente invisíveis a quem quer que passe. E a primeira, a segunda, e muitas outras o pessoal quis fazer, mas não aconteceram, ocorreu na Feira do Produtor, que fica numa região central, que tem uma cobertura, em que, quando as pessoas estão lá dentro, não se vê mais nada, embora seja numa região extremamente central, porque é totalmente fechado, de cima a baixo. E ali é muito significativo, eu acho, pensar nessa questão espacial, porque era também, digamos assim, um quintal da minha casa, porque eu morava ali em olarias, que era dois quadros para baixo da Feirinha. (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Essa ocupação do espaço central pode ser lida como uma subversão, mesmo que momentânea, do espaço cisheteronormativo e uma celebração da diversidade sexual e de gênero na cidade. Nesse sentido, ao ocuparem o centro da cidade provocam uma visibilidade não-higienizada, bem como exercem um direito à cidade que tensiona as fronteiras entre o público e o privado (Hubbard *et al.*, 2015). Nessa mesma direção, Diamante Azul e Diamante Rosa abordam a importância da ONG's, da Parada e do Holofotes para Ponta Grossa:

[...] Quando a gente fala em Ponta Grossa, hoje a gente tem uma ONG só que trabalha com questões relativas a LGBTs, que é a Flor De Lis. Mas, por exemplo, em um outro momento, lá no passado, o grupo Reviver, que fez os primeiros trabalhos de prevenção e de cidadania com profissionais do sexo e com o público LGBT. Depois, quem, de certa maneira, assumiu esse papel

foi o Renascer. O Renascer, hoje em dia, não faz mais nenhum trabalho voltado para a cidadania de LGBTs. Eles trabalham só com idosos, mas um público geral. Mas, hoje, a gente tem a Flor De Lis que trabalha essa questão da cidadania, que é bem importante.

-E como você vê a importância da Flor De Lis hoje em dia aqui para a Ponta Grossa? Quais são a importância, a articulação da Flor Delis? Como você vê isso hoje em dia? -Eu acho fundamental, porque a gente precisa de alguém que concentre ações. Por exemplo, hoje em dia existe a Flor De Lis, existe um grupo que é misto, que não é só da questão da cidadania LGBT, mas tem muito a ver com o arte *drag*, que é o Holofotes. Que é coordenado pela Cindy Cindy. A gente tem o pessoal da Parada. Então, existem vários organismos. Existem várias pessoas e elas procuram trabalhar em parceria para que as coisas aconteçam. Eu vejo assim, O Holofotes é muito legal, porque ele é voltado para a questão da arte *drag*. Então, quando a gente fez as primeiras apresentações foram no Centro de Cultura. E a gente fez a última apresentação no Auditório B do Cineteatro ópera. Ou seja, a gente subiu, né? É, teve um upgrade. É uma quadra só do Centro de Cultura para o ópera. Mas já é uma conquista E na sexta-feira, que eu fui lá nesse outro evento, que era uma peça de teatro, a responsável pela ópera falou que o ano que vem: Eu quero vocês no auditório principal. Então, assim, é uma baita emoção quando a gente vê essas coisas. E, por exemplo, eu lembro que a maior parte das edições do Holofotes lota. Lota. E não é só público LGBT. Você vê muita família, você vê muita gente, a gente vê muitos amigos da gente que vão para curtir, para se divertir, para dar risada, para se emocionar, para aplaudir. Entende? Então, assim... Às vezes, com a arte, você consegue envolver mais as pessoas e sensibilizar mais as pessoas do que um discurso. Entende? Então, eu acho que a arte é um grande facilitador. É por isso que eu sempre acho que é importante fazer a Parada, é importante fazer a caminhada, mas tem que ter a questão artística, tem que ter a questão de sensibilidade, tem que ter também a questão da prevenção junto. Trabalhar essa questão da saúde (Diamante Rosa, Entrevista, Julho de 2025).

Sem dúvida nenhuma, por muitos anos, no começo dos anos 2000, com a criação da ONG Renascer, a gente teve esse espaço institucionalizado de acolhimento, de serviços, de articulação de vínculos, de trabalho, mesmo de renda, de afetos da população LGBT pelo trabalho que essa ONG desenvolveu por muitos anos e ainda desenvolve hoje com uma outra perspectiva de atuação. Sem dúvida nenhuma, também, os espaços noturnos, às vezes mais ou menos escondidos, como as baladas, como foi historicamente o movimento LGBT, também foram especiais, ao menos para a minha geração, porque eram espaços onde a gente podia ir com a roupa que bem queria, se alancar como bem queria. E eu acredito que aqui, por ter poucas baladas, a gente pode nomear todas[...] (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Nesse sentido, Guimarães (2020) argumenta que corpos que divergem das convenções sexuais e de gênero, como os gays afeminados, desenvolvem uma "consciência reflexiva" singular. Essa consciência não é meramente uma auto percepção, mas uma elaboração crítica da própria existência em face da resistência imposta pela hegemonia heteronormativa. Essa reflexividade é, segundo Guimarães (2020), um pilar fundamental para a vivência da performatividade de gênero, especialmente em um cenário social marcado por tensões e preconceitos. Logo, *Drag Queen*, emerge não apenas como uma forma de expressão artística,

mas como um ato político de ressignificação e agência sobre o próprio corpo e identidade. Essas questões ficam evidentes nas falas de Diamante Marrom e Diamante Verde:

Então, e aí quando surgiu o movimento pra gente realizar a primeira Parada LGBT, e aí meio que naturalmente eu apresentei a primeira Parada LGBT, porque eu já era a *Drag Queen* apresentadora, né. E aí, nos outros anos, eles continuaram me chamando, eu me tornei a apresentadora oficial da Parada. E a cada ano, a cada edição da Parada, eu fui sentindo cada vez mais um peso de ato político, um peso de luta, uma questão de não apenas ser uma *Drag Queen* da festa, do fervor, a *drag* DJ, ou a *drag* bonita, ou a *drag* mais produzida, mas a importância do papel que eu estava representando enquanto apresentadora oficial da Parada LGBT. E aí, nesse momento, eu comecei a me posicionar cada vez mais. E aí a gente começou, inclusive, a realizar projetos onde a gente levou show de *drag* pra teatro na cidade. E aí várias clientes minhas foram me assistir. E aí, dentro mesmo do salão, eu comecei a ter essa conversa. Tá, mas o que é uma *drag*? O que é uma travesti? O que é uma mulher trans? O que é um homem trans? E aí eu comecei a perceber que algumas, não vou dizer muitas, mas várias, várias clientes tinham muita dúvida, se sentiram super à vontade de chegar pra mim e perguntar sobre isso. Inclusive algumas com filhos que percebiam que seus filhos são homossexuais vinham pedir alguns conselhos. Ah, será que eu devo falar com meu filho? Será que eu não devo? Então, de repente, eu fui vendo que você ser uma *Drag Queen* é um ato político. Porque o fato de você ser um homem, que você vai colocar uma peruca na cabeça e você vai interpretar uma feminilidade que é tão objetificada pela sociedade, que é tão subjugada. E você, enquanto homem, está se colocando naquela posição para dizer não, pera aí, eu sou um artista, eu posso interpretar esse papel. E através disso você ainda consegue tocar outras pessoas, fazer com que elas entendam a questão do LGBT, a questão da arte *drag*, a questão da parada LGBT. Por que a necessidade da parada? Por que a parada tem que ser na rua? Tem que ser para todo mundo ver? Teve questionamentos assim lá no meu salão. Porque as pessoas sabiam que eu era uma *Drag Queen* apresentadora da parada. Ah, mas por que vocês não fazem onde vocês já estão acostumados a fazer? Por que tem que ser na rua? E aí eu vinha com toda a bagagem da história do movimento LGBT, de como que surgiu e tal. Então, eu acho que a arte *drag* é, antes de mais nada, um ato político (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025, Grifo próprio).

Eu percebo que esses olhares existem, sabe? Em vários desses lugares. E tudo depende também. Tipo de como você tá, por exemplo. Eu vejo que a *drag*, às vezes, escapa dessa bolha. Mesmo ela sendo uma bicha ali por dentro. É uma forma de resistência, né? Porque a *drag*, ela carrega todo um glamour, um personagem, uma coisa ali fantasiosa. Que às vezes as pessoas até deixam um pouco o machismo e a homofobia de lado pra se distrair. Mas eu acho que quando a gente tá ali no nosso real... Tem um olhar muito específico, assim. De desgosto, sabe? Em alguns lugares, assim. E isso é uma coisa que... Eu fico muito curioso, assim. Às vezes eu queria muito ser uma mosca pra saber o que exatamente aquela pessoa tem dentro do âmagô dela, assim, sabe? Retraído ali. Acho que esse que é o sentimento que me causa, sinceramente. Às vezes eu fico pensando... Ele tá me olhando com essa cara feia porque ele quer me bater... Ou ele tá me olhando assim porque ele quer me comer. Me comer. Geralmente é os dois, né?

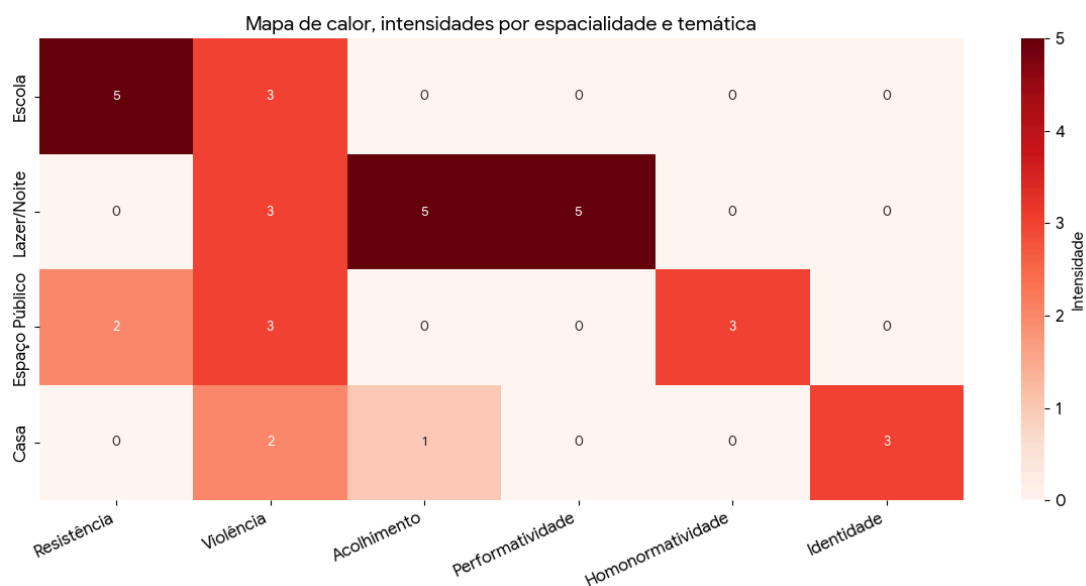
-E nessa questão da resistência, assim., você acha que o modo de você ser, de você agir é uma forma de resistência?

-Eu acho que eu sou muito mais resistência quando eu tô com o meu namorado e quando eu tô em *drag*, ou no palco. Eu sou muito mais resistência nesses lugares. Mas quando eu tô sozinho, eu sou uma ameiba, assim, tipo, nesse sentido de resistência (Diamante Verde, Entrevista,

Novembro de 2025).

A intersecção entre ações e lugares específicos enriquece esta análise, desconstruindo percepções simplistas sobre “lugares seguros” e “lugares perigosos”. O espaço escolar e universitário, por exemplo, apresenta uma dualidade: apesar de ser também um ambiente de violência (3 casos), evidencia-se ainda mais como um local de resistência (5 casos) e de construção de relacionamentos. De forma similar, o local de trabalho é marcado pela constante necessidade de autoafirmação (resistência, 5 casos). Por outro lado, os espaços de diversão noturna retratam narrativas de performance e acolhimento, sendo vistos como refúgios onde as normas são temporariamente suspensas. Dessa forma, conclui-se que a violência e a resistência não estão espalhadas aleatoriamente na estrutura urbana de Ponta Grossa, mas surgem de maneira contextual, dependendo do ponto de vista do observador (seja ele um sujeito dominante ou um igual) e da posição do corpo afeminado nesse contexto.

Gráfico 6- Natureza das Experiências por Tipo de Espaço



Organizado pelo autor

Já este gráfico nos ajuda a situar geograficamente os espaços da cidade, mostrando, por exemplo, que a barra da "Escola" tem mais resistência do que violência, enquanto a barra do "Espaço Público" é mais carregada de tensão negativa. Nessa mesma direção, a Escola aparece com intensidades significativas em Performatividade. Isto sugere que é no ambiente escolar que muitos dos entrevistados começaram a entender que o seu corpo era lido de forma diferente. É o espaço da pedagogia do corpo (Louro, 2000), onde se aprende, muitas vezes pelo trauma ou pela correção dos pares, a regular os próprios trejeitos.

No gráfico 6, a Casa apresenta os níveis mais altos de Identidade e Acolhimento, isso nos ajuda a entender que o espaço privado é o único onde o homem gay afeminado detém soberania total sobre o seu corpo, pois é o lugar onde a performance não precisa de ser vigiada. Em contrapartida, o Espaço Público (que inclui o Terminal e as ruas centrais) mostra os picos de Violência e Resistência. Dessa forma, a alta intensidade de violência indica que a cidade média reage agressivamente à visibilidade do corpo afeminado. No entanto, o nível elevado de Resistência mostra que os sujeitos no simples ato de transitar pela cidade pode ser considerado um ato político de ocupação e resistência.

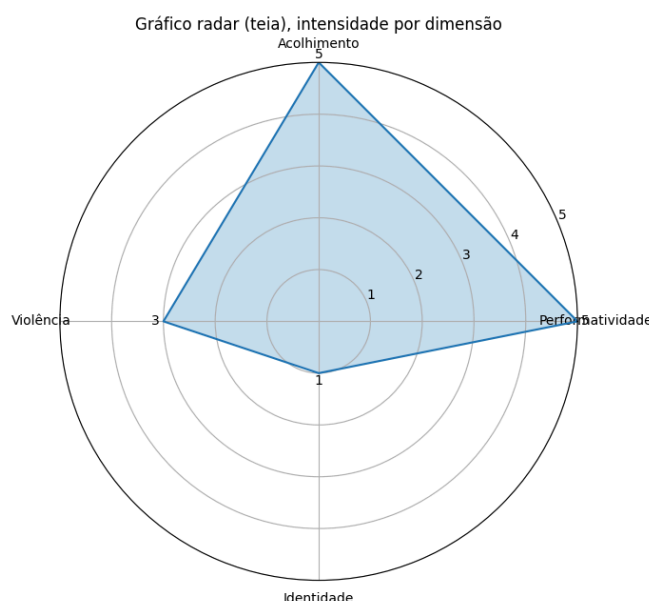
Já no eixo Lazer/Noite revela-se um dado interessante sobre a presença marcante da Homonormatividade. Logo, os espaços de lazer (bares, festas), embora a violência física direta possa ser menor, a violência simbólica aparece através da norma. Aqui, o gay afeminado é "acolhido", mas sob a condição de não romper os padrões da homonormatividade o que gera uma liberdade vigiada. Ou seja, apesar de existirem espaços de sociabilidade explicitamente voltados ao público LGBTQIAPN+ na cidade, o acolhimento nesses locais é frequentemente filtrado por padrões de respeitabilidade e normas internas da própria comunidade. Nestas espacialidades, a aceitação não é incondicional, pois ela é mediada pela homonormatividade, que impõe uma hierarquia baseada na proximidade com padrões heteronormativos de virilidade e consumo. Observa-se que, mesmo em bares e clubes, o gay afeminado pode ser alvo de uma vigilância do trejeito, onde sua presença é tolerada desde que não rompa com uma certa estética palatável. Essa questão estabelece uma conexão com Furlong (2010) que expressa como a tolerância para homens gays na zona sul do Rio de Janeiro é mediada por poder econômico e uma homonormatividade, ou seja, o gay afeminado ao não se enquadrar é excluído. Logo, a cidade não é hostil por inteiro, mas as suas áreas de maior visibilidade (Espaço Público) são produzidas para serem hostis ao corpo afeminado, forçando-o a procurar o acolhimento apenas nas margens ou no interior das suas casas, assim, a dor tem lugar (Espaço Público) e o alívio também tem lugar (Casa).

Dessa forma, em Ponta Grossa, as vivências de homens gays afeminados revelam uma cartografia de topofilias e topofobias agudas. Enquanto o espaço público da cidade é frequentemente percebido como um espaço de insegurança e vazio de pertencimento, os lugares de alívio identificados surgem como pontos onde a experiência sensorial de aceitação permite a construção de um lugar autêntico. Assim, a resistência desses sujeitos não é apenas política, mas existencial evidenciando um esforço contínuo de transformar uma paisagem urbana muitas vezes hostil em um abrigo onde o corpo dissidente possa, enfim, pausar e

habitar.

A busca pela autoexpressão alcança seu auge em ambientes de lazer e vida noturna. Essa configuração espacial, que foi citada com maior frequência na pesquisa (22 menções), reflete um modo de viver que se diferencia substancialmente do contexto familiar. O gráfico a seguir categoriza os aspectos mais relevantes desse espaço, evidenciando altos índices em Performatividade e Acolhimento.

Gráfico 7- Perfil das Vivências em Espaços de Lazer Noturno



Organizado pelo autor

De acordo com o que é mostrado no gráfico, a noite aparece como uma “heterotopia”, um espaço em que as normas do dia são temporariamente ignoradas, permitindo que o corpo afeminado se sobressaia. Contudo, a menção constante da categoria Violência (3 ocorrências) nesse mesmo gráfico indica a fragilidade desse espaço de refúgio: o “esplendor” das performances noturnas está cercado por um ambiente urbano hostil. Pois, o desenho do gráfico mostra uma “ponta” forte para a performatividade e acolhimento, mas com a violência presente, “puxando” o gráfico para baixo, ilustrando uma tensão constante nos espaços de lazer noturno.

Para além dos espaços de lazer, o acolhimento se materializa como uma reterritorialização prática do cotidiano, baseada em estratégias espaciais rigorosas que envolvem a seleção de rotas, a escolha de horários de menor exposição e constantes autocorrekções corporais em áreas de risco. Nesse cenário, a casa do entrevistado emerge como

o “micro lugar de autonomia” por excelência. Dialogando com a perspectiva de Yi-Fu Tuan sobre o espaço e o lugar, a residência deixa de ser apenas um abrigo afetivo para se tornar um território estratégico de resistência e alívio, onde o sujeito detém o controle total sobre sua performance e seu corpo-território. É nesse ambiente privado que se estabelece um lugar de alívio (Rodó-Zárate, 2021) frente aos picos de opressão do centro urbano. A gestão desses micro lugares e das rotas de fuga constitui uma geografia do cuidado que permite a manutenção da integridade subjetiva diante de uma estrutura urbana que, em sua essência, tenta apagar a dissidência. Isso fica evidente no relato de Diamante Amarelo:

Porque a maioria dos gays que são afeminados você só vê na noite indo para balada raramente, exceções assim você vê um gay afeminado andando de cropped meio-dia no shopping, se você ver, você vai ver no shopping. Você não vê no calçadão, no terminal se você vê um ali e outro lá, mas tipo são muito poucos daí quando você vai para noite você vai na porta de uma balada sei lá próximo da porta da Cavan você vê que durante o dia você viu duas gays afeminadas de cropped e à noite você vê 50. Eu acho que as gays afeminada em Ponta Grossa se sentem mais confortáveis usando roupas tidas como feminina mais a noite e sendo quem são à noite do que durante o dia (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Nesse contexto, a experiência urbana desses sujeitos é marcada por uma dialética constante entre a busca pelo lugar, entendido como o centro de significado, segurança e topofilia (Tuan, 1990; 2015) e a confrontação com um espaço público frequentemente codificado como heterossexual e hostil. Pois o espaço é moldado por uma geografia do medo que impõe aos corpos dissidentes uma vigilância, que força uma negociação das performances de gênero (Valentine, 2001).

Assim, entrevistas revelam que em Ponta Grossa, o homem gay afeminado vive a tensão entre o lugar como segurança (Tuan, 2015) e o espaço como repressão ou resistência (Massey, 2005). Dessa forma, os tensionamentos identificados nesta pesquisa demonstram que o corpo gay afeminado em Ponta Grossa é um agente geográfico político. Embora a cidade tente gerir essas existências através da violência simbólica e da interdição laboral, a insistência desses homens em habitar, circular em territórios hostis reafirma que o espaço é sempre um campo aberto à reinvenção. O direito à cidade, portanto, revela-se como o direito de performar identidades dissidentes sem que isso signifique a exclusão da vida social, econômica e afetiva do território.

Portanto, compreende-se que as estratégias de acolhimento e os espaços de alívio são fundamentais, porém limitados e constantemente negociados. Afinal, a mesma cidade que permite esses pequenos respiros organiza também os mecanismos de interdição, conforme será analisado na sequência.

4.2- As experiências de tensionamentos, exclusão e dor na vivência espacial

Esta subseção desloca o foco do acolhimento para as tensões que envolvem a vivência urbana de homens gays afeminados em Ponta Grossa, evidenciando como a cidade provoca constrangimentos, sanções e exclusões, em função da visibilidade de suas expressões corporais. Um ponto fundamental é que a violência não se apresenta apenas como episódios isolados ou raros. Na verdade, ela se configura como um mecanismo diário de disciplina, que varia em intensidade e começa com olhares, comentários e ameaças discretas, podendo evoluir para formas mais drásticas de coerção, resultando em efeitos duradouros na mobilidade, na ocupação de espaços e na vivência do próprio corpo. Dessa forma, o contexto urbano é entendido como um sistema prático de vigilância, onde a afeminação se torna um sinal de vulnerabilidade a riscos diversos, humilhação e controle social.

Ela foi criada seguindo a mesma abordagem de análise de conteúdo apresentada anteriormente, onde as unidades de registro são organizadas em categorias discursivas, áreas de discussão e os protagonistas da interação. A análise dos dados coletados demonstra uma recorrente presença de categorias como violência simbólica, normas de gênero, estigmas sociais e questões referentes ao mercado de trabalho, associadas a locais como o espaço público, o centro da cidade, o transporte coletivo, o ambiente escolar e, em alguns casos, a residência. Entre os aspectos ressaltados estão a vigilância social e o controle de gênero, que funcionam como mecanismos interpretativos para explicar as razões pelas quais determinados lugares são evitados, os horários em que as pessoas preferem não circular e como gestos, vozes e comportamentos são modificados em um esforço de autoproteção. É relevante notar que a exclusão não ocorre apenas por meio de uma expulsão evidente; pode se manifestar de maneira antecipada, quando o indivíduo escolhe recuar antes de um possível conflito, mudando seu trajeto e minimizando sua visibilidade em ambientes públicos.

De outro modo, esse trajeto não será apresentado como uma história linear de vitimização. A análise destaca que, mesmo diante de situações adversas, os entrevistados elaboram estratégias e reações que variam entre contenção, resistência, ironia, reaproveitamento do espaço e busca por redes de apoio. Isso permite entender a violência como uma força que também gera novas espacialidades, reconfigurando a vivência na cidade. Assim, a subseção explora as tensões como processos de territorialização negativa, mas também indica as brechas no controle, onde surgem táticas que reposicionam o corpo

afeminado na paisagem urbana, ainda que sempre de modo contextualizado, desigual e, às vezes, ambíguo.

Os tensionamentos manifestam-se no que os entrevistados definem como uma autovigilância constante onde o corpo gay afeminado é policiado pelo olhar latente da sociedade local. Essa hostilidade configura o que Mbembe (2006) denomina necropolítica, adaptado à análise espacial por Gomes (2018) como Necropolítica Espacial: uma gestão da vida que permite a existência desses sujeitos, desde que em condições de invisibilidade ou submissão. O tensionamento ocorre porque a presença do corpo afeminado na rua ou no trabalho interrompem a fluidez cisheteronormativa da cidade, revelando que a paz social de Ponta Grossa muitas vezes depende do silenciamento e da exclusão daqueles que não performam a masculinidade hegemônica. Sendo assim, Diamante Marrom, Diamante Vermelho, Diamante Azul e Diamante Amarelo fazem relatos importantes que nos ajudam a entender como o Shopping, as ruas geram tensionamentos, exclusão e dor na vivência da espacialidade:

Mas vamos dizer assim, por exemplo, no shopping eu me sinto desconfortável se eu estiver com alguém, de expressar que aquela pessoa está comigo, de pegar na mão, de abraçar e tal, que é um receio que a gente acaba tendo de que alguém possa abordar e falar qualquer coisa. Nunca aconteceu, claro, mas não sei, é uma coisa minha, eu sinto isso, andando na rua também, e muitas vezes andando pela rua, ou por exemplo, você está lá no parque ambiental, por exemplo, você nota às vezes, acho que hoje em dia não muito, mas eu já anotei em momentos, em alguns anos atrás, deboche, piadinha, risadinha, sabe? Quando você passa e ouve piadinhas.

-Já aconteceu com você de, tipo, você está andando na rua e está passando um carro, e o cara fazer algum gesto, ou gritar, buzinar?

-Sim, fazer piadinha e tal, então, esses espaços públicos, assim, geralmente a gente fica um pouquinho mais, né, sei lá, mais receio, assim (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025).

Então, já teve caso, assim, de eu sentir que tão olhando diferente pra mim. Principalmente se eu tô com uma roupa mais diferente.

- Onde que aconteceu? Você pode falar?

-Olha, eu acho que já aconteceu em todos os lugares. Mas principalmente no calçadão ou na rua, quando eu tô andando na rua. Eu sinto uns olhares, assim, tipo, me medindo da cabeça aos pés, assim, um olhar meio de julgamento, sabe? Já aconteceu de eu estar, eu não sei se enquadraria, né, na questão de gay e afeminado, mas, de eu estar andando de mão dada com meu namorado na rua, e o cara abordar a gente e falar, nossa, mas vocês estão com falta de opção, né? E fazer uns comentários, assim, bem complicados. No shopping, uma vez, também, já falaram, é falaram não, mas, tipo, olharam, assim, de um jeito, e eu vi que essa pessoa comentou com outra pessoa sobre mim, daí olharam pra trás, e ficaram me olhando e conversando, assim. E porque eu tava com uma roupa diferente. Então, só, tipo, nunca chegou a agressão física de me atacar muito, assim, verbalmente, falar direto pra mim, mas eu sinto são mais olhares, e que eu vejo que as pessoas, às vezes, comentam. E o único caso, assim, que vieram falar diretamente, foi quando eu tava andando de mão dada com meu namorado, na frente da Feira de alimentação. E esse cara abordou a gente pra fazer um

comentário.

-Já que você tocou nesse assunto do namorado, você sente medo de demonstrar afeto em público?

-Sinto. Sinto. Essa é uma questão entre a gente, inclusive, entre eu e meu namorado. Eu tenho muito medo, eu acho que chega a ser mais medo, de demonstrar afeto. E aí, no dia que a gente tentou, que eu fiz esse esforço, assim, porque é difícil pra mim, sabe? Que eu fui e falei, não, então hoje, vou andar de mão dada na rua. Aí teve esse caso, sabe? Um cara abordar a gente e falar, fazer uns comentários. Então, eu tenho esse medo, esse medo de demonstrar afeto e sofrer alguma coisa, alguma violência, sabe? Eu não, assim, eu não me importo muito com o que as pessoas pensam e acham, mas eu tenho esse medo da violência, sabe? (Diamante Vermelho, Entrevista, Dezembro de 2025).

Quando eu era criança, eu sofria muito com a ideia de não poder juntar e usar as roupas que eu queria quando eu passeava, por exemplo, com as minhas tias no shopping. E eu via vitrines, manequins e roupas e eu pensava, meu Deus, se eu fosse mulher, eu usaria assim, assim e assado. Meu Deus, se eu pudesse, eu usaria de tal jeito, isso e aquilo. E cresci com isso por muito tempo. E tive uma infância azul, com carrinhos, em que eu sempre dava o meu truque, por exemplo, eu era obrigada a usar calça, mas o meu truque era que um dia eu me escondia atrás do sofá com uma tesoura e cortei todas as minhas calças para elas virarem flare, por exemplo, virarem boca de sino. Porque eu queria muito uma calça boca de sino, mas só mulheres podiam usar, embora também algumas décadas atrás eram os homens que usavam essas calças como moda e eram bem vistos por isso (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Que são receptivos? É uma palavra forte, eu acho que a palavra correta seria mais talvez respeitosos, igualitários porque receptivos nenhum deles é tão receptivo assim, a ponto de falar: aí gayzinho frequenta ou venha no shopping, sei lá, vem em uma praça não é tão assim! é mais por questão de aí respeitamos vocês também. Mas que não são legais para se frequentar, deixa eu pensar? eu acho que não tem, talvez, eu acho o que mais acontece, o lugar onde que mais acontece preconceito é no centro que, com certeza!

– Por que você acha isso?

– Porque tem a rua das baladas, né? Aí lá tem a Cavan e a Baia que ficam próximas, são muitas baladas diferentes muito próximas, então, um público que sai de uma acaba encontrando o público que sai de outra e isso acaba gerando homofobia, né? Esses episódios. No terminal central acontece muito porque tem um fluxo muito alto de pessoas, então, com certeza acontece e deve ter acontecido muitas discriminação ali (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Dessa forma, Hubbard *et al.* (2015) destaca como shoppings e áreas gentrificadas monitoram corpos. Isso se conecta diretamente à análise de Caldeira (2000) uma vez que o shopping em Ponta Grossa é um espaço de consumo que aceita o gay, desde que ele seja heteronormativo, assim o afeminado, ao romper essa estética, enfrenta o controle biopolítico descrito por Hubbard *et al.* (2015) que compreendem a cidade como um dispositivo de produção da heteronormatividade. Para os autores, a organização urbana não é neutra, mas sim orientada por uma ordem moral que busca marginalizar performances dissidentes. No caso dos homens gays afeminados nesta pesquisa, observa-se que eles desafiam a lógica da assimilação urbana descrita por Hubbard *et al.* (2015), pois ao ocuparem espaços centrais

com uma visibilidade não-higienizada, esses sujeitos exercem um direito à cidade que tensiona as fronteiras entre o público e o privado, expondo as táticas de controle e vigilância que operam na microgeografia urbana local. Por outro lado, a rua que deveria ser democrática torna-se perigosa. Sendo assim, Caldeira (2000) fundamenta a crise do espaço público, onde o gay afeminado não se sente seguro na rua pelo risco de violência física nem nos espaços privados pelo risco de exclusão simbólica e estigma.

Enquanto o gay homonormativo que performa a masculinidade hegemônica consegue transitar de forma invisível pelas ruas da cidade ou pelos shoppings, o gay afeminado torna a dissidência visível, desafiando o que Hopkins (2016) chama de geografias da exclusão. Além disso, McDowell (2003) nos permite analisar os shoppings e centros de serviços de Ponta Grossa como espaços onde a masculinidade afeminada é testada. Pois, a performance afeminada é um ato que denuncia o quanto o espaço de Ponta Grossa é generificado e restritivo. Portanto, para o gay afeminado, o shopping em Ponta Grossa pode ser um “lugar de opressão”(Rodó-Zárate, 2021) devido à vigilância privada e ao julgamento dos frequentadores.

Não distante, a cidade pode ter uma autopercepção de “progresso econômico”, mas manter um “atraso moral” em relação aos corpos de gays afeminados. Pois, Binnie (2004) discute como as elites locais tentam projetar uma imagem de cidade moderna através dos shoppings, enquanto mantém estruturas de policiamento de gênero que são pré-modernas. Assim, as dinâmicas espaciais de Ponta Grossa também podem ser lidas sob a ótica da globalização das sexualidades proposta por Binnie (2004). O autor destaca que a visibilidade LGBTQIAPN+ nas cidades contemporâneas está intrinsecamente ligada a circuitos de consumo e lógicas neoliberais de cidadania. No contexto local, o homem gay afeminado confronta essa lógica, pois sua presença nos espaços públicos da cidade média tensiona o ideal de um sujeito gay cosmopolita e discreto. Assim, a resistência desses sujeitos em Ponta Grossa revela o conflito entre o acesso a fluxos globais de identidade e a barreira dos localismos morais que tentam circunscrever a dissidência de gênero a espaços marginais ou invisíveis. Sobre as ruas Diamante Azul pontua uma estratégia de resistência interessante para lidar com as questões de violência:

[...] E aí, esse enfrentamento, acho que faz eu sobreviver nesse espaço de lazer, mas, ao mesmo tempo, em todo o espaço urbano da cidade, desde a hora em que eu saio da minha casa, eu aprendi um outro truque de sobrevivência, que foi usar fone de ouvido. Eu não saio de casa sem fone de ouvido, porque, hoje em dia, é uma situação prazerosa, mas, ao mesmo tempo, eu identifiquei, em um determinado momento da vida, que eu estava

muito cansado, eu identifiquei o potencial do fone de ouvido, no momento em que eu estava muito cansado de, em cada esquina, ser baitola junto de outros vários termos. E, de repente, eu comecei a usar fone por um prazer de ouvir música e, passado um bom tempo, que eu não sei quanto, talvez anos, de repente, junto com o processo de empoderamento e entendimento de mim, de que isso não era um pecado, um crime, nem errado, eu me toquei que eu não ouvia homofobia há muitos anos, mas não porque ela tinha deixado de acontecer, mas porque eu estava de fone na maior parte desses espaços. Então, eu só não ouvia. E isso fez com que esse processo foi também um processo de cura e ressignificação, porque eu já não tinha mais esse bombardeio na cabeça, mas eu tinha a Beyoncé torando no meu ritmo e fazendo ser uma modelo desfilando em qualquer rua, em sinaleiros, em esquinas da sociedade. E até hoje isso acontece. E eu tive esse entendimento do porque é que eu não ouvia mais homofobia. Então, todos os espaços de lazer, ou não, e outros da cidade, para mim, são acompanhados disso, o que faz com que hoje eles sejam mais prazerosos do que já foram (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025).

Dessa forma podemos dizer que para o homem heteronormativo em Ponta Grossa, ser respeitado na rua significa ocupar o espaço de forma expansiva. Já o gay afeminado, ao usar o espaço de forma diferente (gestos, voz, estética), é visto como um elemento que desrespeita a ordem visual da cidade. Assim, Jackson (1991) nos ajuda a entender que a violência é uma tentativa de restaurar essa respeitabilidade espacial masculina, logo, as paisagens urbanas não são neutras, elas são generificadas. Ou seja, a arquitetura, os monumentos e o uso das ruas em Ponta Grossa podem ser lidos como reflexos de uma identidade masculina conservadora. Nessa mesma direção, em Ponta Grossa, o shopping pode ser um local onde a estética gay é tolerada como nicho de consumo (o gay consumidor). Contudo, na rua (espaço público não comercial), essa mesma estética é punida, assim, o corpo afeminado é bem-vindo se estiver consumindo, mas é hostilizado se estiver apenas sendo e ocupando a calçada.

Desse modo, o medo/desconforto relatado pelos entrevistados não é apenas uma reação a um perigo real, mas a forma como os seus corpos leem a hostilidade do espaço. Nesse sentido, as emoções sentidas por eles moldam a forma como eles habitam ou evitam certas ruas da cidade (Ahmed, 2004). Logo, para muitos desses homens, as ruas de Ponta Grossa nunca chegam a ser “lugar” permanecem como um “espaço” perigoso onde o corpo precisa estar em constante movimento para não ser atingido (Tuan, 2015). Um outro relato forte aponta o Terminal Central e as ruas de Ponta Grossa como uma espacialidade de opressão é o de Diamante Verde:

É, todo tipo, né? Mas física também. Então, assim, eu tipo, pra mim é meio trauma, assim, sabe? Então, tipo, se eu tô andando na rua e vejo, tipo, um grupo de homens, assim, hoje em dia eu já tenho uma segurança que a *Drag* me trouxe. Mas, tipo, assim, dentro da minha cabeça é, tipo, assim, aquilo dura duas horas, sabe? Tipo, que eu fico assim, meu Deus, respire certo, tipo. E um negócio assim que, tipo, bicha, você não precisa mais disso. Eu mesmo já tenho esse lado de eu fico, tipo, assim, cara, não. Mas eu não consigo

evitar. Porque, por exemplo, tipo, a primeira vez que eu sofri violência, e só por ser eu, assim, foi no ensino médio, no terceiro ano. Onde, do nada, quatro meninos, tipo, me puxaram na saída da escola. Eu estudava no Sagrada Família na época. Tinha acabado de ganhar bolsa, assim. E aí eu tava saindo do colégio, um deles me puxou e começou a me xingar. Eu nem consegui prestar atenção, assim, porque foi, tipo, muito na correria. E eles foram me chutando do Sagrada Família até o Terminal Central. E, tipo, todo esse trajeto, passando pela avenida, sendo chutado, ninguém fez nada, tipo. E passaram pessoas conhecidas minhas, assim. Nossa, e, tipo, assim, eu me senti um lixo, sabe? Porque, tipo, assim. Então, ali foi acho que foi a primeira experiência que eu tive, assim, do Caralho, é aqui que eu moro, sabe? E aí, com 17 anos, assim, deslocaram o meu tornozelo de tanto chute. Eu fiquei um tempão de gesso, assim. Tive que fazer fisioterapia, natação e tudo mais pra voltar ao movimento. Até hoje meu tornozelo é bugado, na verdade, por causa disso. Sofro pra ficar de salto, tá? E eu lembro que quando eu coloquei o gesso, assim, que eu tive que ficar em casa, eu tava com muito ódio, assim. E foi quando eu decidi que eu ia me assumir. Tipo, que eu falei assim, cara, eu nunca mais quero apanhar. Tipo, e não poder falar nada. Porque eu lembro que enquanto eu tava apanhando, metade dos meninos não sabia que tava me batendo por homofobia, sabe? Metade deles tava me xingando de viadinho, e a outra metade tava, tipo, só ali. E, tipo, depois eu descobri que eles achavam que era uma outra coisa assim. Que eles tavam me batendo por causa de outra coisa que nunca existiu. E eu queria dizer, tipo, sabe? Tipo, é, sou bicha mesmo, não sei o quê. Mas eu não conseguia, porque eu tava no armário, né? E aí eu lembro, tipo, de estar com essa revolta, assim, e ficar, tipo, mano, se eu for apanhar, vai ser, tipo, assim, com orgulho da próxima vez, sabe? Então eu lembro dessa sensação, que é péssima, mas... Né? E... E aí decidi que ia me assumir, enfim. Depois eu sofri, tipo, violência mais algumas vezes na rua. Uma vez em *drag* também. Por último, esse ano ainda, eu e meu namorado, a gente foi cuspidos na rua. E apedrejado na rua. Apedrejado de leves, tipo, não nos machucamos, assim. Mas, tipo, assim, cara, de leves, mas não é de leves, né? A gente não se machucou, assim, fisicamente. Mas, tipo, cara, é muito revoltante. Porque, tipo, mesmo eu tendo, hoje em dia eu considero que eu tô com a minha vida meio resolvida, assim, nesses sentidos. E mesmo assim ainda tá essas coisas acontecendo, sabe? A única coisa de diferente é que eu tenho mais segurança hoje em dia. Tenho mais confiança em mim, assim. Mas é muito babado, sabe? Tipo pra mim, Ponta Grossa não é nada uma cidade segura. Então, tipo, o Vinícius, que é meu namorado, quando ele me conheceu, eu não conseguia pegar na mão dele na rua, tipo, hoje em dia eu consigo. Mas eu pensei, assim, ele, tipo, ele ficava, assim, tadinho, cara. E eu não conseguia, eu me tremia, assim. Eu chegava perto pra pegar na minha mão e a gente já tava namorando, assim. Eu não conseguia, tipo, real. Porque era pra mim muito gatilho. Porque uma das vezes que eu sofri violência foi no Terminal Central. Que eu tava ficando com um menino, ele pegou na minha mão. E na hora que a gente segurou na mão, assim, bateram na gente, tipo, então, porra, tipo, foram várias vezes. Eu não sei se sou eu que sou muito azarado, mas nossa, tipo, muitos dos meus amigos, assim, tem uma ou outra história, mas eu tenho várias. Então, Bem, Bem foda. Tipo, eu tenho muito medo, assim. Não consigo dizer um lugar específico, mas um medo geral (Diamante Verde, Entrevista, Novembro de 2025).

Sendo assim, Kimmel e Mahler (2003) nos ajudam a compreender essa situação de violência constante relatada por Diamante Verde como uma maneira de reforçar a masculinidade, pois a instabilidade dos espaços públicos provocada pela presença do gay afeminado, sobretudo no Terminal Central e na rua, obriga os outros homens ao redor a

reafirmarem sua masculinidade através da exclusão, do riso ou da violência. Evidenciando, portanto, que a masculinidade hegemônica se espacializa através da violência e opressão de corpos dissidentes. Ou seja, o Terminal Central de Ponta Grossa, é um espaço de vigilância mútua onde a arquitetura favorece o policiamento dos corpos dissidentes por parte dos outros cidadãos (Hubbard; Gorman-Murray & Nash, 2015). Dessa forma, a performance corporal do gay afeminado que não modula seus trejeitos em espaços como o Terminal Central de Ponta Grossa realiza o que Binnie e Valentine (1999) chamam de uma política de visibilidade radical. Portanto, em locais como o Terminal Central ou ruas, as agressões verbais e físicas ou o olhar intimidatório contra o afeminado serve para o agressor mostrar aos outros homens que ele é o homem que detém a virilidade e o poder representando assim uma masculinidade hegemônica. Logo, o espaço público de Ponta Grossa funciona, como uma arena onde a masculinidade é encenada e validada através da exclusão do diferente.

Mesma situação acontece nos espaços ligados ao agronegócio da cidade retratados por Diamante Azul e Diamante Amarelo:

E a primeira, a segunda, (referência as edições da Parada LGBTQIAPN+) e muitas outras o pessoal quis fazer, mas não aconteceram, ocorreu na Feira do Produtor, que fica numa região central, que tem uma cobertura, em que, quando as pessoas estão lá dentro, não se vê mais nada, embora seja numa região extremamente central, porque é totalmente fechado, de cima a baixo. E ali é muito significativo, eu acho, pensar nessa questão espacial, porque era também, digamos assim, um quintal da minha casa, porque eu morava ali em olarias, que era dois quadros para baixo da Feirinha. Então, a Feirinha era onde eu andava de patins, onde eu andava de bicicleta, onde eu desfilei, muitas vezes, me achando-se uma supermodelo, como uma criança afeminada, ou um adolescente afeminado. E também, muitas vezes, eu vivi muitos atos de denominação e constrangimento das pessoas ali.

-Que atos eram esses, exemplos?

-Atos como já aconteciam na escola, bicha, viado, viadinho, marica, mariquinha, maricon, sempre assim, do diminutivo ao aumentativo dos termos, sempre, e muitos. E aí, de repente, anos depois, era naquele mesmo espaço onde um dia, de certo modo, tentaram me e nos aniquilar, que aconteceu um ato de resistência muito importante para a história dessa cidade e do nosso movimento, que, com certeza, foi inspirado e possível graças à luta de muitas outras pessoas, sem dúvida nenhuma (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025, Grifo próprio).

Já eu acho que são na maioria desses lugares, são lugares que envolvem AGRO, isso Com certeza! Eu tento não deixar de ser do meu jeito, mas eu entendo que nesses lugares existe uma certa roupa específica que é usada, né? Não que eu não possa usar minhas roupas nesses lugares, mas, tipo, você ir em um rodeio, você tem que ir com um certo look para usar então esse look é um look mais heteronormativo por mais que eu deixe ele mais gay por assim dizer ele ainda assim é mais heteronormativo. não é que eu deixo de ser eu, mas acho que eu não sei, isso vai parecer esquisito, porque não é que eu deixo de ser quem eu sou ou mude por aquilo mas é que eu acho que talvez aquele estilo de roupa seja mais apropriada para aquele momento mas não por talvez eu vá sofrer homofobia por isso. [...] Tipo os rodeios e voltamos para o lugar do AGRO porque eu entendo que ali para mim sofrer

uma agressão física é muito maior então eu não quero que as pessoas entendam não que aquilo é uma provocação que talvez eu queira nada só tô mostrando afeto para uma pessoa que eu gosto e eu tento não fazer isso exageradamente (Diamante Amarelo, Entrevista, Junho de 2025).

Nesse sentido, podemos depreender que a masculinidade hegemônica em Ponta Grossa é ligada ao homem viril, trabalhador, muitas vezes associada à imagem do agronegócio ou da indústria. Dessa forma, esse forte histórico industrial e agropecuário ajuda a explicar que a agressividade contra o gay afeminado pode ser uma reação de homens que sentem que sua superioridade natural baseada na força física e no papel de provedor está sob ameaça. O que de certa forma estabelece uma relação McDowell (2003) no que tange a transição de uma economia industrial (fábricas, trabalho pesado) para uma economia de serviços e informação que tornou certas formas de masculinidade redundantes. Logo a performance afeminada é vista como um insulto à masculinidade hegemônica que já está em crise devido às mudanças no mercado de trabalho. Essa questão fica evidente no relato de Diamante Verde:

Meu último trabalho foi como soldador numa indústria. Então, tipo, é um outro ambiente, sabe? E como que foi essa experiência? Cara, era bem contraditório também. Eu sofria muito assédio de homens casados. Uma coisa, sim, que não choca ninguém. E os mesmos caras que, tipo, assediavam eram os caras que estavam sendo homofóbicos quando estavam em grupo, sabe? E é um ambiente muito masculinizado, assim, né? Tipo, o ambiente industrial é muito mais difícil pra você ser uma bicha ainda mais afeminada, assim. Tem muita gente incubada lá, né? Dentro do armário e afins, por medo, inclusive. Porque, pra mim, é tranquilo porque eu sei que se eu sair dali, eu tenho outras profissões. Mas eu tinha amigos, assim, que, tipo, era só aquilo que elas sabiam fazer. Elas tinham que estar naquele ambiente ou naquela profissão. Então, é, tipo, muito corticoide, muita ansiedade, muitas coisas acontecendo mentalmente ali enquanto você tem que soldar uma peça de carro, sabe? Mas eu acredito que, hoje em dia, no meu trabalho, é muito tranquilo. Eu também trabalho muito em casa. Então, isso me ajuda muito, porque eu também não tenho que estar muito presencial. Não preciso ver muito a cara dos héteros que existem lá. E, afim, eu chego, dou o meu nome e saio dando o sobrenome. Você entrega talento, você entrega beleza (Diamante Verde, Entrevista, Novembro de 2025).

Nesse sentido, podemos expressar que as relações com o trabalho para gays afeminados é dual, pois existem trabalhos como cabeleireiro (Diamante Marrom) e maquiador como Diamante Verde gera um determinado conforto para se trabalhar enquanto outras profissões como relatado acima estabelecem um campo de tensão e violência contra o gay afeminado. Não distante, a academia aparece como um espaço de medo para Diamante Laranja:

Eu acho que o ambiente da academia, assim, foi um ambiente onde eu ainda tenho um certo receio. Normalmente, à noite eu não vou. Porque eu sei que à

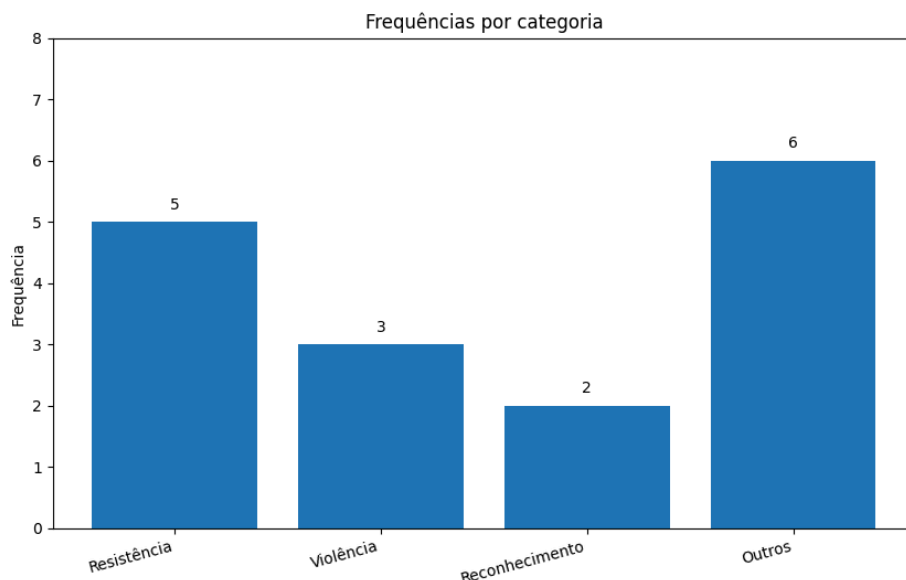
noite geralmente vai as pessoas mais marombadas e tal. E eu tenho medo... Ou de fazerem alguma coisa em relação a zombarem de mim, ou em relação ao banheiro. Acho que isso é um tabu ainda. Tanto que eu vou na academia geralmente manhã ou à tarde, eu não vou à noite. E geralmente à tarde eu vou e eu tenho bastante habilidade dentro da academia, treino com isso. Algumas pessoas lá que estão há dois, três anos também, mais ou menos o mesmo tempo que eu tô. E a maioria é hétero, homens héteros, mulheres héteras (Diamante Laranja, Entrevista, Novembro de 2025).

Esse relato demonstra que a geografia do medo e a heterossexualização do espaço (Valentine, 2001) provoca um olhar vigilante sobre os corpos de gays afeminados. Assim, as violências sofridas por homens gays afeminados em Ponta Grossa atingem sua camada mais crua quando tensionada pelo conceito de necropolítica de Mbembe (2006). Para o autor, o exercício do poder soberano manifesta-se na capacidade de decidir quais corpos são dignos de proteção e quais são abandonados à própria sorte. Ao mapear zonas de medo e opressão na cidade média, os colaboradores desta pesquisa revelam as engrenagens de uma política que torna o corpo afeminado um corpo à mercê da violência. A indiferença institucional e a hostilidade cotidiana configuram um estado de exceção espacial, onde a performance dissidente é punida com a morte social. Assim, a simples presença desses homens nos espaços públicos de Ponta Grossa deixa de ser apenas um deslocamento urbano para tornar-se uma afronta ao espaço cisheterossexualizado reforçando um ato de resistência vital contra as lógicas de morte que tentam silenciar as geografias do desejo.

Ao analisarmos mais de perto as escalas particulares da vivência cotidiana, os dados sugerem que a construção do espaço pelos envolvidos não se dá de maneira homogênea; cada ambiente urbano impõe distintas maneiras de controle e gera formas específicas de resistência. O ambiente educacional, frequentemente percebido na visão popular apenas como um local de opressão, revela-se nesta pesquisa como um espaço de criatividade ambivalente.

Observando os registros associados ao Contexto Escolar e Acadêmico (16 menções), observa-se que a Resistência (5 ocorrências) é mais frequente do que a Violência (3 ocorrências), conforme apresentado no gráfico abaixo.

Gráfico 8- Dinâmicas de Sentido no Espaço Escolar e Universitário



Organizado pelo autor

A análise do gráfico apresentado revela que a escola funciona como um “espaço de interseção”. A significativa presença de pessoas ligadas à Comunidade LGBTQIAPN+ e seus pares nesse cenário indica que, mesmo diante de hostilidades, o homem gay afeminado encontra, no ambiente escolar, a chance de se conectar com outros que compartilham de sua vivência. Em vez de promover o isolamento, a escola favorece a elaboração de estratégias conjuntas, tornando-se um espaço educativo fundamental para a proteção pessoal e para o amadurecimento político da identidade.

Ou seja, este gráfico nos ajuda a expressar que a resistência supera a violência e mostra que a escola é um espaço de disputa ativa, não apenas de sofrimento passivo. Assim, a violência escolar não é apenas homofóbica, ela também é especificamente punitiva contra a feminilidade no corpo masculino. Isso fica evidente nos relatos de Diamante Marrom e Diamante Verde ao relatarem uma série de violências dentro do espaço escolar:

Era muita violência psicológica, né, por parte dos outros alunos, meninos, até meninas também, porque como era muito diferente na época, não tinha essa questão de ai, todo mundo entendia, todo mundo aceitava, então parecia que era só eu na escola, entende? Então era bem complicado, inclusive já teve agressão física, sei lá, quebrar ovo na cabeça, empurrar no corredor, ameaça, era uma época complicada, assim, não era como hoje em dia que é um pouco melhor, claro que a gente tem muito preconceito ainda hoje em dia, mas é um pouquinho melhor, né, mas acho que na minha época era mais pesado (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025).

Mas tem algumas coisas que eu me lembro muito, assim, da infância, tipo, de primos meus e de colegas, assim, desde muito pequeno, tipo, zoandinho e tal. Mas quando eu era pequeno, tipo, 5, 6 anos, isso não me afetava muito. Eu acho que quando o bullying começou a me afetar mais, quando eu entrei ali,

tipo, na 5ª série, 6ª série, que começou a piorar, porque daí eu também tinha cabelo comprido. Era, assim, babado, sabe? E aí, era, tipo, muito zoadado, assim. Era, tipo, o nível das pessoas chegarem e baterem na minha nuca, assim, pra eu bater a cara na carteira, tipo. Umas coisas, tipo, meio foda, assim, pra uma criança de 10, 11 anos, tipo, que não tinha feito nada, sabe? E cheguei a sofrer bullying de professores também, nessa época. Eu tinha uma professora de educação física, que eu odeio ela até hoje, que, tipo, ela chegava na sala e ela separava meninos, meninas e **Diamante Verde**. Me deixava no meio, assim. E aí, eu ficava, tipo, super retraído, assim, porque eu ficava, tipo, meu Deus, o que ela vai fazer comigo hoje? Daí ela separava turma em xadrez pras meninas, futebol pros meninos, e daí ela me deixava sem fazer nada por uns 15 minutos, e aí eu falava, é, vai ter que ser xadrez mesmo, e jogava, assim. E, tipo, era muito humilhante, assim. Pesado. Tipo, eu com 10, 11 anos, sabe? Tipo, eu ainda, nessa época, eu ainda não sabia nada, tipo. Eu nem sabia que era gay, eu era, tipo, muito tapado mesmo, nessa época. Mas eu era muito foda, porque eu sabia que era porque eu era feminado. Então, era bem hard, assim. Escola era um negócio muito difícil pra mim. E eu amava estudar. Amo até hoje. São as contradições da vida, né? Ai, babado (Diamante Verde, Entrevista, Novembro de 2025, Grifo próprio).

Nesse sentido, Reis (2021) elenca que o ambiente escolar violento contribui para que alunos LGBTQIAPN+ mantenham-se no “armário” e/ou tenham dificuldade em se assumir para amigos, familiares e corpo docente. Também ficou evidente para Reis (2021) que existe uma resistência dos educadores e coordenadores em abordar temáticas que envolvem as discussões sobre gênero e sexualidade e essa condição alimenta um ciclo vicioso de violências à comunidade LGBTQIAPN+. Ou seja, se essa professora citada por Diamante Verde tivesse um comportamento de acolher com nosso entrevistado Diamante Laranja, poderia-se evitar essas situações de violência e exclusão relatadas.

Além disso, Borba (2023) aponta que as questões relacionadas à orientação sexual, como ser gay/lésbica e afeminado têm as maiores médias dentro das Escalas de Identificação da Violência Escolar (Crochik *et. al.*, 2018), o que indica que as pessoas que se identificam como gay ou lésbica, ou aquelas que são percebidas como afeminadas tendem a se tornarem vítimas de homofobia. Neste sentido, Borba (2023) conclui que a escola reproduz o sistema de dominação e opressão sobre os corpos não heteronormativos e que é necessário repensar novos modos de valorização e compreensão da diversidade de gênero e sexual nas escolas. Nessa mesma direção, Diamante Azul e Diamante Marrom elencam suas estratégias para lidar com essas violências tanto no ambiente escolar quanto na vida cotidiana:

Na época de infância e adolescência, quando aconteceram essas coisas, essas questões, eu acho que a minha defesa era ficar quieto, era me calar, era, sabe, tipo, não enfrentar. Porque acho que se eu tentasse enfrentar, seria pior. Depois, conforme os anos passaram, conforme o tempo passou, que aí eu fui me entendendo, me afirmando, e através, inclusive, através da *drag*. A partir do momento que eu comecei a me montar, eu comecei a falar, perai, não vou ficar quieto, não. Eu comecei a responder à altura. Eu comecei a, sabe, tipo, meio que enfrentar, comecei a meio que enfrentar mesmo, inclusive, pessoas, assim, que, ai, conhecidos, ou pessoas, por exemplo, as primeiras vezes que

eu apareci montado numa balada, teve gente que veio e queria, aí, mas como assim, isso aqui, o que é você? Você sentia uma diferença no olhar da pessoa, tipo? Sim, sentia, mas, assim, ao mesmo tempo, a *drag* me deu muita força, sabe, assim, tipo, a *drag* me empoderou. E aí, eu comecei a ver e falei, não, perai, não vou mais ficar quieto, não. E aí, eu comecei a rebater e sempre rebatendo com um argumento, com um embasamento, com, sabe, com coisas assim. Então, quem quis se afastar, se afastou. Quem achou que aquilo ali, aí, não é legal, beleza. Mas as pessoas começaram a respeitar, não, perai, o Diamante Marrom, empresário, cabeleireiro, é uma *Drag Queen* super conhecida na cidade, é ativista, luta pela causa e tal. Então, a *drag* também trouxe essa outra questão na minha vida (Diamante Marrom, Entrevista, Julho de 2025, Grifo próprio).

Mas eu tive diferentes estratégias, assim, para lidar com essas situações de constrangimento e ou violência. Mais de violência psicológica, simbólica, né? Não necessariamente de violências físicas, assim. Nunca experimentei uma violência física dentro da escola, por exemplo. Até onde eu me lembro. E na época da infância, o meu truque era ser a criança inteligente. Porque a criança inteligente, ela passa despercebida, mas eu tenho certeza que isso também só era possível porque existia uma articulação e um efeito de eu ser uma criança de uma família que participava da escola, por eu ser uma criança branca, por eu ser uma criança que tinha condições pouco melhores, talvez, do que as outras que eu estudava. Então, eram efeitos que causavam o fato de eu passar despercebido ou ser bem-vindo nos projetos da escola, por exemplo. Porque qualquer coisa que acontecia, qualquer projeto que vinha, que era diferente, era o **Diamante Azul** que ia fazer. Porque o **Diamante Azul** sabia ler, porque o **Diamante Azul** sabia fazer isso. E assim eu participei de todos os marentones intelectuais da escola naquela época. De todos os, não ganhei nenhuma. Mas participava de todos. Estava lá. E eu conseguia passar despercebido assim naquele período. Mas talvez mais para a escola e para os adultos da escola. Mas para as outras crianças, com certeza não. Porque elas nunca deixaram também de me identificar como, já naquela época, contando os outros termos depois daquele homem. Porque a minha impressão é que aquele homem abriu a porta do inferno. E aí depois eu tive muitos elementos para essa coleção de termos. E aí, quando eu era adolescente, eu tive outro truque, junto ainda dessa questão de ser estudioso. Porque quando você é estudioso e você faz as coisas da escola, é o seu único meio de negociação, às vezes. Porque você pode fazer um trabalho para um maldito que está sendo homofóbico com você. Você pode negociar em que você vai fazer tal atividade, ou vai livrar aquele aluno, aquela pessoa de tal situação, desde que você não seja tentado, ridicularizado, constrangido, desde a aula de educação física com futebol e com as escolhas que as bichas nunca são feitas naquele momento estranho e constrangedor, até qualquer corredor em que há uma junção de meninos supostamente cisgêneros e héteros, em que é um momento de terror passar do lado deles. A questão do banheiro também. E eu, com certeza, eu odiava ir no banheiro quando eu estava na escola. Eu ficava morrendo de medo de acontecer alguma coisa comigo dentro do banheiro. E aliado a isso, a essas negociações que envolviam estudo, tinha o deboche de engraçamento. O deboche de engraçamento foi outro truque que me livrou de muitas e que fez, nesse momento de adolescência, com que eu contornasse também essas situações de perseguição e violência. E aí, no ensino médio, eu vivia, acho, o meu ápice de conforto. Porque foi quando eu já, por ter crescido com esses meninos, com uma escola específica, e a mesma escola, eu já tinha garantido uma espécie de respeito entre essas pessoas, entre a escola. E aí, foi quando eu mandava e desmandava nos meninos, e eu tinha ótimas relações com eles. Mas foi por causa desses truques, assim. E, com certeza, eu não fui a única, porque cada vez que a gente conversa com outras bichas, a gente percebe isso também. De bichas que precisaram ser inteligentes para atribuir

algumas coisas. De bichas que precisaram ser debochadas para serem supostamente aceitas nos espaços, porque elas eram divertidas. E a escola foi um pouco disso pra mim (Diamante Azul, Entrevista, Novembro de 2025, Grifo próprio).

Assim como todos os membros da comunidade LGBTQIAPN+ os gays afeminados ao longo de suas trajetórias de vida desenvolveram estratégias às vezes conscientemente e às vezes inconscientemente para resistir às opressões da vida cotidiana, essas estratégias de resistência já começam a ser construídas logo nas infâncias nas relações com seus familiares e posteriormente na escola. Sobre as resistências construídas nas escolas Ferreira e Ferreira (2015) expressam que ao estudar jovens afeminados desenvolvem estratégias de permanência que envolvem alianças entre pares e apoio de alguns professores. Contudo, os autores afirmam que por uma falta de capacitação os trabalhadores educacionais também podem gerar violências contra estudantes gays afeminados.

Ao desafiar as expectativas de gênero e sexualidade, frequentemente gays afeminados se veem na necessidade de desenvolver complexas estratégias de resistência (Ferreira; Ferreira, 2015). Tais estratégias são cruciais para a permanência na escola, um espaço que, apesar de certos avanços em termos de inclusão, ainda se configura como um local de violência e opressão, nesse sentido, gays afeminados estão em uma posição de maior vulnerabilidade dentro desse contexto, enfrentando discriminação e bullying (Ferreira; Ferreira, 2015).

Ainda sobre resistência, Oliveira (2017) argumenta que as relações de resistência se estabelecem a partir de relações de poder e força. A autora articula suas reflexões a partir da concepção foucaultiana de onde há poder, há resistência, nesse sentido, as formas de resistência não tem uma forma estática e homogênea. Pois, pode-se usar de elementos característicos de cada indivíduo para resistir a determinadas situações com a “branquidade cis heterossexual hegemônica pode ser uma estratégia de resistência, mesmo porque o corpo não é um elemento inerte, passivo e pode, inclusive, utilizar-se da própria disciplina como tática para reagir contra ela” (Oliveira, 2017, p. 50). Ou seja, para quem não tem o privilégio da branquidade cis heterossexual fica mais difícil resistir.

Essas análises, Oliveira (2017) direciona seu olhar para as “(r)existências” – um termo que evoca tanto resistência quanto existência – de gays afeminados, viados e bichas pretas no ambiente escolar. A autora expõe como esses corpos, duplamente marginalizados pela homofobia e pelo racismo, são impactados de forma brutal e sistêmica dentro do espaço educacional. A escola, que deveria ser um local de acolhimento e desenvolvimento, muitas

vezes se torna um palco de tensões e violência para esses indivíduos. Oliveira (2017) ressalta os tensionamentos gerados pela dissidência desses corpos em relação à norma heteronormativa e branca que permeia o sistema educacional. A pesquisa de Oliveira sublinha a urgência de se discutir e combater as interseções de preconceitos, visibilizando as particularidades das experiências de gays afeminados e racializados, e apontando para a necessidade de criação de espaços mais inclusivos e seguros. Juntos, esses estudos revelam a complexidade das identidades de gênero e sexualidade, as estratégias de sobrevivência e resistência de indivíduos que desafiam o status quo, e a constante evolução das formas de expressão e vivência dentro da diversidade humana.

Nessa mesma direção, Duggan (1995) discute como a academia e as instituições muitas vezes têm dificuldade em processar trajetórias que não se encaixam em narrativas lineares ou comportadas. A autora, aponta que a história das identidades sexuais é muitas vezes marginalizada tanto pela história tradicional quanto por uma teoria *queer* por vezes abstrata demais. Dessa maneira, a postura de Diamante Laranja é o que Duggan (1995) defende como a importância da história local e da experiência vivida, logo a resistência não é apenas teórica, ela é uma prática disciplinar de sobrevivência.

Portanto, as discussões empreendidas neste capítulo evidenciaram que a vivência espacial dos homens gays afeminados em Ponta Grossa é marcada por uma dualidade constante entre a busca por alívio e o enfrentamento dos conflitos em busca de uma vivência espacial segura. De um lado, observou-se que o acolhimento, seja por meio de parcerias estratégicas, da sociabilidade em nichos específicos ou da reterritorialização no espaço doméstico, oferece respiros vitais para a manutenção dessas subjetividades. Não distante, é notório que a cidade opera sob uma lógica que utiliza o insulto, o olhar vigilante e a exclusão institucional como ferramentas para corrigir ou apagar os corpos que não se curvam à cisheteronormatividade.

Esses tensionamentos demonstram que o espaço geográfico não é um cenário neutro, mas um campo de forças onde a performance corporal afeminada atua como um elemento político de desestabilização. A análise das experiências de dor e resistência aqui apresentadas revela que o direito à cidade para esses sujeitos é uma conquista negociada diariamente, muitas vezes ao custo de uma autocorreção corporal ou de uma vigilância constante.

Por fim, a partir dessas trajetórias marcadas por silenciamentos e insurgências, as considerações finais buscarão amarrar os principais achados do estudo, refletindo sobre como a Geografia do Gênero e da Sexualidade pode contribuir para o planejamento de cidades mais

plurais e seguras, onde ser afeminado deixe de ser um ato de risco para consolidar-se como um direito pleno de existir na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das vivências de homens gays afeminados em Ponta Grossa permite concluir que o espaço geográfico não é apenas um cenário onde a vida ocorre, mas uma dimensão ativa que molda, sanciona e, por vezes, é subvertida pelas performances corporais. Ao cruzarmos os dados empíricos com o aporte teórico mobilizado, percebe-se que a cidade média opera através de uma complexa geografia da exclusão e da resistência.

Nesse sentido, a pesquisa demonstra que o espaço urbano de Ponta Grossa não é neutro, mas uma estrutura ativamente cisheteronormatizada que utiliza o controle dos corpos para manter uma hegemonia conservadora. Sendo assim, a figura do homem gay afeminado surge como o principal agente tensionador dessa dinâmica, enquanto o gay homonormativo pode desfrutar de uma cidadania condicional, o afeminado, ao carregar a dissidência na sua performance corporal, expõe as fragilidades e a violência da norma local. Logo, o corpo afeminado em Ponta Grossa é um corpo político e geográfico, ou seja, ele não apenas ocupa o espaço, ele o tensiona e o reconfigura.

Dessa forma, o processo de autoidentificação constitui-se através de uma memória corporal de resistência. Conforme observado nos relatos, a identificação não é apenas uma escolha de orientação sexual, mas o reconhecimento de uma subjetividade que se expressa pelos gestos, voz e estética. Essa identificação é forjada no tensionamento entre a “dor de ser” (Bento, 2011) e a recusa ao estigma (Goffman, 1988). Logo, identificar-se como afeminado em Ponta Grossa é assumir uma identidade política que compreende que o corpo é o lugar primordial da experiência (Tuan, 1990), transformando o que a sociedade rotula como fraqueza ou desvio em uma marca de autenticidade e pertencimento a um grupo dissidente.

Nessa mesma direção, o reconhecimento social desses traços ocorre através de uma vigilância estética e moral. A sociedade local opera sob uma “economia afetiva” (Ahmed, 2004), onde o olhar do outro cola o rótulo de afeminado a gestos que desviam da rigidez masculina. Em espaços como o Terminal Central ou ruas, esses traços são reconhecidos como insultos à paisagem de respeitabilidade (Jackson, 1991). Portanto, o reconhecimento não é neutro, ele é pedagógico e punitivo, ou seja, socialmente, a afeminação é lida como uma perda de capital masculino, o que autoriza o entorno a exercer desde o julgamento visual silencioso até a agressão verbal, visando corrigir o desalinhamento do corpo com o espaço.

Sendo assim, as performances corporais constituem tensionamentos na medida que o corpo afeminado atua como um agente de desnaturalização. Em Ponta Grossa, o espaço não é apenas um palco, mas um produto de “práticas citacionais” (Gregson; Rose, 2000) que

repetem a masculinidade viril e a heterossexualidade como normas. O gay afeminado, ao recusar a máscara da discrição, rompe a falsa transparência dessa paisagem conservadora. O tensionamento ocorre porque a sua presença física obriga o espaço a revelar-se como repressivo, ele força uma renegociação do que é permitido ver no centro da cidade, transformando a rua, que deveria ser neutra, em um campo de disputa política e moral. Nessa mesma direção, podemos depreender que a masculinidade afeminada pode de certa maneira subverter a concepção de masculinidade hegemônica para além da masculinidade subordinada, pois ao incorporar aspectos da feminilidade traz à tona uma nova ideia de masculinidade.

Um outro ponto importante é que as performances corporais em Ponta Grossa revelam que os tensionamentos espaciais não são determinados exclusivamente pela sexualidade, mas resultam de uma matriz interseccional de poder. Conforme aponta Oswin (2008), a heteronormatividade é uma estrutura que se cruza com raça e classe social, ditando diferentes níveis de vulnerabilidade e resistência. Nesta pesquisa, observou-se que a experiência do corpo fora do lugar é agravada quando a performance afeminada converge com a precariedade socioeconômica ou com o racismo estrutural. Que reforça que a produção do espaço em Ponta Grossa é seletiva, pois a exclusão não atinge todos os afeminados da mesma forma. Dessa forma, a interseccionalidade nos permitiu compreender que o direito à cidade é distribuído de forma desigual, onde a cor da pele e o capital econômico funcionam como atenuantes ou agravantes do estigma corporal, definindo quem pode simplesmente transitar e quem é submetido a uma vigilância punitiva constante.

Não distante, a compreensão dos tensionamentos espaciais em Ponta Grossa exige, por fim, o reconhecimento de que a cisheteronormatividade que molda a cidade é um desdobramento da colonialidade do poder e do gênero. Ou seja, a perspectiva decolonial, nessa pesquisa identifica que a hostilidade dirigida ao homem gay afeminado é uma reiteração de modelos de masculinidade hegemônica importados, que historicamente buscaram erradicar formas dissidentes de existir e de expressar o corpo no Sul Global. Conforme a análise de Mbembe (2006) e as críticas decoloniais à geografia das sexualidades, o corpo afeminado é lido como um corpo que desobedece à ordem colonial de produtividade e virilidade. Logo, em Ponta Grossa, essa desobediência é punida através de uma organização espacial que privilegia a estética eurocêntrica do homem branco, cisgênero e discreto. Assim, a resistência dos gays afeminados não é apenas uma luta por direitos civis, mas um ato de desobediência epistêmica e corporal. Pois, ao ocupar os espaços públicos com performances que desafiam a binarização

colonial, estes sujeitos estão a descolonizar o quotidiano da cidade média paranaense.

Portanto, os tensionamentos estabelecem-se através de uma cartografia paradoxal de prazer e perigo (Bell, 1995). De um lado, há a vivência da topofobia (Tuan, 1990), onde o espaço urbano é sentido como um espaço necropolítico (Mbembe, 2006) que ameaça a integridade do sujeito. De outro, estabelecem-se táticas de ocupação que buscam criar fendas de liberdade na cidade. O tensionamento é constante, pois o gay afeminado em Ponta Grossa vive em estado de alerta, monitorando as “impressões” (Ahmed, 2004) do ambiente para decidir se pode performar sua identidade plenamente ou se precisa recuar. Assim, o tensionamento é a própria forma de habitar a cidade que gera uma negociação diária entre o direito de existir e o risco de ser punido pela visibilidade.

Contudo, essa dissertação não encerra o debate, mas convoca novos olhares para pesquisas futuras sobre como a masculinidade afeminada e a performance afeminada se manifesta em homens heterossexuais e como isso se reverbera espacialmente e socialmente. Também podemos nos aprofundar nas questões que envolvem as corporeidades e espacialidades de *Drag Queens* em Ponta Grossa, pois apesar de citá-las diversas vezes, ainda, é possível se aprofundar na subversão que as mesmas provocam tanto espacial quanto subjetivamente. Bem como investigar as transformações nas vivências espaciais de gays afeminados diante do envelhecimento e do avanço das tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

AHMED, S.. Collective feelings: Or, the impressions left by others. **Theory, culture & society**, v. 21, n. 2, p. 25-42, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0263276404042133> Acesso em: 20 nov. 2025.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1o ed. 1977. 1995.

BELARMINO, V. H.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. Cidade, sociabilidade gay e afeminação: uma experiência interseccional. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 2, p. 100-120, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.13.i2.0006>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BELARMINO, V. H.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. Cotidiano e a experiência urbana gay: afeminação como categoria analítica. **Revista Estudos Feministas**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2024v32n289631>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BELARMINO, V. H.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. Experiência urbana gay afeminada e modos de resistência na cidade contemporânea. **Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.15016>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BELL, D.. Pleasure and danger: the paradoxical spaces of sexual citizenship. **Political Geography**, v. 14, n. 2, p. 139-153, 1995. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0962-6298\(95\)91661-M](https://doi.org/10.1016/0962-6298(95)91661-M) Acesso em: 20 nov. 2025.

BELL, D.; VALENTINE, G. **Mapping desire: geographies of sexualities**. London: Routledge, 1995.

BELL, D.; BINNIE, J.. Authenticating queer space: Citizenship, urbanism and governance. **Urban studies**, v. 41, n. 9, p. 1807-1820, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0042098042000243165> Acesso em: 20 nov. 2025.

BENTO, B.. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRRN, 2012.

BERG, L. D.; LONGHURST, R.. Placing Masculinities and Geography. **Gender, Place and Culture**, v. 10, n. 4, p. 351-360, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0966369032000153322> Acesso em: 20 nov. 2025.

BINNIE, J. Coming out of geography: towards a queer epistemology? **Environment and Planning D: Society and Space**, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1068/d150223> Acesso em: 20 nov. 2025.

BINNIE, J.. VALENTINE, G.. Geographies of sexuality-a review of progress. **Progress in human geography**, v. 23, n. 2, p. 175-187, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030913259902300202> Acesso em: 20 nov. 2025.

BINNIE, J.. **The globalization of sexuality**. London: Sage, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/003803850604000311> Acesso em: 05 mai. 2025.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C.. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BORBA, I. A. P. de. **Gênero, sexualidade e violência na escola**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023.

BRASILIANSE, D. R.; ARAÚJO, V. A. As representações do masculino nas páginas pornográficas do site Hotboys. *Lumina*, v. 14, n. 3, p. 130-148, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2020.v14.26116>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BROWNE, K.; LIM, J.; BROWN, G. (Ed.). **Geographies of sexualities: Theory, practices and politics**. Ashgate Publishing, Ltd., 2009.

BROWNE, K.. Challenging queer geographies. *Antipode*, v. 38, p. 885–893, 2006. Disponível em: DOI:[10.1111/j.1467-8330.2006.00483.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.2006.00483.x) Acesso em: 20 nov. 2025.

BROWNE, K.. Contestando o privilégio anglo-americano na produção do conhecimento em geografias das sexualidades e de gênero. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa, p. 135-156, 2014.

BROWN, M. P. **Closet space: geographies of metaphor from the body to the globe**. London: Routledge, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203991985> Acesso em: 05 mai. 2025.

BROWN, G.. Pensando além da homonormatividade: explorações performativas de economias gays diversificadas. *Revista latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 4, n. 1, p. 125-138, 2013.

BUTLER, J.. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Bodies that matter**: on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1993.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Editora 34, 2000.

CAHILL, C.. **The personal is political**: developing new subjectivities through participatory action research. *Gender, Place & Culture*, v. 14, n. 3, p. 267-292, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09663690701324904> Acesso em: 17 nov. 2025.

CAHILL, C., SULTANA, F. PAIN, R.. **Participatory Ethics: Politics, Practices, Institutions**. ACME: An International E-Journal for Critical Geographies Volume 6, Issue 3,

Pp. 304 – 318. 2007.

CALEGARI, L. C. A mulher no cinema brasileiro e a tentativa de afastamento da heteronormatividade: uma leitura de Dona Flor e seus dois maridos. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X74006> Acesso em: 10 nov. 2025.

CARVALHO, G. P. de. Pensamento pós-colonial, gênero e poder em María Lugones: multiplicidade ontológica e multiculturalismo. **Trans/Form/Ação**, v. 45, n. spe, p. 311-338, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2022.v45esp.16.p311> Acesso em: 20 out. 2025.

COLLINS, P. H.; BILGE, S.. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

COLLING, L.; ARRUDA, M. S.; NONATO, M. N. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cadernos Pagu**, p. e195702, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900570002>. Acesso em: 10 out. 2025.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. **Gender: In World Perspective**. 2nd ed. Cambridge: Polity Press, 2009.

CONNERTON, P. **How societies remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

CORNEJO, G. Contra la familia: ¿Cómo hacer justicia a los niños afeminados?. **Nómadas**, n. 35, p. 139-154, 2011b.

CORNEJO, G. La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía “queer”. **Íconos-Revista de Ciencias Sociales**, n. 39, p. 79-95, 2011a. Disponível em: <https://doi.org/10.17141/iconos.39.2011.747> Acesso em: 16 nov. 2025.

COSTA, B. P. da. Geografias, masculinidades e homoerotismo: teorias, práticas e posicionalidades da pesquisa. SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B.. **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa. Toda Palavra, p. 329-356, 2011.

COSTA, B. P. As microterritorialidades nas cidades: reflexões sobre as convivências homoafetivas e/ou homoeróticas. DOI: 10.5212/TerraPlural.v.6i2.0005. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 257–272, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/3187> . Acesso em: 20 abr. 2026.

CUNHA, J. R. A. L. A reprodução do comportamento social heteronormativo dentro do meio homossexual: a marginalização dos LGBT com foco nos gays “afeminados”. **Revista Percursos de Antropologia**, São Paulo, 2016.

CRENSHAW, K.. Cartografiando los márgenes. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, 1991.

CROCHÍK, JL *et al.* Hierarquias escolares: desempenho e popularidade. **Educ**.

Pesqui. São Paulo, v. 44, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201710167836> Acesso em: 08 dez. 2025.

DUGGAN, L. The new homonormativity: the sexual politics of neoliberalism. In: CASTRONOVO, R.; NELSON, D. (org.). **Materialising Democracy: Towards a Revitalized Cultural Politics**. Durham, NC: Duke University Press, 2002. p. 175–194.

DUGGAN, L.. The discipline problem: Queer theory meets lesbian and gay history. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 2, n. 3, p. 179-191, 1995.

FERREIRA, C. C.; FERREIRA, S. P. A. Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: estratégias de resistência e permanência. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 21, n. 2, p. 103-138, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672770871007>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

FURLONG, A.. Tolerância das performances de raça e classe na Zona Sul entre Homens queers do Rio de Janeiro. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 161-175, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/Rlagg.v.1.i2.161175> Acesso em: 20 ago. 2025.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOMES, F. B.. **Necropolíticas espaciais e a instituição de masculinidades de jovens homens envolvidos na violência homicida na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

GUIMARÃES, A. F. P. **Performances e performatividades de gênero por corpos dissidentes**: um estudo sobre trajetórias de gays afeminados que atuam como drag-queens. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/anderson_fontes_tese.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

GREGSON, N.; ROSE, G.. Taking Butler elsewhere: performativities, spatialities and subjectivities. **Environment and Planning D: Society and space**, v. 18, n. 4, p. 433-452, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1068/d232> Acesso em: 08 nov. 2025.

HAESBAERT, R. Del cuerpo-territorio al territorio-cuerpo (de la Tierra): contribuciones decoloniales. **Cultura y representaciones sociales**, v. 15, n. 29, p. 267-301, 2020.

HALBERSTAM, J.. **In a Queer Time and Place**: Transgender Bodies, Subcultural Lives. New York: New York University Press, 2005.

HALBWACHS, M.. **La mémoire collective**. Albin Michel, 1997.

HANKE, W. **Espaço, interseccionalidades e vivência cotidiana gay na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 2016. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

HARAWAY, D. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

HOPKINS, P. E. Women, men, positionalities and emotion: Doing feminist geographies of religion. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.14288/acme.v8i1.818> Acesso em: 20 dez. 2025.

HOPKINS, P.. Mulheres, homens, posicionalidades e emoções: fazendo geografias feministas da religião In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016.

HUBBARD, P.; GORMAN-MURRAY, A.; NASH, C. J. Cities and sexualities. **Handbook of the Sociology of Sexualities**, p. 287-303, 2015.

HUBBARD, P.. Desire/disgust: mapping the moral contours of heterosexuality. **Progress in human geography**, v. 24, n. 2, p. 191-217, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/030913200667195279> Acesso em: 05 jan. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/merces.html>. Acesso em: 15 jul. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/ponta-grossa.html>. Acesso em: 15 jul. 2025.

JACKSON, P.. The cultural politics of masculinity: towards a social geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, p. 199-213, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/622614> Acesso em: 23 dez. 2025.

JACKSON, P.. Black male: advertising and the cultural politics of masculinity. **Gender, Place and Culture: A Journal of Feminist Geography**, v. 1, n. 1, p. 49-59, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09663699408721200> Acesso em: 23 dez. 2025.

KIMMEL, M. S.; MAHLER, M. Adolescent Masculinity, Homophobia, and Violence: Random School Shootings, 1982-2001. **American Behavioral Scientist**, v. 46, n. 10, p. 1439-1458, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002764203046010010> Acesso em: 02 ago. 2025.

KNOPP, L.. On the relationship between queer and feminist geographies. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 47-55, 2007. Disponível em:

<https://doi.org/10.1111/j.1467-9272.2007.00590.x> Acesso em: 23 dez. 2025.

LEE, D.. A geografia de uma travesti é uma barra, é matar um leão a cada dia. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs.). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991.

LIMA, V. H. B. **As experiências urbanas de homens gays afeminados na cidade do Natal**. 2023. 254 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

LOPES, O. G. Gays afeminados ou a poluição homoerótica. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 7, p. 405-422, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acesso em: 23 jul. 2025.

LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L.. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MAIA, C. E. S.; DUTRA, R. G. Liberdade, diversidade e excessos sob as cores do arco-íris: reflexões sobre a *rainbow fest* juizforana. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 32, n. 2, p. 71-92, 2012.

MASSEY, D. Masculinidade, dualidades e alta tecnologia. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016.

MASSEY, D.. **Space, Place and Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MASSEY, D.. **For Space**. London: SAGE, 2005.

MATTOS, A. R.; CIDADE, M. L. R.. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 132-153, 2016.

MBEMBE, A.. Nécropolitique. **Raisons politiques**, v. 21, n. 1, p. 29-60, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/rai.021.0029> Acesso em: 23 jan. 2026.

MCDOWELL, L.. **Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas**. Madrid: Cátedra, 2000.

MCDOWELL, L.. **Redundant Masculinities? Employment change and white working class youth**. Oxford: Blackwell, 2003.

MEDEL-BAO, J.. Cuerpos protohomosexuales afeminados: subjetividades culturales gays en construcción. La traición de Rita Hayworth de Manuel Puig. **Anclajes**, Santa Rosa, v. 23, n. 3,

p. 11-22, set./dez. 2019. Disponível em:
<https://doi.org/https://doi.org/10.19137/anclajes-2019-2332> Acesso em: 03 jun. 2025.

MOURA, R. G.; NASCIMENTO, R. P. A dominação masculina e a gestão da diversidade: um estudo com sujeitos gays residentes no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 2, p. 30-56, 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.5212//Rlagg.v.11.i2.0002> Acesso em: 18 jul. 2025.

OLIVEIRA, M. R. G. **O diabo em forma de gente**: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, M. R. G. de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 9, p. 161-191, 2018. Disponível em:
<https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25762>. Acesso em: 13 mai. 2025.

OSWIN, N. Critical geographies and the uses of sexuality: Deconstructing queer space. **Progress in Human Geography**, v. 32, n. 1, p. 89-103, 2008. Disponível em:
<https://doi.org/10.1177/0309132507085213> Acesso em: 23 set. 2025.

Ponta Grossa(PR). Lei Nº 12.180 e decreto nº11.024/2016. Cria CONSELHO MUNICIPAL LGBT. Ponta Grossa: Câmara Municipal, 2015. Disponível em:
eismunicipais.com.br/a1/pr/p/ponta-grossa/lei-ordinaria/2015/1218/12180/lei-ordinaria-n-12180-2015-cria-o-conselho-municipal-lgbt-cmlgbt-no-ambito-do-municipio-de-ponta-grossa-e-da-outras-providencias?q=12180 Acesso em: nov. 2025

PACHECO, B.; CLECYA, A.; DE FREITAS, R. O. Feminilidades em corpos lidos como masculinos e femininos: pensando o corpo a partir dos gestos. **fólio: Revista de Letras**, v. 14, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/folio.v14i1.10748>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Madrid: Opera Prima, 2002.

PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

QUIJANO, A. A colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIVY, R.; VAN CAMPENHOUDT, L.. **Manual de investigação em ciências sociais**. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RAMOS, M. M. *et al.* Modelo relacional de la antiafeminación en hombres no-heterossexuales: estudio exploratório. **Revista Subjetividades**, v. 21, n. 2, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i2.e10752> Acesso em: 02 jun. 2025.

REIS, A. F.. Bullying, homofobia e violência no espaço da escola: Pensando gênero, sexualidade e práticas sociais a partir de uma pesquisa de campo. **Conjecturas**, v. 21, n. 2, p.

409-425, 2021.

REZENDE, R.; COTTA, D. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura**, v. 13, n. 2, 2015.

RODÓ-ZÁRATE, M. **Interseccionalidad. Desigualdades, lugares y emociones**. Bellaterra: Edicions/Serie general universitaria, Asparkia, 2021.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Developing geographies of intersectionality with Relief Maps: reflections from youth research in Manresa, Catalonia. **Gender, place & culture**, v. 21, n. 8, p. 925-944, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2013.817974> Acesso em: 13 dez. 2025.

ROSE, G. **Feminism & geography**: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993. p. 137-143; 150-160.

ROSE, G. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 3, p. 305-320, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/030913297673302122> Acesso em: 23 set. 2025.

SANTIAGO, A. C.; CASTELLO, N. F. V.; RODRIGUES, A. Bichas destruidoras mesmo: construindo uma viada bem afeminada. **Periferia**, v. 9, n. 2, p. 156-180, 2017.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEDGWICK, E. K.. A epistemologia do armário. Tradução de Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003> Acesso em: 08 out. 2025.

SILVA, J. C.; PEREIRA, J. D. S.; PONTES, N. L. M. T. “Não sou, nem curto afeminados”: violação de direitos, masculinidades e afeminofobia na construção identitária dos gays afeminados em aplicativos de relacionamento. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 13, p. 249-274, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2021.13.10810>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SILVA, J. M. As alianças das perspectivas feministas e cultural para superar ausências e silêncios na Geografia brasileira. In: **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Antonina: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina, 2009. p. 221-242.

SILVA, J. M.. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades**, v. 1, p. 25-54, 2009.

SILVA, J. M. Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica. In: **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre/Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 28-36.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; JUNIOR, A. B. C. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41,

p. 63-77, 2019.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.. (Orgs.). Espaço e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro. In: **Espaço, Gênero e Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

SMITH, A. S. P. O.; SANTOS, J. L. O. Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos. **Revista Direito e Práxis**, v. 8, p. 1083-1112, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/dep.2017.21477> Acesso em: 06 dez. 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: A study of environmental perception, attitudes, and values**. Columbia University Press, 1990.

VALENTINE, G.; SKELTON, T. Finding oneself, losing oneself: the lesbian and gay 'scene' as a paradoxical space. In: **Queer Economics**. Routledge, p. 849-866. 2013.

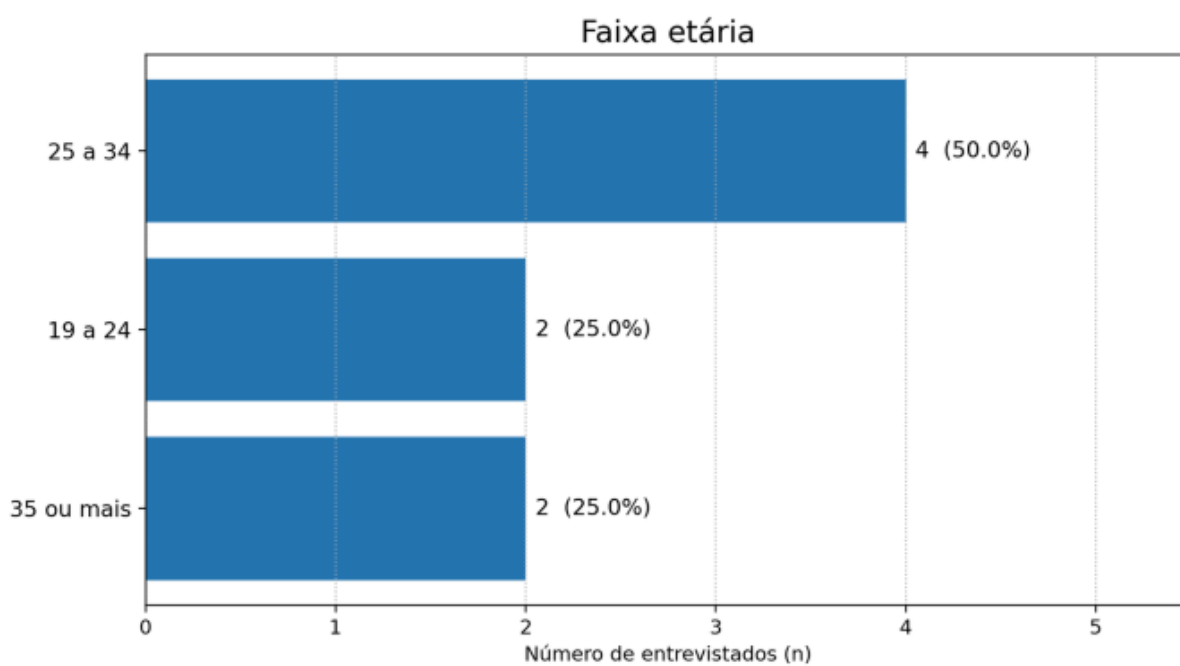
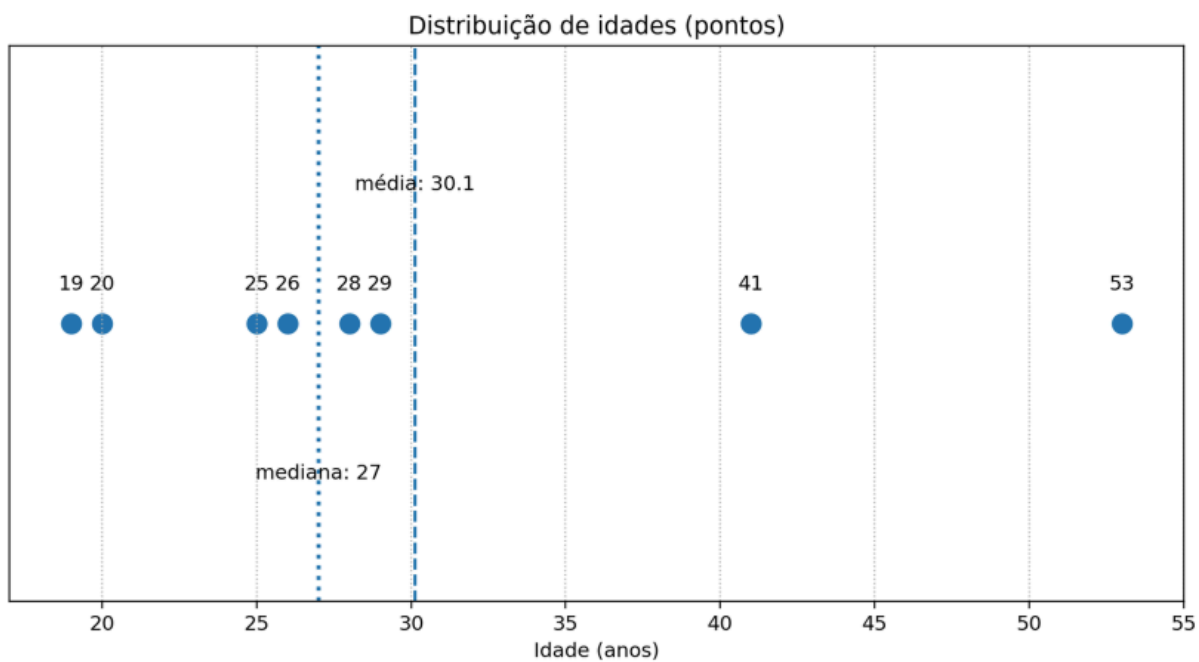
VALENTINE, G.. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9272.2007.00587.x> Acesso em: 09 dez. 2025.

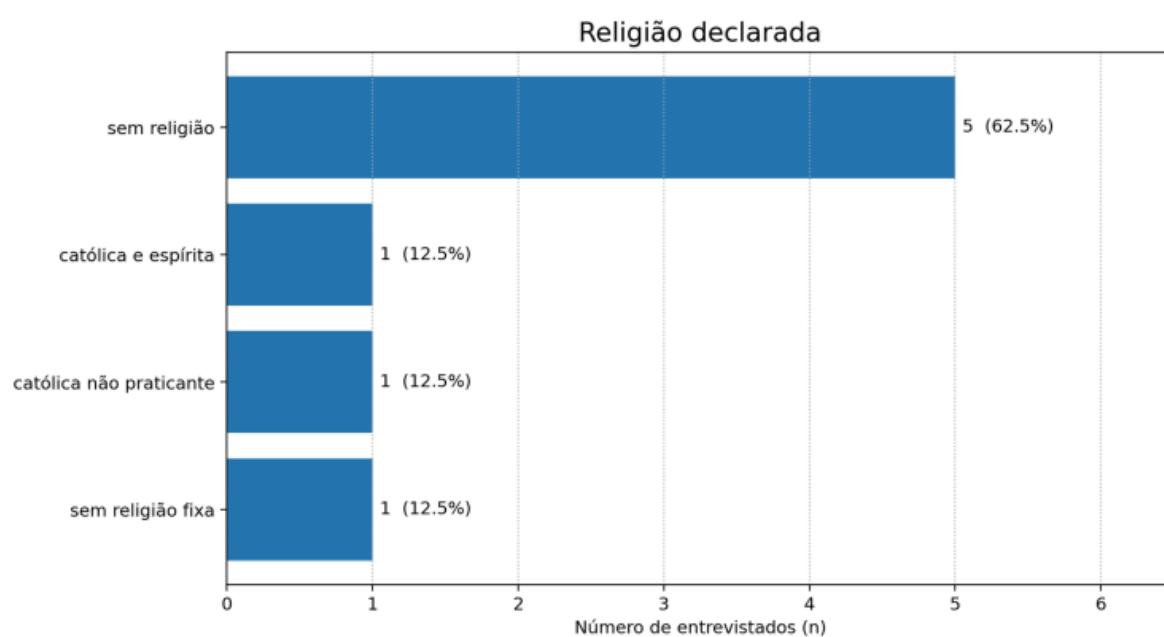
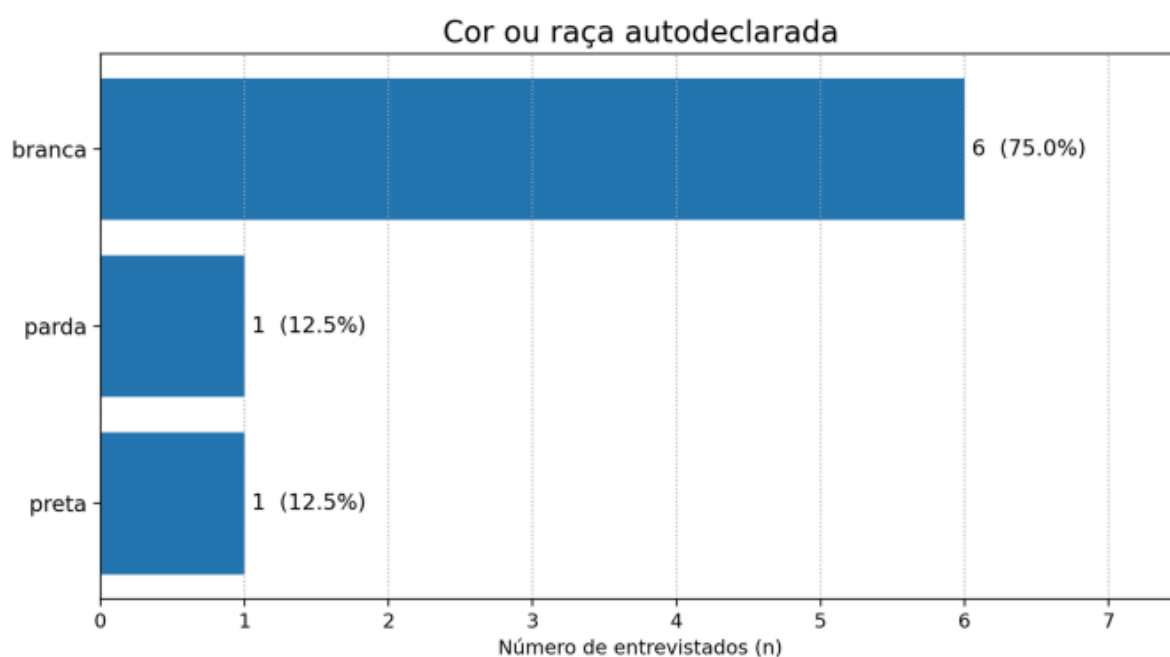
VALENTINE, G.. **Social geographies: Space and society**. Routledge, 2001.

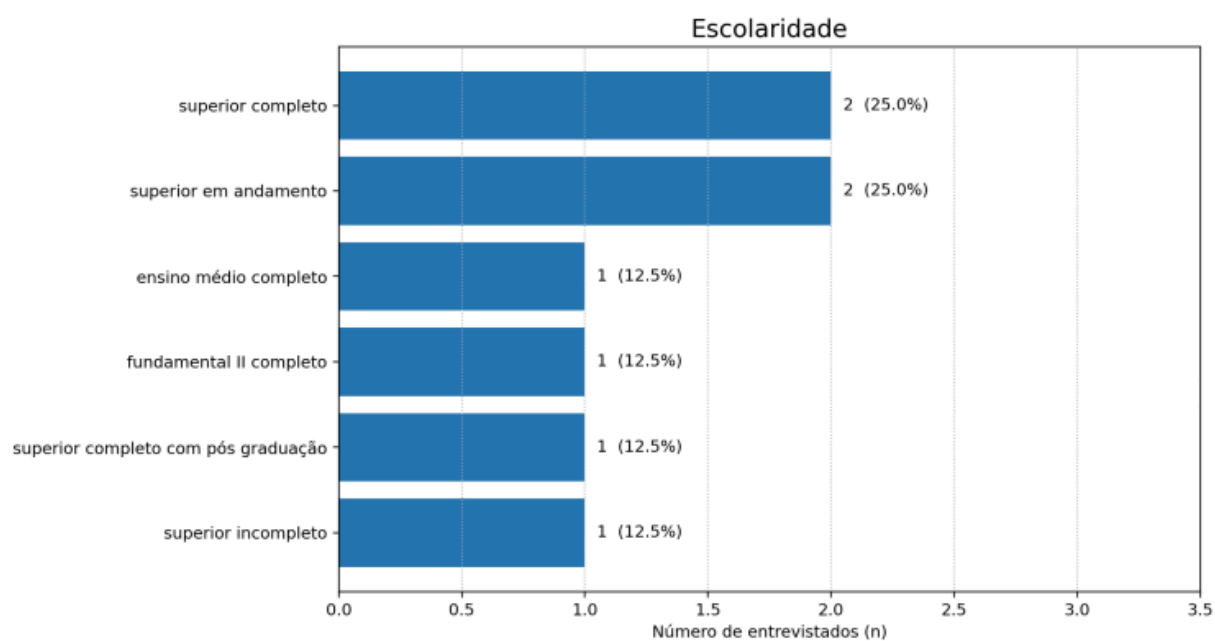
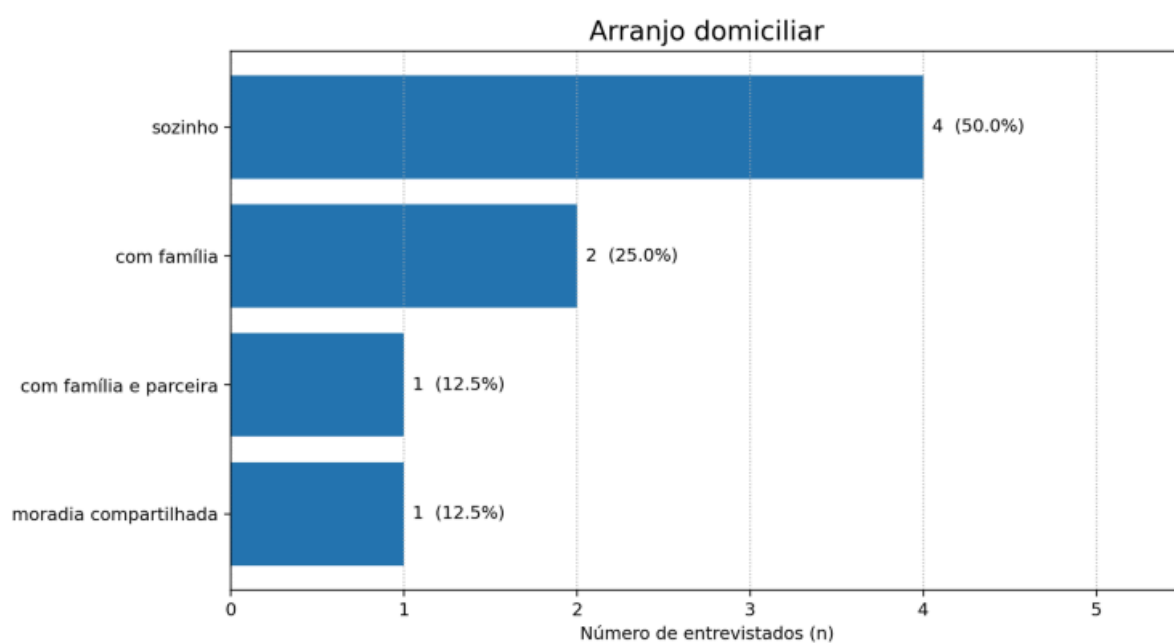
WEEKS, J.. The Sexual Citizen. **Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 3, p. 35-52, ago. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0263276498015003003> Acesso em: 02 dez. 2025.

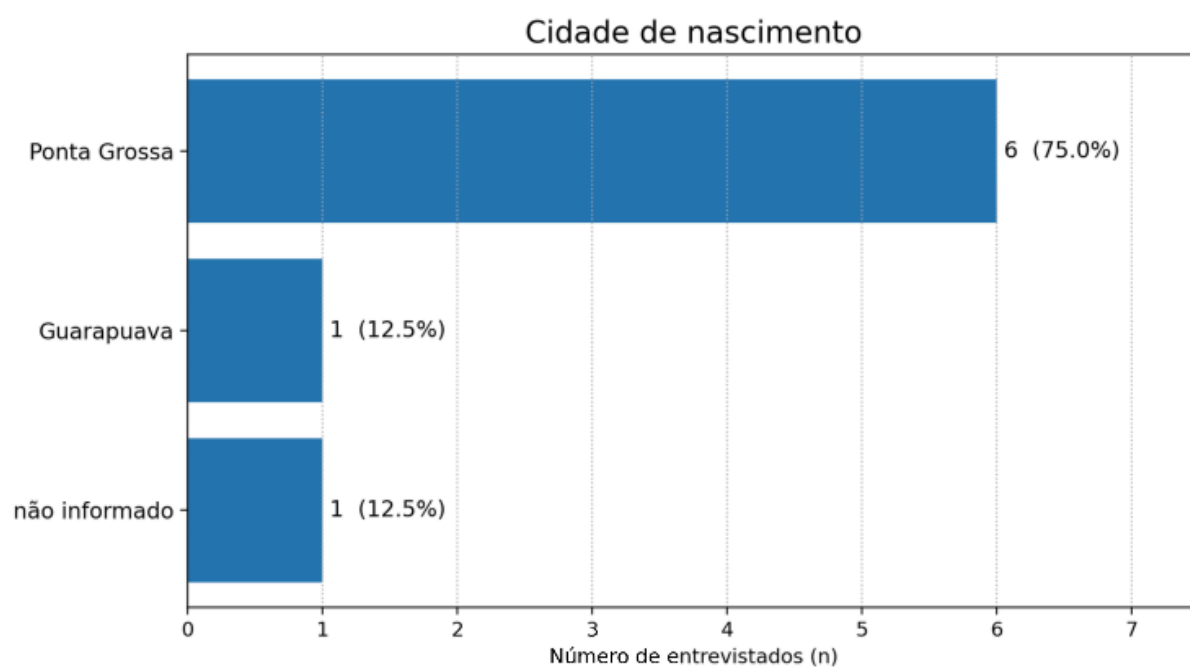
APÊNDICES

APÊNDICE A- GRÁFICOS GERAIS DOS ENTREVISTADO









APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA

I - PERFIL E TRAJETÓRIA DO ENTREVISTADO¹⁴

Nome Fictício:

Sexo:

Cidade nascimento:

Data de nascimento:

Idade:

Cor/Etnia: () Amarelo () Branco () Preto () Pardo () Indígena

Possui Religião: () Sim () Não

Participação Religiosa: () Muito participante () Pouco Participante () Nada participante

Religião a qual pertence: () Budista () Candomblé e Umbanda () Católica () Evangélica ()

Espírita () Muçulmana () Outra: _____

Acesso a informação - Assiste televisão () Sim () Não | Ouve rádio () Sim () Não

Lê notícias () Sim () Não

Lê revistas de notícias/atualidades () Sim () Não

Utiliza/ acessa a internet () Sim () Não

Mora com: () pais () outros familiares () companheiro/companheira () sozinho

Quantos residentes em casa: () 3 () 4 – 6 () 7 – 10 () 11 ou mais

Se possui filhos, quantos: () 1 () 2 – 3 () 4 ou mais

Se _____ **trabalha,** _____ **em** _____ **qual**
atividade: _____

1- Como e quando você se entendeu como um gay afeminado? O que isto significou para você?

2- Como foi sua experiência na infância e adolescência em relação à sua identidade de gênero e sexualidade? Sempre apresentou aspectos da feminilidade?

II - COTIDIANO E ESPAÇO GEOGRÁFICO

3- Quais são os lugares (espaços) da cidade onde você costuma frequentar no seu dia a dia (trabalho, estudo, comércio, lazer, lugares de afetividades...)?

4- Nas suas relações profissionais você se sente? Desvalorizado/prejudicado por ser gay afeminado?

5- Existem lugares em Ponta Grossa onde você se sente mais à vontade para expressar sua identidade e seu jeito de ser? Quais são e por quê?

6- Existem lugares em Ponta Grossa que se sente desconfortável/inseguro/com medo? Quais

¹⁴Adaptado de Hanke (2016)

são e por quê?

III - CORPOREIDADE, PERFORMATIVIDADE E ESTÉTICA

- 8- Como você expressa sua identidade de gênero por meio do corpo, da fala e da forma de se vestir?
- 9- Você sentiu a necessidade de mudar seu jeito de comportamentos, de andar, de falar, se vestir em certos lugares da cidade? Em qual contexto?
- 10- Como sua família reage ao seu jeito de ser?
- 11- Você percebe ou sente olhares de repúdio por causa da sua aparência e expressão corporal ao andar pela cidade?
- 12- Você considera que sua estética e corporeidade funcionam como uma forma de resistência? De que forma?

IV - VIOLÊNCIAS E EXCLUSÃO

- 13- Como as pessoas reagem com a sua presença nos diferentes espaços?
- 14- Já sofreu algum constrangimento, discriminação ou violência? Quais?
- 15- Como você lida com essas situações? Existem estratégias que você adota para se proteger ou resistir?

V - REDES DE APOIO E ESPAÇOS DE AFETIVIDADE

- 16- Quais espaços da cidade considera importantes no seu processo de se descobrir enquanto homem gay? De que modo esses espaços favoreceram esse processo?
- 16 - Você se sente confortável em demonstrar algum tipo de afeto em locais públicos?
- 17- Você participa ou participou de algum grupo, coletivo ou movimento LGBTQIAPN+ em Ponta Grossa? Qual a importância disso pra você?
- 18- Existem pessoas, espaços ou eventos que você considera como abrigo, ou lugares de acolhimento na cidade?
- 19- Como você enxerga a relevância de estar com outras pessoas como você no enfrentamento das violências?
- 20- Existem lugares ou momentos em que você se sentiu empoderado, reconhecido ou livre na cidade e pode ser você mesmo?
- 21- Como você percebe a presença de políticas públicas voltadas para a população LGBTQIAPN+ em Ponta Grossa? A cidade te dá direito de existir com liberdade? Elas são

efetivas?

22- O que você gostaria que mudasse na cidade para que gays afeminados pudessem viver com mais dignidade e segurança?

APÊNDICE C- TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS EM PESQUISA CIENTÍFICA

Eu, _____, portador(a) do CPF nº _____, residente em: _____, autorizo o pesquisador Charley Freitas Campos Discente do Curso de Mestrado em Gestão do Território do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, a utilizar minhas informações fornecidas para fins de pesquisa científica, conforme descrito no projeto intitulado "Performances corporais de homens gays afeminados e tensionamentos na produção do espaço geográfico hegemonicamente cisheteronormativo em Ponta Grossa-PR".

Declaro que estou ciente de que meus dados serão utilizados de forma confidencial e que posso retirar minha autorização a qualquer momento, mediante solicitação por escrito, sem prejuízo de qualquer direito.

Por favor, assine abaixo para confirmar sua autorização.

Local, Data

Assinatura do(a) participante